

Estado Búdico Sem Meditação



UM RELATO VISIONÁRIO CONHECIDO COMO
Refinamento da Própria Percepção
(*Nang-jang*)

DUDJOM LINGPA



Dudjom Lingpa

Estado Búdico Sem Meditação

Um Relato Visionário Conhecido como
Refinamento da Própria Percepção
(*Nang-jang*)

EDIÇÃO REVISADA

Dudjom Lingpa

*Traduzido do Tibetano sob a direção
de Sua Eminência Chagdud Tulku Rinpoche
e Lama Padma Dribled Norbu
por Richard Barron (Lama Chokyi Nyima)
e Susanne Fairclough*

Adaptação para o português Marcos Paulo

Publicado por Padma Publishing
P.O. Box 279
Junction City, CA 96048-0279
© Padma Publishing 1994
Edição revisada de 2002
Edição Revisada, Segunda Impressão 2006

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem permissão por escrito da editora.

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso
Bdud-'joms-glin - pa, Gter-ston, b. 1835.
[Ran biin rdzogs pa chen po'i ferroviário miton du byed
Pa'i gdams pa zab gsan siin po. Inglês]
Estado Búdico sem meditação: um relato visionário conhecido
como *Refinamento da própria percepção (Nang-jang)* / Dudjom Lingpa;
traduzido do tibetano sob a direção de
Chagdud Tulku Rinpoche e Lama Padma Dribled Norbu
por Richard Barron e Susanne Fairclough.
p.cm

ISBN-10: 1-881847-33-0

ISBN-13: 978-1-881847-33-5

1. Rdzogs-chen (Riim-ma-pa) I. Título: Nang-jang.

II. Barron, Richard. III Título

BQ7662.4.B3422813 2002
294.3'4446-dc21

2002025261 CIP

ESTE TEXTO PERTENCE à categoria do atiyoga, o mais alto dos nove veículos que constituem o caminho budista. Além disso, é da linhagem curta de Dudjom Lingpa, uma transmissão direta da abordagem da Grande Perfeição tão poderosa que mesmo escutar a sua leitura em voz alta assegura que o ouvinte, em algum momento, escapará do sofrimento do samsara.

Deve-se lembrar, no entanto, que, para se beneficiar plenamente do *Nang-jang*, é preciso receber empoderamento, transmissão oral e ensinamentos de um mestre Dzogchen qualificado.

Conteúdo

Lista de ilustrações

Nota do Tradutor para a Edição Revisada

Nota do Tradutor para a Primeira Edição

Introdução por Sua Eminência
Chagdud Tulku Rinpoche

Estado Búdico Sem Meditação:

Texto tibetano e tradução

Posfácio de Sua Santidade Dudjom Rinpoche

Análise Estrutural e Sumário
por Sua Santidade Dudjom Rinpoche

Glossário

Ilustrações

Dudjom Lingpa

Frontispício

Avalokiteshvara

Orgyan Tsokyey Dorje

Rigdzin Duddul Dorje

Longchenpa Drimed Odzer

Saraha

Vajrapani

Dorje Drolod

Vajradhara

Hungchhenkara

Manjushri, Leão do Discurso

Orgyan Tsokyey Dorje

Ekajari

Shri Simha

Zurchhung Sheyrab Dragpa

Nota do Tradutor para a Edição Revisada

DURANTE O CURSO da transmissão dos ensinamentos do Buda da Índia para o Tibete, edições de textos traduzidos evoluíram, muitas vezes ao longo de muitas centenas de anos, antes que os textos que agora usamos como padrão surgissem.

Esta edição revisada do *Estado Búdico Sem Meditação*, embora tenha evoluído ao longo de apenas quatro anos, é o resultado de mudanças significativas que refletem as bênçãos de Lama Padma Dribled Norbu e sua transmissão deste texto em seus retiros anuais de Dzogchen. Como Lama Drimed desejava tornar a terminologia e o significado mais claros para seus alunos ocidentais, iniciamos uma revisão do texto em 1998. Estimulado por suas pesquisas perspicazes e em consulta com ele, nós continuamos refinando sua linguagem durante os próximos três anos, resolvendo questões com Sua Eminência Chagdud Tulku Rinpoche.

Este processo causou grande benefício a partir dos refinamentos na terminologia resultante do trabalho do Comitê de Tradução Padma em dois outros textos da Grande Perfeição de Longchenpa, *O Tesouro Precioso da Maneira de Permanecer* e *O Tesouro Precioso do Espaço Básico dos Fenômenos*. Estes termos foram aplicados ao corpo principal do *Estado Búdico Sem Meditação*, a *Análise Estrutural e Sumário* por Sua Santidade Dudjom Rinpoche, e o Glossário. Finalmente, para ajudar o leitor, incluímos um guia de pronúncia para os termos tibetanos transliterados.

Que todos aqueles que encontram um texto tão precioso tenham a sorte de receber a linhagem de transmissão de um mestre realizado e levar a fruição suas incomparáveis bênçãos.

RICHARD BARRON
SUSANNE FAIRCLOUGH
Março de 2002

Nota do Tradutor para a Primeira Edição

ESTE TEXTO É UMA TRADUÇÃO de um relato compilado no século XIX por Dudjom Lingpa, um grande mestre visionário e de meditação da escola Nyingma do budismo tibetano que viveu de 1835 a 1904. O título completo do texto é *Estado Búdico Sem Meditação: Conselhos Para Tornar Totalmente Evidente a Verdadeira Face – Grande Perfeição Natural*, mas o trabalho é mais comumente referido entre os tibetanos como o *Nang-jang*, que pode ser traduzido como *Refinamento da Própria Percepção*. É uma das obras padrão agora usadas para apresentar os ensinamentos da abordagem do Dzogchen, ou Grande Perfeição, particularmente aqueles ensinamentos que se relacionam com o nível de prática conhecido como *t'hreg-ghod*, ou "cortando através da solidez".

O relato de Dudjom Lingpa é na forma de um diário descrevendo uma série de visões e sonhos que ele experimentou ao longo de sua vida. Na verdade, grande parte do texto consiste em Dudjom Lingpa citando as divindades e mestres que ele encontrou nessas ocasiões. O conhecimento que ele adquiriu durante suas experiências abrange o leque de ensinamentos sobre a "visão" da abordagem da Grande Perfeição da escola Nyingma. Sua Santidade Dudjom Rinpoche, Jigdral Yeshe Dorje (1904-1987), que foi o renascimento de Dudjom Lingpa, editou o manuscrito original para garantir sua precisão. Ele também escreveu uma inestimável análise estrutural e sumário que organiza e elucida a informação recebida por Dudjom Lingpa. Uma tradução deste sumário foi incluída neste volume para servir como um guia de estudo para o texto principal.

Os primeiros rascunhos da tradução foram preparados na primavera de 1988, após um retiro de seis semanas sob a direção do Venerável Chagdud Tulku Rinpoche. Chagdud Rinpoche usou o texto do *Nang-jang* como base para suas explicações do caminho de *t'hreg-ghod*. Este curso foi minha primeira exposição profunda aos ensinamentos da Grande Perfeição. Recordo que fiquei tão encantado com a qualidade mágica do estilo de Dudjom Lingpa e a apresentação de Chagdud Rinpoche quanto com a informação que transmitiam. Após o retiro, o intérprete de Chagdud Rinpoche, Tsering Everest, pediu que o texto fosse traduzido para o inglês. O projeto de tradução foi realizado pela Padma Publishing, uma filial da Fundação Chagdud Gonpa. Como tradutor do projeto, eu produzi, de forma rudimentar, alguns rascunhos do texto nos meses seguintes. Isto foi revisado em detalhe meticuloso por Chagdud Rinpoche, cujas correções e sugestões foram então incorporadas.

O longo processo de revisão envolveu reformular o texto em inglês várias vezes, cada versão sucessiva foi revisada por Chagdud Rinpoche e, em seguida, reformulada para melhorar a precisão da tradução. Em várias etapas, o texto foi editado pelo Comitê de Tradução da Padma Publishing.

Durante cinco anos, a tradução foi amplamente revisada, e agora oferecemos esta publicação com a esperança de que o significado das palavras de Dudjom Lingpa seja transmitido com precisão e de que parte do espírito deste relato extraordinário tenha sido preservado. Uma nota sobre a transliteração de termos e nomes tibetanos e sânscritos: O tibetano é uma linguagem difícil de falar pelos falantes de inglês, e existem tantos sistemas quanto há tradutores. Nós seguimos o sistema usado por Padma Publishing, baseado em um sistema anterior desenvolvido por Chagdud Rinpoche para seus estudantes. Para acomodar aqueles com algum conhecimento do tibetano, há um glossário com os termos na escrita tibetana. Para os termos em sânscrito no texto, uma versão modificada da transliteração foi usada que omite as marcas diacríticas adotadas pelos estudiosos; as entradas no glossário, entretanto, fornecem diacríticos completos. Para o benefício daqueles que estão familiarizados com a língua tibetana, ou desejam torná-se assim, incluímos o tibetano tanto para o texto principal como para o sumário, dispostos de modo a corresponder o mais próximo possível da tradução inglesa nas páginas de rosto.

Gostaria de reconhecer uma profunda dívida de gratidão a Chagdud Rinpoche por fornecer a inspiração e orientação essencial para compreender (e, portanto, traduzir) um texto de tal profundidade. Os meus agradecimentos também aos membros do Comitê de Tradução pela sua crítica construtiva e iluminadora das minhas tentativas de captar o sentido deste texto. Eu também sou grato a Phyllis Glanville pelos desenhos de linha originais.

RICHARD BARRON
Agosto de 1993

Introdução

Sua Eminência Chagdud Tulku Rinpoche

Dharmakaya, toda a vasta gama de pureza atemporal;
Sambhogakaya, toda a vasta gama de uma exibição incessante
de deidades pacíficas e iradas;
Nirmanakaya, toda a vasta gama que doma os seres
de qualquer maneira necessária:

Inclino-me a Dudjom Lingpa, domador dos seres.
Ó senhor protetor, embora suas qualidades não possam ser
adequadamente descritas,
Escreverei brevemente o exemplo de vossa vida para
abrir a porta para que aqueles de nós com mentes pequenas
entrem com fé no esplendor de vosso excelente discurso, o néctar de
conselhos espirituais profundos.
Deidades e gurus, concedam-me suas bênçãos para o meu compromisso!

No passado distante, a fim de trazer benefício aos ensinamentos e aos seres, o grande professor dharmakaya Vajradhara manifesta-se nas percepções das pessoas para serem treinadas, surgindo na forma de um senhor entre os iogues conhecidos como Niidan Dorje.

Este poderoso yogue, que foi empoderado como um regente espiritual dos três reinos e que rezava com enorme aspiração para beneficiar os seres, conferiu um empoderamento aos mil budas futuros desta era. Ele orou: "Até que os ensinamentos desses mil budas do bem-aventurado tenham chegado ao fim, que minhas emanações possam aparecer sem interrupção, realizando um grande benefício para os seres a serem domados!"

O poder dessa aspiração era tal que centenas de suas emanações beneficiavam os seres sempre que as circunstâncias eram adequadas. Dentre eles estavam a emanação do shravaka Shariputra durante o tempo de nosso professor, o Buda Shakyamuni, e seguindo-o o rigdzin Hungchhenkara, o tradutor Drogban Khye'uchhung Lotsawa, Dampa Desheg, que fundou o Mosteiro Kachhog, Kharnagpa do clã Drum e Hepa Chhojung, assim como Dudjom Dorje, Duddul Rolpatzal, e numerosas outras emanações que asseguraram o bem-estar dos seres.

Mais especificamente, o mestre Padmakara, cujo conhecimento engloba os três tempos, exortou uma emanação a aparecer como seu próprio emissário, um senhor protetor para seres em tempos de degeneração espiritual. De acordo com seu comando, Dudjom Lingpa foi concebido em meio a sinais maravilhosos no ventre de uma mulher do clã Nub. Sua mãe sentiu grande bem-estar físico e mental durante sua gravidez, e houve sinais maravilhosos quando ele nasceu sem dificuldade em uma pequena tenda de feltro. A habitação inteira estava cheia e rodeada de arco-íris e esferas de luz, fragrâncias

perfumadas flutuavam e uma chuva de flores caía. Em 1835, no ano da ovelha, no décimo dia do primeiro mês (que comemora a exibição dos milagres de Buda), sua forma, marcada com sinais maiores e menores de perfeição, apareceu como um florescimento do lótus. Todos na área ao redor falaram de um nascimento de uma encarnação. Muitas pessoas santas, como Lama Jigmed, o elogiaram como um nirmanakaya incomparavelmente sublime e profetizaram que ele realizaria grandes coisas pela causa dos outros.

Durante os três primeiros anos de sua vida, ele viu anfitriões das dakinis e deidades protetoras realizando suas atividades, guardando e cuidando dele enquanto cantava, dançava e tocava música. Ele também tinha várias visões de hordas de maras obstrutivos lutando contra os deuses cuja função era guardá-lo. Outras pessoas às vezes podiam ver e ouvir o que estava acontecendo.

Mais tarde em sua vida, Dudjom Lingpa relatou um incidente que ocorreu quando ele tinha três anos: "Eu vi minha mãe se preparando para ir buscar raízes comestíveis e tentei ir junto, mas ela me amarrou na corda principal da nossa tenda e saiu.

Comecei a chorar e estava perto de desmaiar quando vi uma dakini branca, que me disse: "Venha ficar com sua mãe". Com isso, eu vi um espectro completo de um reino puro brilhando com luz colorida de safira e muitos sistemas mundiais ao norte. No centro desse reino estava um buda, um conquistador transcendente e realizado chamado Don Mizawai Gyalpo (O Rei Que Não Hesita), cercado por um séquito de incontáveis bodhisattvas. Eu me prostrei a eles com devoção e disse:

Homenagem!

Sublime epítome de todas as famílias búdicas e mandalas,

Eu presto homenagem a você, Ó transcendente e realizado vitorioso!

Liberte a mim e aos outros, todos os seres que vagueiam no samsara – liberte-nos do oceano da existência condicionada e inspira-nos.

"Quando orei com estas palavras, raios de cinco luzes coloridas brilharam do coração do vitorioso e dissolveram-se no meu coração, e então eu experimentei a consciência atemporal como êxtase e vacuidade inseparáveis. Da boca do tathagata vieram às palavras 'Meu filho, exalto-te como meu regente, e confiro a você o empoderamento da abordagem do mantra secreto do vajrayana. Você alcançou os siddhis sublimes e comuns.' Dizendo isso, ele colocou uma urna de cristal em minhas mãos, dentro dela estavam as sílabas *Om Ah Hung*, respectivamente brancas, vermelhas e azuis. Ele disse: 'Estas são como uma herança da riqueza de seu pai espiritual, então você deve engoli-las sem quaisquer reservas.' À medida que eu as engolia, muitos tópicos dos ensinamentos do Buda e lembranças vívidas de vidas passadas ficaram claros para mim, assim como lembranças de ensinamentos que eu tinha ouvido, contemplado e meditado.

"Em outra ocasião, uma dakini me levou a Oddiyana, o reino das dakinis, onde encontrei Vajravarahi, a mais importante entre as dakinis, de suas mãos emanaram as quatro sílabas da força vital das dakinis (*Ha Ri Ni Sa*), e eu vesti uma armadura protetora feito de raios de luz. Também, da ponta do seu peito direito veio uma sílaba

Bam, que se dissolveu em meu coração e me tornou vitorioso sobre os obstáculos. Eu ganhei domínio sobre poderes psíquicos e habilidades milagrosas. As dakinis revelaram seus rostos para mim e me deram néctar de suas copas de crânio, e profecias proferidas sobre a minha necessidade de confiar em mentores espirituais. De repente, centenas de portas se abriram para ouvir e contemplar os ensinamentos.”

Avalokiteshvara, exaltado e sublime bodhisattva de bondade amorosa, guardava Dudjom Lingpa enquanto agia como um companheiro, assumindo a forma de um rapaz de pele clara, bonito e jovem. Manjushri, o leão do discurso, tomou-o sob seus cuidados, fazendo com que a energia dinâmica poderosa do conhecimento sublime flamejasse dentro dele. Além disso, ele foi cuidado e abençoado pelas personificações atemporais de consciência de tais divindades e gurus como o Senhor dos Segredos Vajrapani, o grande siddha Saraha, os oito grandes rigdzins, Longchen Rabjam, Zurchhung Sheyrap Draga e outros.

Ele viajou para a Montanha da Glória no subcontinente de Ngayab. Embora ele tenha ficado apenas por um dia em termos humanos, para ele sua estada durou doze anos. Do grande Orgyan recebeu instruções espirituais que o amadureceram e o libertaram. Este grande mestre investiu Dudjom Lingpa como seu regente para agir como um senhor protetor para os seres em tempos de degeneração espiritual. Dentro de cada átomo, Dudjom Lingpa contemplava oceanos de encarnações iluminadas e reinos puros, e de cada uma dessas encarnações suas emanações ilimitadas ouviram ensinamentos espirituais que a imaginação ordinária só podia compreender com grande dificuldade.

Com o despertar de suas propensões cármicas anteriores, Dudjom Lingpa ganhou sabedoria consumada e realização, de modo que aqueles que traziam indícios de aprendizado e realização espiritual lhe mostraram honra por meio de sua devoção. Hostes de dakinis, como Yeshe Tsogyal, profetizavam-lhe acontecimentos e cuidavam dele como um filho. Os guardiões ligados por juramento, os protetores dos ensinamentos do Buda e os guardiões dos ensinamentos dos tesouros escondidos, todos o acompanhavam como a sombra de um corpo e atendiam a todos os seus comandos.

Ele não tinha ânsia pelas paixões comuns que levam a um comportamento luxurioso e um tipo de felicidade degenerativa. Em vez disso, ele estava livre de todas as falhas de apego que resultam de seguir um caminho do desejo comum. Ele era um grande praticante espiritual no verdadeiro sentido do termo, aquele que sustentava os princípios mais elevados da conduta pura.

Ele estava assim profundamente motivado pelo amor e pela compaixão e tinha cultivado a bodhichitta sublime, a motivação altruísta para beneficiar os outros por tantos eons, que todos os que estavam ligados a este grande bodhisattva, este filho dos vitoriosos, encontraram propósito nessa conexão.

Em sua busca pelo supremo meio hábil do caminho curto, o vajrayana, este grande senhor entre os yogues trouxe até seu limite a realização nascida da prática do estágio de desenvolvimento, de modo que ele percebeu as aparências e os sons como um estado de pureza, uma mandala de consciência atemporal. A consciência atemporal tornou-se completamente evidente para ele enquanto a felicidade brilhou em seu corpo, a potência em seu discurso, e a realização em sua mente. Os homens e os dakas, as mulheres e as dakinis, os alimentos, as posses e a riqueza reuniam-se ao seu redor como nuvens

amontoadas. Ele era um grande mestre da transformação, desempenhando atividades para fins desejáveis, demonstrando o domínio sobre os quatro tipos de atividade e as oito realizações espirituais, como mover-se através do espaço ou da matéria sólida.

A fase do estágio de conclusão que envolve esforço é uma abordagem maravilhosa. Através desses poderosos meios habilidosos, este grande herói espiritual aproveitou completamente as energias sutis que se moviam nos *roma* e *kyangma*, os canais laterais de meios hábeis e conhecimento sublime, de modo que essas "passagens do sol e da lua" foram trazidas para dentro do espaço básico do *dhuti*, o canal central. Com isso, ele triunfou sobre as maquinações da confusão criadas pela energia sutil e impura do carma. Estimulado pela energia sutil da consciência atemporal que ocorre naturalmente, o jogo do calor sublime de *chandali* transformou seus três canais e chakras, esvaziando e queimando os padrões de pensamento do apego dualista dentro da vasta extensão do conhecimento sublime não dual. O brilho radiante disso o intoxicou com os dezesseis graus de alegria – o processo aparentemente em mudança do que é realmente o nível mais sublime e imutável de meios hábeis. Isso resultou na felicidade brilhante e suprema da igualdade, e ele então adotou um modo de conduta que trouxe as manifestações naturais da consciência sob seu poder e subjugou as aparências externas com o esplendor de sua realização. Sua conduta tornou-se uma dança através da qual despertou, de maneira muito direta, o aspecto supremamente feliz de uma consciência atemporal em qualquer pessoa que tivesse o carma e a boa fortuna apropriados.

A abordagem mais especial, o mais secreto dos caminhos secretos, é o caminho rápido da lucidez total, o pináculo vajra. Não contaminada por considerações de bem ou mal, a consciência atemporal é a união nua da consciência e vacuidade, atemporal em sua pureza original. Esta é a natureza inerentemente e fundamentalmente incondicionada da própria mente, a intenção iluminada de Kuntuzangpo, livre de elaboração. Esse ponto-chave secreto tornou-se completamente evidente para Dudjom Lingpa.

Quanto ao processo de meditação sem esforço, a natureza fundamental de todos os fenômenos é tal que é totalmente sem esforço, livre de qualquer senso de "isto é para ser feito" ou "é assim que se faz". Além dos conceitos comuns de meditação ou não-meditação, é o estado genuíno e não-elaborado.

Livre da camada obscurecida do não reconhecimento da consciência, ela é desobstruída. Livre dos estreitos limites da esperança e do medo, é irrestrita. A "ioga do espaço" é a yoga que se ocupa com essa extensão suprema de ser em que a realização e a liberdade são simultâneas, nas quais não há nada para meditar, mas tampouco há distração. A lucidez interior é o "brilho incessante do ser" – a natureza de todas as qualidades dos kayas e da consciência atemporal, natural e espontaneamente presentes. Ao ganhar domínio sobre isso através dos pontos-chave das posturas físicas e técnicas de observação no caminho de "superando o pináculo" (*t'hod-gal*), Dudjom Lingpa se deparou com as aparições visionárias da verdadeira natureza dos fenômenos – isto é, do espaço básico (*ying*), esferas de luz (*t'hig-le*) e a radiância da consciência (*rig-dang*). Uma vez que ele adquiriu percepção direta dessas três, elas se enriqueceram e alcançaram expressão plena à medida que as visões desse caminho se desdobraram no que parecia o piscar de um olho, como um oceano de qualidades maravilhosas que surgem como formas de deidades pacíficas e iradas.

As dakinis do espaço básico da consciência atemporal conferiram-lhe seu tesouro supremo de insuperável profundidade e sigilo, e exaltavam nas profecias os objetivos extensos e sublimes que cumpriria no futuro. Exortaram-no a abrir a porta para o tesouro dos segredos das dakinis. Dentro da visão de uma consciência atemporal que não tem um quadro fixo de referência, ele mergulhou em visões de todo o universo como uma vasta gama de pureza. Ensinaamentos ocultos do tesouro de uma mente iluminada inesgotáveis brotavam como uma questão de curso da vasta extensão de sua intenção iluminada. Ao liberar o selo de confiança das dakinis e trazer à tona esses profundos ensinamentos do tesouro escondido, Dudjom Lingpa foi um revelador sublime de tais tesouros, um grande monarca universal entre os mestres, libertando o selo de confiança das dakinis e produzindo esses profundos ensinamentos do tesouro escondido. Ele promulgou um tesouro de ensinamentos ocultos semelhante a jóias preciosas como um banquete para ser apreciado por alunos afortunados a ser domados – ensinamentos sobre guru-yoga, a Grande Perfeição, o bodhisattva da compaixão Avalokiteshvara, os estágios do desenvolvimento e conclusão, práticas preliminares e técnicas secundárias, bem como rituais de atividade menores para uma infinidade de propósitos.

Há seres nestes tempos de degeneração espiritual que provam ser difíceis de domar através de esforços espirituais. As profecias vajra exaltam a necessidade de domá-las através da abordagem sem esforço de ati, a Grande Perfeição, a essência do coração secreto da verdade definitiva. De acordo com essas profecias, para que os afortunados sejam domados, Dudjom Lingpa iluminou a lâmpada desses ensinamentos da abordagem do pináculo dos segredos supremos.

Sua forma sublime e carismática, trazendo libertação à vista, era um pai em vestes brancas e carregadas com sólidos cachos de cabelos. Podia passar à vontade através de coisas tangíveis comuns. Em suas orelhas ele usava grandes aros de concha.

Ele poderia reviver seres que haviam sido mortos. A luz do arco-íris brilhava, as chuvas de flores caíam e os odores perfumados fluíam quando ele conduzia os empoderamentos, rituais intensos de grupo (*drubchhens*) e oferendas de festim. Esses sinais de realização bem-sucedida foram percebidos diretamente pelos presentes. Parte do benefício que trouxe derivou das melodiosas canções vajra de profundo ensinamento e conselhos espirituais que fluíam incessantemente de sua garganta de ouro, quando ouvidos traziam libertação. Ele libertou os fluxos mentais de seus alunos no momento em que focalizou sua intenção iluminada sobre eles, muitas vezes acompanhando isso com palavras ou golpes afiados. Através do caminho da paixão suprema sem apego comum, ele conduziu aquelas mulheres com quem tinha uma conexão e as dakinis do compromisso samaya, a um destino igual ao seu próprio como um glorioso heruka.

Ele fundou uma linhagem de siddhas realizados através de oito seres encarnados que carregavam sua linhagem de sangue, treze crianças de corações excelentes que atingiram o corpo de arco-íris, um mil de seus alunos que obtiveram o nível de rigdzin, e outros. Em seus sonhos, um deus chamado Dung-gi Zurp'hud e uma não-humana chamada Zurme, que era irmã de Dudjom Lingpa, desvendaram símbolos para ele e profetizaram que o benefício para os seres que derivam de seus profundos ensinamentos dos tesouros escondidos iria para o oeste, dizendo , "Essas cidades de seres humanos ao ocidente têm aqueles que merecem ser domados por você". Eles também disseram: "O som da concha no oeste é um sinal de sua fama crescente. O brilho de raios de sol em

poços no chão é o simbólico daqueles que você vai domar." De acordo com essas profecias, vimos que as atividades associadas aos ensinamentos profundos do tesouro escondido de Dudjom Lingpa se espalharam e floresceram em regiões próximas e distantes, especialmente no hemisfério ocidental.

Seria difícil, de fato, descrever com precisão o significado dos inconcebíveis segredos da fala iluminada encontrados nos profundos ensinamentos do tesouro escondido de tal Rei dos ensinamentos do Buda como o grande revelador dos tesouros T'hrag-t'hung Dudjom Lingpa. No entanto, esta tradução foi realizada por um tradutor que, por causa de aspirações anteriores e karma, é fluente em Inglês e Tibetano. Ele é chamado Chokyi Nyima na língua do Tibete, a Terra das Neves, e Richard Barron na linguagem de seu lar ocidental do Canadá e dos Estados Unidos. Esta excelente tradução foi escrupulosamente editada uma e outra vez para a precisão e para garantir uma versão clara e legível do texto. Eu mesmo contribuí para o processo de tradução e edição, oferecendo meus próprios serviços com respeito sincero por esses ensinamentos.

Como observa Dudjom Rinpoche no Posfácio, as palavras deste texto são as "reliquias do dharmakaya". Eles podem ser lidos por aqueles que receberam os ensinamentos pessoalmente de um lama que possui essa linhagem; antes disso o texto deve ser mantido como um objeto de adoração no santuário. Se esta condição for cumprida, não há dúvida de que alguém emergirá vitorioso na batalha com circunstâncias e obstáculos contraproducentes e que circunstâncias de apoio trarão benefícios imediatos nesta vida e no futuro.

Embora o exemplo de vida desse senhor protetor seja difícil de descrever completamente,
falei brevemente dele com uma atitude nobre.
Através do poder disto, que o senhor protetor
me guie em todas as vidas
e que minha capacidade de beneficiar seres seja tão enorme
quanto a sua, meu senhor protetor!
Das profundezas infinitas de sua mente iluminada,
secreta e profunda, emitiu este conselho profundo o *Estado Búdico Sem Meditação*, tornando plenamente evidente a verdadeira face da natural grande perfeição.
Com motivação altruísta os patronos promoveram
este projeto, um tradutor fluente em ambas as línguas
apresentou esta tradução, e os editores eliminaram imprecisões.
Para todos os seres nos três reinos, e acima de tudo
para todos os que mostram a este ensino o respeito que merece,
as distorções dos três obscurecimentos podem ser
dispersas no espaço básico dos fenômenos,
e sua natureza fundamental – a intenção
iluminada dos três kayas – tornar-se-á evidente!

༄༅། རང་བཞིན་རྫོགས་པ་ཚེན་པོའི་རང་ལམ་མངོན་དུ་བྱེད་པའི་
གདམས་པ་མ་བསྐྱོམ་སངས་རྒྱལ་བཞུགས་སོ།།

Estado Búdico Sem Meditação

*Conselhos Para Tornar Totalmente Evidente
a Verdadeira Face – Grande Perfeição Natural*

COM FÉ INABALÁVEL, eu presto homenagem à sublime cidadela da exibição mágica da consciência atemporal (*ye-shey*), o princípio soberano, o guia primordial. Nestes dias, quando os cinco tipos de degeneração estão em ascensão, os seres comuns são, sem exceção, ásperos, selvagens e sob o domínio de um poderoso carma negativo. Fixados no mero sonho da passagem desta vida humana, eles fazem planos de longo prazo como se eles estivessem indo viver para sempre e viram as costas para a busca de algo significativo para vidas futuras. Por esta razão, parece-me que aqueles que buscam sinceramente a libertação e a onisciência não são mais numerosos do que as estrelas do dia. Mesmo que as pessoas possam estar cientes de sua mortalidade e ardentemente desejarem praticar os ensinamentos do Buda, elas gastam sua existência humana simplesmente se envolvendo fisicamente e verbalmente em empreendimentos espirituais e, assim, buscam renascimentos superiores como deuses ou seres humanos.

Alguns, sem a menor compreensão da visão da vacuidade (*tong-nyid*), chegam a uma decisão de que suas próprias mentes estão vazias. Isso os introduz no que é nada mais que um estado de conceituação (*nam-par tog-pa*) ou consciência passiva. Eles permanecem neste estado sem nada a fazer, e assim são impulsionados para o renascimento entre os deuses dos reinos do desejo e da forma, mas isso não os aproxima nem mais nem menos do caminho da onisciência.

Portanto, se alguns indivíduos espirituais têm, por imensuráveis eons, reunido as acumulações em grande escala e, tendo as acumulado com nobres aspirações, e estabeleceram alguma conexão cármica com os ensinamentos espirituais concernentes à realidade última, eu os ensinarei de acordo com sua perspicácia e boa fortuna. Aqueles que não têm uma conexão cármica comigo e a boa fortuna de fazer uso dos ensinamentos da Grande Perfeição, e em vez disso os exagera ou os denigre, baniram suas próprias mentes para algum deserto solitário. Vocês indivíduos espirituais que não são como estes e cuja boa fortuna é igual à minha, considere meu conselho. Através do exame, análise, familiarização e conhecimento, reconhecem o samsara e o nirvana como a suprema vacuidade e assim realizam sua natureza fundamental (*ngang*).

Três categorias são encontradas na abordagem da Grande Perfeição natural: a Categoria da Mente (*sem-dhe*), a Categoria da Expansão (*long-dhe*) e a Categoria da Transmissão Direta (*man-ngag-dhe*). Este texto pertence ao que é chamado a categoria secreta da Transmissão Direta. Há três seções aqui, referentes à visão (*ta-wa*), meditação (*gom-pa*) e conduta (*kyod-pa*).



Avalokiteshvara

EM PRIMEIRO LUGAR, para chegar a uma conclusão definitiva (*tan la wab-pa*) sobre a visão, o ponto-chave sagrado é chegar a uma compreensão definitiva através de quatro tópicos – inefabilidade (*medpa*), unicidade (*chig-pu*), abertura (*khyal-wa*), e presença espontânea (*lhun-drub*) – e realizá-los como eles são. No primeiro destes tópicos, o processo de chegar a uma conclusão definitiva sobre a inefabilidade tem duas divisões: chegar a uma conclusão definitiva sobre a identidade pessoal (*gang zag gi dag*) e uma conclusão definitiva sobre a identidade dos fenômenos (*chho kyi dag*).

Começamos por definir a "identidade pessoal". A impressão de que existe uma identidade (*dag*), seja na experiência de vigília, estados de sonho, no bardo – o estado intermediário da existência condicionada entre a morte e o renascimento – ou a próxima vida, é chamada de "identidade pessoal". Imediatamente após esta primeira impressão, há uma consciência subjacente que toma esta impressão como um "eu" e que é denominada "consciência subsequente" ou "conceitualização". Como atenção é dada a isso, ele vem a parecer estável e sólido. Por estas razões, tentando primeiro localizar a fonte a partir da qual este chamado eu ocorre, você chegará à conclusão de que ele não tem fonte autêntica.

Ao procurar o lugar onde essa identidade poderia habitar entre sua origem e sua cessação, você deve examinar da seguinte maneira para determinar se, para este chamado eu, um local e algo localizado ali existem como qualquer coisa que possa ser individualmente identificada e caracterizada.

A cabeça é chamada de "cabeça"; não é o eu. Da mesma forma, a pele da cabeça é chamada de "pele"; não é o eu. O osso, ao ser referido apenas como "osso", não é o eu. Do mesmo modo, os olhos, sendo apenas olhos, não são o eu. Os ouvidos, sendo apenas ouvidos, não são o eu. O nariz, sendo apenas o nariz, não é o eu. A língua, sendo apenas a língua, não é o eu. Os dentes, sendo apenas dentes, não são o eu. O cérebro também não é o eu. Quanto aos músculos, sangue, linfa, nervos, vasos sanguíneos e tendões, ao serem referidos apenas por seus próprios nomes, eles não são rotulados como "eu". A partir disto, você ganhará compreensão.

Além disso, os braços, sendo apenas braços, não são o eu. Os ombros também não são o eu, nem os braços, os antebraços ou os dedos. Além do mais, a espinha, em ser apenas a espinha, não é o eu. As costelas não são o eu, o peito não é o eu, os pulmões não são o eu, o coração não é o eu, o diafragma não é o eu, o fígado e o baço não são o eu, os intestinos e os rins não são eu, e a urina e fezes não são o eu. Também, este rótulo "eu" não é aplicado às pernas. O rótulo "coxas", não o rótulo "eu", é aplicado às coxas. Igualmente, os quadris não são o eu. As canelas não são o eu, nem são o dorso dos pés ou os dedos dos pés.

Para resumir, a pele externa não é rotulada como "eu"; as camadas intermediárias de músculo e gordura, ao serem referidos como "músculo" e "gordura", não são rotulados

como "eu"; os ossos no interior, ao serem referidos como "ossos", não são rotulados como "eu"; a medula mais profunda, ao ser referida como "medula", não é rotulada como "eu"; e mesmo a consciência, ao ser assim rotulada, não é rotulada como "eu". Portanto, você pode estar certo da vacuidade na ausência de qualquer local ou algo localizado entre a originação e cessação.

Da mesma forma, você deve chegar à decisão de que todos os destinos finais e qualquer coisa lá são transcendidos. Na realidade, como com a visão comprometida, há a aparência de que as coisas são o que não são. Além disso, usar todos estes rótulos é como falar dos chifres de um coelho.

Em segundo lugar, para chegar a uma conclusão definitiva de que os fenômenos carecem de qualquer identidade, você deve procurar alguma base sobre a qual os rótulos podem ser aplicados, abolir seus conceitos da aparente permanência das coisas, confrontar as falhas ocultas do benefício e do dano e colapsar a falsa caverna da esperança e do medo.

Para começar, se você procurar algo com significado final que subjaz à aplicação de todos os nomes, você verá que isso não passa de rótulos sendo aplicados ao que, ao ser inefável, é simplesmente o brilho natural (*rang-dang*) que está subjacente ao pensamento. Isso ocorre porque é impossível que qualquer fenômeno tenha existido como auto-sustentável em termos de ser uma base para a rotulagem. Por exemplo, o que "cabeça" se refere e por quê? O rótulo é aplicado porque a cabeça constitui a primeira etapa no crescimento do corpo, porque é redonda, ou porque parece superior? Na verdade, a cabeça não é a primeira fase no crescimento do corpo, o rótulo "cabeça" não é aplicado a tudo o que é redondo, e quando você examina os conceitos de "superior" e "inferior", não há absolutos de superior ou inferior no espaço. Da mesma forma, o cabelo da cabeça não é a cabeça. A pele, ao ser pele, não é rotulada de "cabeça". Os ossos, ao serem chamados de "ossos", não são rotulados como "cabeça". O cérebro não é a cabeça, os olhos e os ouvidos não são a cabeça e o nariz e a língua não são a cabeça.

Você pode sugerir que, se isolarmos essas partes individualmente, elas não constituem a cabeça, mas sua massa coletiva é chamada de "cabeça". Mas se você cortasse a cabeça de uma criatura e a pulverizasse em moléculas e partículas subatômicas, e depois a mostrasse a qualquer pessoa no mundo, ninguém diria que era uma "cabeça". Mesmo se as partículas fossem reconstituídas com água, essa massa não seria rotulada de "cabeça". Então você deve entender a situação – que não há nenhum objeto que é a base para a expressão "cabeça", que é apenas uma figura de linguagem.

Tomemos um caso semelhante, o dos olhos. O rótulo "olhos" não se aplica a esferas que existem em pares. A esclera não é os olhos. Os fluidos, nervos, vasos e sangue também não são os olhos. Se você analisar esses componentes individualmente, você verá que nenhum deles são os olhos. Nem são as partículas de sua massa coletiva ou a massa que seria obtida pela reconstituição dessas partículas com água. Aquilo que vê as formas, em sendo um estado de consciência, não é o globo ocular, como é evidenciado pelo fato de que o ato de ver também acontece durante os sonhos e no bardo.

Do mesmo modo, no caso das orelhas, os canais auditivos não são os ouvidos. A pele não é as orelhas. A cartilagem, os nervos, os vasos, o sangue e a linfa, ao serem referidos por seus próprios nomes, não são os ouvidos. O pó que resultaria da

pulverização não seria as orelhas. A massa que seria obtida reconstituindo-as não seria as orelhas. Se você acha que o rótulo "orelhas" se aplica ao que ouve sons, basta observar o que ouve sons durante os sonhos, o estado de vigília e o bardo.

É a mente ordinária como consciência atemporalmente presente, não os ouvidos.

Da mesma forma, todas as partes componentes do nariz – narinas, pele, cartilagem, nervos e vasos sanguíneos – ao serem referidas por seus próprios nomes, não são rotuladas de "nariz". Desde que o cheiro de odores é um estado de consciência, você deve examinar o que cheira odores durante os sonhos e no bardo.

Da mesma forma, se você analisar os componentes individuais da língua – o músculo, a pele, o sangue, os nervos e os vasos – ao ser referido por seus próprios nomes, eles não são chamados de "língua". O pó que resultaria da sua pulverização não seria chamado de "língua". Mesmo a massa obtida por sua reconstituição com água não seria rotulada de "língua".

O mesmo raciocínio se aplica em todos os casos seguintes: No caso dos braços, os ombros não são os braços, a parte superior dos braços não são os braços, nem são os antebraços, os dedos as juntas, a carne, a pele, os ossos ou a medula. Do mesmo modo em relação aos ombros, a pele não é os ombros, nem a carne e os ossos. Nem é a massa coletiva de moléculas ou a massa que seriam obtidas reconstituindo-as com água.

Qualquer base sobre a qual o rótulo "ombro" poderia ser aplicado é vazia no sentido de que ele não existe como um objeto. Quando você também examina a parte superior dos braços e antebraços, sendo referido por seus respectivos nomes – "músculo" para músculo, "osso" para osso, "pele" para a pele e "medula" para a medula – nenhum destes nunca existiu como base sobre a qual os rótulos poderiam ser aplicados.

Examinando a base fundamental das expressões "corpo" e "massa física", você pode ver que a coluna e as costelas não são chamadas de "corpo". O tórax, a musculatura, a pele e os ossos não são chamados de "corpo". O coração, os pulmões, o fígado, o diafragma, o baço, os rins e os intestinos, ao serem descritos por seus próprios nomes, constituem, contudo, a vacuidade, visto que qualquer base sobre a qual os rótulos "corpo" e "massa física" poderiam ser aplicados está vazia, uma vez que não existem como objetos.

Quando você examina as pernas de uma maneira similar, você verá que os quadris não são as pernas, nem são as coxas, as canelas, ou os pés. Os músculos não são chamados "quadris", nem são a pele, ossos, nervos, vasos ou tendões. Além disso, a pele, os músculos, os ossos, os nervos, os vasos ou os tendões não são chamados de "coxas". O mesmo é válido para as canelas, que não se aplicam ao pé resultante da pulverização destes tecidos, nem são usados para se referir à massa que seria obtida reconstituindo as partículas com água.

Se você procurar alguma base sobre a qual o rótulo "montanha" poderia ser aplicado no mundo exterior, você verá que a terra não é uma montanha, nem as ervas ou árvores, as rochas, os penhascos ou a água. Se você procurar alguma base sobre a qual os rótulos "construção" ou "casa" poderia ser aplicados, assim como o aterro não é a casa, nem é a pedra ou a madeira. Além disso, como para as paredes, em serem chamadas de "paredes", elas não são rotuladas de "casa". Assim, "casa" nunca existiu em qualquer lugar, externamente ou internamente.

Você pode procurar alguma base em que rótulos como "ser humano", "cavalo", "cão", e assim por diante poderiam ser aplicados. Os olhos, as orelhas, o nariz, a língua, a carne, o sangue, os ossos, a medula, os nervos, os vasos, os tendões e as consciências respectivas são referidos pelos seus próprios nomes, mas nenhum objeto existe como base na qual o rótulo "ser humano", "cavalo", "ou "cão" poderia ser aplicado.

Para dar outro exemplo, entre os objetos materiais "tambor" não se refere à madeira, ao couro, ao exterior ou ao interior. Da mesma forma, "faca" não se refere ao aço. Nenhuma das partes componentes – a lâmina, a parte de trás da lâmina, o ponto ou a haste – jamais existiu como um objeto que poderia ser assim rotulado. Além disso, os nomes e as funções mudam, como quando uma faca é usada como um furador e sua designação muda, ou quando um punhal é usado como uma agulha, e todos esses rótulos anteriores se referem ao que não tem existência como objetos sensoriais.

Baseando-se no que meu guru, o nobre e sublime Supremamente Compassivo [Avalokiteshvara], me disse em um sonho, cheguei a uma realização completa sobre dois pontos – o que é chamado de "identidade pessoal" e a busca de alguma base sobre a qual os rótulos poderiam ser aplicados.



Orgyan Tsokyey Dorje

EM OUTRA OCASIÃO, quando encontrei Orgyan Tsogyey Dorje – a encarnação da ilusão mágica da consciência atemporal – ele me concedeu conselhos para refinar minha percepção das coisas para que eu pudesse ver que elas são ilusórias (*gyu-ma*). Ele disse: "Para que eu possa apresentá-lo diretamente à interdependência de causas e condições que se reúnem, considere isto: A causa é a base do ser como espaço básico (*zhi-ying*), que é pristinamente lúcido (*dang-sal*) e dotado com a capacidade de surgir como qualquer coisa, a condição é uma consciência que concebe um 'eu'. Da reunião destes dois, todas as aparências sensoriais (*nang-wa*) se manifestam como ilusões.

"Deste modo, a base do ser como espaço básico, a mente ordinária (*sem*) que surge da energia dinâmica (*tzal*) desta base, e os fenômenos externos e internos que constituem o aspecto manifesto daquela mente estão todos interligados (*lu-gu-gyud*), como o sol e seus raios, assim, usamos a expressão "ocorrendo em conexão interdependente".

"Aqui estão algumas metáforas desse processo: é como a aparência de uma ilusão mágica, que depende da clareza imaculada do espaço como a causa e se manifesta através da conexão interdependente criada pela sincronicidade das condições – isto é, substâncias mágicas, mantras, e a mente que cria a ilusão.

"Todos os fenômenos que se manifestam como tal, são inefáveis, mas aparecem devido à influência de conceber um 'eu'. Esse processo é como uma miragem que surge da sincronicidade do espaço vividamente claro e da presença de calor e umidade.

"Todas as aparências sensoriais da consciência desperta, dos estados dos sonhos, do bardo e das vidas futuras são aparentes, porém inefáveis. A confusão surge devido à fixação na sua aparente verdade. Isto é como um sonho que não se considera falso – pensando, 'Isto é um sonho' – mas, em vez disso, se reifica e se fixa como um ambiente objetivo duradouro.

"Devido à condição predominante da percepção de um 'eu' interior, o reino dos fenômenos se manifesta como 'outro'. Isso é como o aparecimento de um reflexo através da conexão interdependente de uma face e um espelho que se encontram.

"Uma vez que os conceitos de identidade (*dag-dzin*) nos enredam completamente, os reinos dos seis estados se manifestam um após o outro. Isto é como as cidades dos gandharvas que aparecem em seu ambiente – por exemplo, numa planície ao pôr-do-sol – como experiências visionárias reificadas pela mente comum.

"Embora as aparências sensoriais sejam primordialmente tais que nunca existiram, as miríades de aparências que são vistas, ouvidas, cheiradas, provadas ou sentidas são como ecos – aparições subjetivas se manifestando como se fossem outra coisa.

"Todas as aparências sensoriais não são outras senão a base do ser, mas são de um só sabor com essa base em si, como os reflexos de todos os planetas e estrelas no oceano que não são outros que o oceano, porém são de um só sabor com a água em si.

"Devido ao conceito de um 'eu', o eu e o outro se manifestam como se realmente existissem dentro do céu panorâmico da base do ser, o espaço básico expansivo, o que é análogo à formação de bolhas na água.

"A lucidez prístina da base do ser como espaço básico vazio é forçada nos estreitos limites da percepção subjetiva da consciência baseada na mente conceitual (*yidshey*). A influência deste hábito entranhado faz com que as aparências sensoriais percebidas na confusão se manifestem em toda a sua variedade. Isto é como a aparência de uma alucinação quando a pressão é aplicada ao nervo óptico ou quando o sistema nervoso é perturbado por um desequilíbrio de energia sutil (*lung*).

"As aparências sensoriais se manifestam a partir da base do ser em toda a sua variedade tendo em vista uma consciência que concebe um 'eu', porém elas não divergem ou ocorrem fora dessa base, como é o caso de um adepto que obteve domínio (*wang gyur-wa*) sobre estados de absorção meditativa (*tingnge-dzin*) que permitem a emanação e o controle das aparições. Embora uma variedade de aparições se manifestem quando tal indivíduo está envolvido nesse processo de emanação e controle, na realidade essas aparições estão livres de qualquer base e nunca existiram como objetos reais.

"Ah, minha incrível criança, medite progressivamente dessa maneira e, tendo percebido que todas as aparências sensoriais são ilusórias, você se tornará um yogue da ilusão".

Dizendo isso, ele desapareceu.



Rigdzin Duddul Dorje

EM OUTRA OCASIÃO, Rigdzin Duddul Dorje me disse: "Vajra, o eterno vajra! Para o verdadeiro significado, olhe para o espaço em si!" Ao revelar o significado disto, ele declarou o seguinte: "Ah! Este espaço vazio é o fundamento para o surgimento do universo inteiro. Por exemplo, é como se um espelho fosse a base para o surgimento de um reflexo, que nunca existiu como outra coisa senão o espelho. É como se a água fosse a base para o surgimento da imagem da lua, que nunca existiu como outra coisa que não a água e é como o céu sendo o fundamento para o surgimento de um arco-íris, que nunca existiu como outra coisa senão o céu.

"Este espaço, uma vez que não pode ser ferido, é invulnerável. Visto que o espaço não pode ser conquistado ou destruído, é indestrutível. Como o espaço permanece como a base para o desdobramento do mundo das aparências e possibilidades, é autêntico. Uma vez que o espaço não pode ser alterado por falhas ou qualidades positivas, é incorruptível. Como o espaço é livre de transição ou mudança, é estável. Desde que o espaço permeia completamente mesmo a partícula subatômica mais infima, é de todas os modos desobstruído. E como nada pode prejudicá-lo, o espaço é, de todas as maneiras, invencível.

"Como todas as substâncias materiais podem ser danificadas por armas, elas são vulneráveis. Uma vez que elas podem ser conquistadas ou destruídas sob certas condições, elas estão sujeitas à destruição. Como elas podem se transformar em uma coisa ou em muitas, elas são falsas. Deste que elas podem ser alteradas por outras coisas, elas são corruptíveis. Uma vez que envolvem movimento e vacilação e não têm localização permanente, elas são instáveis. Elas são em todos os aspectos obstruídas. Visto que elas podem ser reduzidas ao nada sob outras condições, elas podem ser vencidas. As coisas sendo assim caracterizadas, são vazias, como nunca tendo realmente existido.

"Além disso, coisas grosseiras podem ser reduzidas a pó fino, a moléculas de fato. Estas moléculas podem ser reduzidas por um fator de sete aos átomos. Estes átomos podem, por sua vez, ser reduzidos por um fator de sete e finalmente reduzidos a vacuidade, porque suas características são tais que nunca existiram.

"Se você acha que essas coisas existiram originalmente, mas foram reduzidas a inexistência por ter passado por este processo, basta olhar para imagens de sonho, que mesmo se manifestando nunca existiram, e determine se estas imagens podem ou não ser vistas ou sentidas. Observe também a maneira como as aparências sensoriais surgem ou cessam simplesmente devido a se seus olhos estão abertos ou fechados, ou se seu pé é abaixado ou levantado enquanto anda.

"Você pode argumentar, 'Bem, não é o caso que uma aparência em um ponto no tempo cesse e desapareça e uma outra a substitua em um momento seguinte. Mais propriamente, quando o momento anterior é substituído por outro, a aparência sensorial é tal que ela realmente existe ao longo de toda a sua duração.' Se você acha que isso é

assim, olhe novamente para imagens de sonho. Considere bem a questão, pois é impossível que alguma essência exista por direito próprio, sem ser simplesmente uma designação convencional que se baseia na relação entre causa e efeito.

"Além disso, a explicação dos sete atributos vajra do espaço faz uso de metáforas para mostrar como o espaço é sem transição ou mudança por causa de sua insubstancialidade (*ngomed*). Esta explicação demonstra que não há mudança na essência indescritível, inconcebível e inexprimível do modo permanente da verdadeira natureza dos fenômenos (*chonyides*). Este é um argumento ideal para aplicar na explicação da diferença entre o que tem substância e o que não, entre verdade e falsidade.

"Assim, ao empregar os meios simbólicos de apontar o dedo para a lua, olhe para a lua e não fique satisfeito com olhar apenas para a ponta do dedo. Se você não chegar a uma decisão sobre a vacuidade, familiarizando-se com este ponto uma vez e outra, você não estará nem um pouco mais perto do caminho da onisciência.

"Ah, pequenino no auge da compreensão e da consciência, você deve examinar cuidadosamente o significado disso, tornando-se um yogue do potencial ilimitado do espaço que percebe que todas as aparências sensoriais são o próprio espaço".

Dizendo isso, ele desapareceu.



Longchenpa Drimed Odzer

TENDO CHEGADO a uma conclusão tão definitiva, entendi todas as aparências sensoriais como vazias em seu próprio contexto (*rang-sa*). No entanto, no que diz respeito às aparências sensoriais do mundo exterior como um recipiente, os seres animados nele contido, e os objetos que se manifestam entre eles como os cinco tipos de estímulos sensoriais, eu ainda estava pensando em termos de serem deixados para trás quando se parte para outro reino, e de todos os seres realmente existentes, cada um com um fluxo mental individual (*gyud*).

Em um sonho durante este período, eu me encontrei com meu guru, [Longchenpa] Drimed Odzer, que me instruiu com uma introdução direta na forma de perguntas e respostas.

Ele disse: "Ah, filho de herança espiritual, quando você vai para o sono, as aparências sensoriais externas do universo inanimado como um recipiente, os seres animados nele contido e os objetos que se manifestam no meio enquanto os cinco tipos de estímulos sensoriais se dissolvem no espaço vazio inconsciente da base de toda experiência ordinária (*kun-zhi*), assim como os artificios de uma ilusão mágica que desmoronam no espaço básico. Eventualmente, através da força criativa da energia sutil do karma (*lay kyi lung*), o sentido de um eu e a aparência sensorial de um corpo se manifesta. Um estado de sonho – um universo sensorial inteiro – desdobra-se a partir desta manifestação. A confusão ocorre através da fixação explícita nisso. Finalmente, esse mundo de aparências e possibilidades se dissolve no vazio inconsciente da base de toda experiência comum, como um arco-íris desvanecendo-se no céu, e as aparências sensoriais da consciência desperta se desdobram como antes.

A isso respondi: "Eu ainda acho que meu corpo não é meramente uma aparência sensorial, pois certamente veio dos meus pais, que foram a sua causa e condição.

"Ele disse:" Se você acha que seu corpo veio de seu pai e mãe, então qual é o início e o fim desses pais? Qual é a sua fonte, a sua localização, o seu destino final? Conte-me!"

Eu respondi: "Eu acho que eles existem, mas eu não estou ciente do que eles são. Parece-me que um corpo físico sem pais não é possível."

Ele retrucou: "Considere isso: quem são os pais do corpo em um sonho, no bardo e nos reinos do inferno?" Com isso, cheguei à decisão de que este corpo nunca existiu, sendo simplesmente uma aparência sensorial.

Eu continuei: "Ah, meu guru, sinto que quando meu corpo está deitado na cama coberto com roupas de cama, imagens de sonho surgem enquanto meu corpo e o reino humano permanecem inalterados".

O guru disse: "Procure a localização do desdobramento desta impressionante exibição – essas imagens de sonho das aparições externas de um vasto universo inanimado como um recipiente, uma multidão de seres contidos nele, e os cinco tipos de objetos

sensoriais que se manifestam no meio. Esse local está na cabeça, nos membros ou na parte superior ou inferior de seu corpo?"

Embora eu tenha decidido com certeza que não havia tal localização, insisti. "Meu guru, suponho que as imagens de sonho surgem quando minha consciência passa para outro lugar e que as aparências sensoriais do estado de vigília surgem quando ela reentra em meu corpo".

O guru respondeu: "Se este fosse o caso, então o corpo se tornaria algo parecido com um hotel, então identifique-me e descreva-me o que é, por assim dizer, a porta pela qual a consciência parte e reentra neste hotel. Deve também identificar o lugar onde a mente permanece. "Se ela reside na parte superior do corpo, como é que você sente dor com uma picada de um espinho na parte inferior? Se reside na parte inferior, então também não haveria razão para sentir dor na parte superior. É ilógico pensar que ela assume tamanhos diferentes, como uma pequena consciência entrando através de um orifício apenas para expandir-se para permear o corpo e encolher novamente apenas para sair através de um pequeno orifício. Se esse fosse o caso, uma vez que a consciência se separasse do corpo, por que a consciência não voltaria ao cadáver depois da morte?"

"Este ambiente de imagens de sonho, este outro lugar para onde você pode ir, onde ele existe? Acima? Abaixo? Em qual direção, cardinal ou intermediária? Você o considera idêntico ao universo que você percebe no estado de vigília ou é algo distinto? Se você o considera idêntico, o sono define a fronteira entre acordar e sonhar ou não? Se o sono define o limite, a percepção do sonho não pode ser sua percepção desperta; se o sono não define o limite, não pode haver percepção do sonho. Além disso, não é válido sustentar que existem aparências sensoriais, atribuindo-as a alguma hierarquia de superior versus inferior, externa versus interna".

A isso eu respondi: "Meu guru, então, a que decisão devo chegar? A que nível de experiência devo ter? Eu te peço, sublime guru, me mostre".

O guru respondeu: "Em nenhum momento, ao longo da sucessão sem início das existências, nunca houve nascimento real. Houve apenas a aparência do nascimento. Nunca houve morte real, apenas a transformação das aparências sensoriais, como a mudança do estado de sonho para o estado de vigília. Todas as sensações – vistas, ouvidas, cheiradas, provadas e sentidas como formas, sons, odores, sabores e sensações tácteis pelos olhos, ouvidos, nariz, língua e pele – são apenas a mente consciente de suas próprias projeções (*rang-nang*), sem que elas tenham sequer uma ponta de cabelo como algo mais.

"Você pode pensar que algo diferente disso existe por direito próprio (*rang-gyud*), já que você pode vê-lo diretamente com seus olhos, realmente segurá-lo em suas mãos, ou experimentá-lo através de seus outros sentidos.

Mas na verdade, embora nos sonhos, todas as formas, sons, odores, gostos e sensações tácteis pareçam existir verdadeiramente em seus respectivos contextos, do ponto de vista da experiência do estado de vigília elas nunca existiram, sendo inexistentes como objetos (*yul-med*).

"Ao longo da sucessão sem principio das existências, nunca houve qualquer experiência real de transição ou de ir de um estado para outro, ou qualquer experiência real de estar localizado em algum outro lugar. Isso é análogo às imagens em um sonho.

"Você pode pensar que a validade relativa das imagens dos sonhos não é igual à das aparências no estado de vigília. Mas pense em todas as experiências de sonho e experiências de vigília desde o seu nascimento até o presente – as atividades e ocupações, o empenho e o esforço, a economia e o planejamento. Considere se estes são iguais. Se você examinar as ocorrências de tais experiências de perto, sem considerar o curto prazo versus o longo prazo ou o mais versus o menos, você chegará à decisão de que elas são iguais.

"E isso não é tudo, pois se as imagens dos sonhos não fossem verdadeiras e as aparências do estado de vigília fossem, isso significaria que as imagens dos sonhos eram estados de confusão e as experiências do estado de vigília não eram. Você teria que sustentar que você é um ser comum durante as experiências do sonho e um Buda durante o estado de vigília. Mas se ambos são casos de aparências sensoriais resultantes da confusão, qualquer distinção em relação à sua validade se torna inútil, porque a expressão "aparências sensoriais resultantes da confusão" implica fixação naquilo que não existe, mas manifesta-se como se o fizesse.

"Até agora você tem comido uma quantidade de comida equivalente ao Monte Sumeru e tem bebido o equivalente dos oceanos, mas ainda assim você não está satisfeito. Embora você tenha usado roupas suficientes para vestir o universo umas três mil vezes, você ainda não está aquecido. Você deve entender que estas são indicações de que as coisas nunca existiram como algo além de meras aparências sensoriais.

"É uma enorme falha não entender que o que se manifesta como o corpo está vazio, e em vez disso o investi com a verdade. Esta falha é o demônio consumidor (*za-dre*), já que o poder dos esforços que você faz para o bem do corpo devora o fruto da onisciência. É o carrasco executor (*shished*), uma vez que ele fornece a ligação de um ciclo para o outro no samsara, fazendo com que as aparências de nascimento e morte se manifestem. É o que corta a força vital (*srog-chod*), pois, pelo bem do corpo, você é levado a buscar a felicidade em roupas e assim por diante, e assim você corta a linha vital da liberação com a fixação no apego e aversão que perpetua a esperança e o medo. É também o que rouba a respiração (*ug-len*), uma vez que ele lhe rouba o sopro da felicidade duradoura. Portanto, todos os que se fixam nos objetos aparentes dos seis modos de consciência (*tsog-drug*) são como cervos percebendo uma miragem como sendo água e perseguindo-a, quando nem mesmo um pingo de essência alguma vez existiu.

"Além disso, mesmo que você saiba que as coisas estão vazias desta maneira, elas podem permanecer como eram antes, aparentemente verdadeiras, sem desaparecer no nada. Então você pode se perguntar a que propósito esse conhecimento serve. "Se você não sabe que a vacuidade é a essência que deve ser cultivada na meditação, então todas as suas tentativas de meditação certamente serão ineficazes.

"Além disso, você poderia pensar:" Uma vez que o simples entendimento ou compreensão intelectual no contexto de todas as outras abordagens de visualização e meditação não trará liberdade, por que a simples compreensão da vacuidade tornaria

evidente o modo inefável de permanecer (*nay-lug*)? Além disso, se as coisas estão primordialmente vazias, certamente é imaterial se eu sei que elas estão vazias ou não. No entanto, é a partir desta distinção de saber se isso é ou não, de saber ou não isso, que nirvana ou samsara, liberdade ou confusão, ocorre. Assim, você deve entender que o ponto-chave é saber isso e ficar ciente disso.

"Além do mais, alguns podem alegar que se você não pode entender isso com base em suas próprias habilidades, então o estudo e a contemplação não serão eficazes. Mas desde o tempo sem princípio você não percebeu isso com base em suas próprias habilidades, e assim você vagou no samsara. Esteja ciente do fato de que é através do estudo e treinamento que você pode vir a perceber a vacuidade – a visão que está de acordo com todos os tantras, comentários explicativos e instruções essenciais.

"Ademais, você pode realizar a vacuidade ao sofrer grandes dificuldades no estudo, treinamento e assim por diante, ou você pode perceber o vazio sem a menor dificuldade. Isso não faz mais diferença do que, por exemplo, encontrar ouro depois de experimentar grandes dificuldades ou sem a menor dificuldade, mesmo em sua própria cama, faz uma diferença para a qualidade do ouro. Assim, o termo 'discernir o sublime conhecimento' (*sosor tog-pai shey-rab*) refere-se ao conhecimento adquirido através da análise que leva à conclusão definitiva de que todas as aparências sensoriais são vazias. O termo 'conhecimento sublime que percebe que as coisas não têm identidade' (*dag-med tog-pai shey-rab*) refere-se ao conhecimento contínuo e subsequente que segue a experiência decisiva da certeza de que o samsara e o nirvana são a suprema vacuidade. O ponto-chave é que, inicialmente, você cultivava esses dois aspectos do conhecimento sublime em seu fluxo mental como compreensão, mais tarde como experiência pessoal e, finalmente, como a obtenção da confiança permanente (*ding*).

"Ainda assim, você pode protestar que não é razoável sustentar que o corpo e o resto do mundo nunca existiram como algo além de meras aparências sensoriais, pois aqueles que compreendem a natureza vazia de seus corpos ainda sentem dor quando tocados pelo fogo ou água ou quando atingidos por flechas, lanças, porretes, e assim por diante. A resposta para isto é o fato de que, enquanto você não chegou ao estado do espaço básico em que os fenômenos se resolvem dentro de sua verdadeira natureza (*chho-nyid zad-pai ying*), as aparências dualistas não diminuirão, e enquanto não desaparecerem, aparências benéficas e nocivas ocorrerão sem interrupção. Na realidade, porém, mesmo os fogos do inferno não queimam."

Dizendo isso, ele desapareceu.



Saraha

EM MAIS UMA OCASIÃO, quando encontrei o grande siddha Saraha em uma visão, eu perguntei a ele, "Ah, grande senhor dos siddhas, como posso purificar obscurecimentos? Como posso provar que existem deuses? Como posso liberar demônios e obstáculos? Rezo para que você seja de tal modo gentil para me dizer essas coisas."

Ele concedeu a seguinte resposta: "Ah, grande ser espiritual, você deve confrontar a falha oculta de benefício e dano. Quanto ao que se chama obscurecimento, os termos 'obscurecimento (*dribpa*) e 'não reconhecimento da consciência ' (*ma-rig-pa*) referem-se tanto à falta de consciência da base do ser como da essência da vacuidade, e o termo 'padrão habitual ' (*bag-chhag*) refere-se ao enraizamento desse não-reconhecimento. Estes não podem ser refinados por esforços ordinários tais como esforçar-se através das práticas espirituais físicas e verbais. Em vez disso, esses obscurecimentos são purificados como uma questão de curso quando, através do discernimento e conhecimento sublime, chega-se a uma conclusão definitiva sobre a verdadeira natureza dos fenômenos.

"Onde todas as virtudes físicas e verbais benéficas permanecem? Onde está o depósito em que ficam acumuladas? Quando você examinou e analisou a fonte de onde vem, o local em que permanece e o destino para o qual vai, considere como o benefício se acumula se ele não existe como algum objeto.

"Examinando como e onde o benefício poderia se acumular na natureza vazia da mente (*sem-nyid*) – seja exteriormente, interiormente, no meio, quer em cima ou embaixo – você decidirá que não existe como algum objeto. Nesse ponto, nada mais é do que o mérito acumulado dentro do samsara.

"Da mesma forma, onde estão os efeitos acumulados das ações prejudiciais? Onde fica localizado o seu depósito? Examine a maneira pela qual qualquer dano poderia ser feito à vacuidade da mente quer seja exteriormente, interiormente, acima, abaixo ou no meio.

"Se você examinar minuciosamente os fluxos mentais de pessoas que continuamente dedicam esta vida presente a atos físicos e verbais de virtude e aqueles que passam a vida inteira se envolvendo em ações nocivas, você verá que não há um pingo de diferença na mente de ambos os tipos de pessoas com respeito à perpetuação do apego e aversão, esperança e medo. Se ganham liberdade, ganham liberdade porque seus fluxos mentais são liberados. Se eles estão confusos, eles estão confusos porque seus fluxos mentais estão confusos. Mas desde que o fluxo mental de nenhum dos dois tipos de pessoas tenha sido liberado, não há uma ponta de cabelo de diferença na medida em que perambulam no samsara. Consequentemente, embora haja uma distinção a curto prazo entre ações virtuosas e prejudiciais – elas dão lugar à felicidade temporária e ao sofrimento, respectivamente – elas não são mais do que uma prolongação do samsara.

"Se você não chegou a tal conclusão definitiva a respeito das ações virtuosas, confundirá duas alternativas – o caminho para a completa liberdade versus a virtude de reunir mérito temporário – e assim você não atingirá o objetivo da onisciência. Se você não chegou a uma conclusão definitiva a respeito das ações prejudiciais, você não entenderá que sua própria essência não reconhecendo a si mesma é o que constitui o obscurecimento e o fundamento da confusão, e assim você não conseguirá identificar a causa da confusão. Desde que isso só irá perpetuar sua confusão infinitamente no samsara, você deve entender que o ponto crucial é chegar a esta conclusão definitiva.

"Além disso, quando você examina o que são chamados 'deuses úteis e protetores' quanto à sua fonte inicial, localização intermediária e destino final, você verá que eles não têm existência como objetos dos sentidos. Em qual das formas, sons, odores, sabores e sensações táteis – que se manifestam como objetos das faculdades dos sentidos – esses deuses já existiram? Se você pensa que eles existem em conjunto com um dos elementos envolvidos na formação do universo, examine esses elementos até ao nível das moléculas ou partículas subatômicas. Examine também os rótulos respectivos e a aparente substancialidade dos próprios elementos.

"Examinando de perto como esses deuses poderiam ser benéficos, e da mesma forma como demônios poderiam causar danos, você chegará a entender que eles não existem como objetos. Toda felicidade e sofrimento são experiências efêmeras de aparências sensoriais que se manifestam à mente como sonhos. Absolutamente nada pode ocorrer em qualquer base que possa apoiar o rótulo de "benefício" ou "dano" devido a deuses ou demônios.

"Se você acha que os demônios lhe causaram dano, examine como qualquer dano pode ser causado pelo que equivale ao mero rótulo 'demônio', uma vez que este rótulo não se qualifica como um objeto dos sentidos – uma forma, som, odor, gosto ou sensação tátil. Você não verá nada existente apenas o que está vazio e não existe como um objeto.

"Os seres humanos, sob a influência da confusão, consideram as partes superior e inferior de seus corpos como bons e maus, respectivamente. Uma vez que o tronco parece limpo, eles o consideram como um deus, e como o torso inferior parece imundo, eles o consideram como um demônio. Assim, a esperança e o medo ocorrem sem interrupção, e devido à força das ligações ideais da identidade reificante, experiências temporárias de felicidade e sofrimento ocorrem sem interrupção. Tudo isso não passa de experiências efêmeras do samsara, sem nunca ter realmente existido como algo mais. Isso pode ser demonstrado pela simples metáfora de um sonho.

"O ponto chave aqui – compreender este modo de ser – constitui o meio para dissipar os obstáculos na meditação. Todos os obstáculos causados por uma falta de convicção ou confiança na meditação serão dissipados. Você será convencido do significado final, que é a verdadeira natureza dos fenômenos, e alcançará uma confiança interior que não entretém a dúvida. Livre do obscuro não reconhecimento da consciência, você ganhará domínio sobre a grande e sempre-mutável variedade da consciência.

"Esta é também a raiz das abordagens profundas da Pacificação e de Cortar Através dos Maras. Não busque nenhum deus, apenas a consciência auto-conhecedora. Você vai chegar à decisão de que não há demônio além da conceituação (*nam-tog*). Em todas as práticas de sadhana e rituais empreendidos para evitar desgraças, esse entendimento é

indispensável. Se você tem tal compreensão, você é definitivamente um grande yogue da ilusão que realiza todos os fenômenos como sendo ilusões.

"Ah, pequenino com consciência, cuja mente não é mais comum, ensina isso aos que devem ser domados e talvez eles também se tornem yogues da grande abordagem espiritual do segredo definitivo".

Dizendo isso, ele desapareceu.



Vajrapani

EM OUTRA OCASIÃO, encontrei o grande e glorioso Vajrapani em uma visão pura (*dag-nang*) de total lucidez (*od-sal*). Naquela ocasião, perguntei-lhe: "Ah, vitorioso, grande vajra, o estado búdico implica que o despertar para a iluminação ocorre aqui mesmo em minha própria situação imediata ou implica que há algum outro lugar para ir despertar?"

Ele deu a seguinte resposta: "Ah, afortunado filho de herança espiritual, você poderia pensar que o termo 'Buda' implica a existência como uma pessoa majestosa, bonita e atraente para se ver, pacífica e suavizante, sutil e livre de manchas, encantadora e bela, alguém que você nunca poderia cansar de olhar, vivendo em algum país grande e espaçoso. Se sim, quem são os pais de tais budas? Se eles nascem de mães, eles estão sujeitos à limitação da originação. Se resistirem, estarão sujeitos à limitação da permanência. Se deixam de existir, estão sujeitos à limitação da aniquilação.

"Em resumo, enquanto houver uma essência que realmente exista por direito próprio com respeito às três fases de sua origem, duração e cessação, não pode haver uma maneira de permanecer livre dos extremos dualistas. As aparências sensoriais, por mais que apareçam, manifestam-se como se o seu surgimento e cessação não passassem a ser nada mais do que uma rotulagem conceitual.

"Além disso, se você mantiver o estado autêntico da iluminação completa como sendo algo que realmente existe, você se prenderá. Se houvesse uma diferença específica entre a verdadeira natureza do samsara e a do nirvana, então a referência ao 'modo de permanecer como a igualdade da existência condicionada e o estado de paz' equivaleria a meras palavras. De fato, muitas pessoas caem na armadilha da esperança e do medo ao fixar o nirvana como algo com uma existência independente (*rang-tsan-pa*). Há muitas descrições das experiências desfrutadas nos reinos puros, mas se você se concentra nos detalhes específicos dessas vastas exibições e assim as conceber como algo com sua própria existência independente, você ainda está imaginando que os fenômenos têm identidade.

"Contudo, o rotulamos, a visão de que um tathagata é algo constante que pode ser encontrado como possuindo existência verdadeira, de fato, não vai além do ponto de vista de que a identidade pessoal existe. Se você acha que um buda tem olhos, então também deve haver uma consciência visual. Uma vez que a consciência visual é estabelecida, a proliferação de aparências sensoriais como formas visuais é inevitável – este contexto é o 'campo para a percepção de objetos visuais' (*mig gizung-wa yul*). Uma vez que tal campo é estabelecido, a sutil conceituação da mente comum inevitavelmente ocorre, o que contribui para perpetuar essas formas. Esta é a 'mente comum que reifica através da visão' (*mig gi dzin-pa sem*). Essa estrutura dualista do sujeito e do objeto (*zungdzin*) é chamada de 'mente ordinária', e quem tem a mente comum é chamado de 'ser comum'.

"Do mesmo modo, se você acha que um buda tem ouvidos, também deve haver uma consciência auditiva com as suas respectivas sensações de sons. Se você acha que um buda tem um nariz, deve haver também uma consciência olfativa com suas respectivas

sensações de odores. Se você acha que um buda tem uma língua, também deve haver uma consciência gustativa com suas respectivas sensações de gosto. Se você acha que um buda tem um corpo, deve haver também uma consciência tátil com as suas respectivas sensações tácteis. Todos estes são campos para a percepção de objetos (*zung-yul*). Os padrões de pensamento que os perpetuam constituem a mente ordinária que reifica (*dzin-pa sem*). Como antes, quem tem uma mente comum é chamado de "ser comum".

"Quanto ao que é chamado de 'buda', se fosse possível haver um estado de budeidade que não transcendesse as percepções dualistas do sujeito e do objeto, então as qualidades iluminadas desse estado poderiam ser passadas para os seres comuns, assim como as qualidades ordinárias são passadas de uma pessoa para outra.

"Pode-se pensar que os budas dão ensinamentos espirituais aos outros, mas se os budas se concebessem como professores, os ensinamentos espirituais como algo a ser ensinado e os seres comuns como receptores dos ensinamentos, não haveria nem mesmo uma semente de gergelim de diferença entre budas e seres comuns. Seriam todos seres ordinários. Se você acha que as qualidades únicas de um buda consistem em ter um ambiente feliz, beleza física, excelentes companheiros, grande riqueza e felicidade, ou uma ausência de raiva e apego, você ainda estará descrevendo um ser comum, não mais exaltado do que os deuses no reino da forma.

"No sentido definitivo, o fundamento totalmente positivo de seu próprio ser – Kuntuzangpo – é o que se entende pela frase 'aquele que foi para a felicidade ao longo dos três tempos'. No nível supremo, um buda não experimenta nem vir ao mundo, nem dar ensinamentos espirituais. Muitos tantras, comentários explicativos e instruções essenciais descrevem claramente a maneira pela qual a manifestação de um professor surge naturalmente na percepção daqueles a serem domados. Examine estes e realize este ponto.

"Além disso, é ilógico pensar que outros estados separados da existência existem ou já existiram dentro do samsara e que muitos seres em sucessão vão para esses lugares e experimentam prazer ou dor. Se a manifestação do corpo – a base de operação da mente na vida precedente que foi descartada como resíduo – era a verdadeira experiência, então onde é que se obteve um corpo no bardo? Se os seres em suas circunstâncias atuais podem morrer apenas de feridas ou queimaduras em seus braços ou pernas, ou simplesmente do vento frio em um único dia de inverno, como é que uma vez que um corpo capaz de experimentar o calor e o frio do inferno é formado, ele não morre apesar de fervido ou queimado por um longo tempo? Da mesma forma, se os seres em suas circunstâncias atuais podem morrer quando a fome ocorre por alguns meses ou mesmo por alguns dias, por que os *pretas* não morrem pela fome que experimentam por eons?

"Dado isto, todos os seres das seis classes, assim como aqueles no bardo, são confundidos porque ficam fixados, investindo as aparências sensoriais com a verdade mesmo que sejam, de fato, como o desdobramento de imagens de sonho – nunca tendo existido como algo mais do que meras aparências, vazias e inexistentes como objetos.

"Se você chegar a uma conclusão definitiva a respeito das aparências sensoriais que surgem da confusão, percebendo que elas não têm existência verdadeira, são vazias e não existem como objetos, você terá dragado o poço do samsara de suas profundezas. A

decisão de que o estado búdico não é outro senão o seu próprio fundamento natural do ser, e ganhando confiança dentro de si mesmo, você vai realmente atingir o que é referido como a 'liberdade natural das miríades de budas.'

"Ah, senhor poderoso do espaço, vajra onipresente, você deve chegar à conclusão definitiva de que nenhum dos fenômenos do samsara e do nirvana existem, mas estão todos vazios, e realize que sua natureza é a da inefabilidade (*med-pa*)."

Dizendo isso, ele desapareceu.



Dorje Drolod

DESTA FORMA, depois de muito tempo obtive uma conclusão definitiva e cheguei a uma experiência decisiva em relação à inefabilidade. No entanto, embora eu entendesse que todas as aparências sensoriais do universo estão vazias por direito próprio, ainda havia muitas implicações da vacuidade que pareciam de consequência neutra. Em certo ponto, encontrei numa visão o supremo e sublime Dorje Drolod, cantando a canção do Hung que revela o samsara e o nirvana como sendo a exibição da vacuidade.

Nessa ocasião, eu disse: "Ah, minha deidade especial (*Iha*), excelente e suprema. Embora eu compreenda intelectualmente que o samsara e o nirvana são vacuidade, essa vacuidade permanece nem benéfica nem prejudicial. Qual é a falha nisso?"

A deidade respondeu: "Ah, ser espiritual, senhor do espaço, discirna a implicação de todo o samsara e nirvana como sendo a vacuidade (*tong-pa-nyid*). Discirna a vacuidade como sendo a essência em si (*ngo-wo-nyid*). Discirna esta mesma essência como sendo a base do ser (*zhi*). Discirna samsara e nirvana com a exibição (*rol-pa*) desta base. Discirna o contexto comum de samsara e nirvana como sendo essa mesma base (*zhi-nyid*).

"A reflexão de estrelas e planetas no oceano é a exibição do oceano. O espaço é a matriz do universo. A verdadeira natureza dos fenômenos permeia e se estende por todo o samsara e nirvana. Entenda a natureza dessas metáforas e o que elas exemplificam. Assim, você se tornará um yogue que abraça todo o samsara e o nirvana."

Com estas palavras, ele desapareceu.



Vajradhara

SETE ANOS DEPOIS, tendo uma visão pura em um sonho, conheci o professor dharmakaya Vajradhara. Naquela ocasião, eu perguntei: "Ah, professor, conquistador transcendente e consumado, como estou liberto no caminho da liberação e da onisciência, e como estou confuso no caminho do samsara? Professor, revele-me isso, eu suplico."

Depois de ter feito este pedido, ele concedeu a seguinte resposta: "Ah, escuta-me, grande ser espiritual." Os dois estados – o de um Buda e o de um ser comum – surgem dependendo se há o reconhecimento da consciência ou não.

"O fundamento do próprio ser, o guia primordial Kuntuzangpo, é o epítome dos quatro kayas e os cinco aspectos da consciência atemporal (*ye-shey nga*). Sua essência como vacuidade é dharmakaya. Sua natureza como lucidez é sambhogakaya. Sua responsividade como liberdade natural é nirmanakaya. Sua onnipresença (*khyab-pa*) e extensão (*dal-wa*) em todo o samsara e nirvana são o svabhavikakaya.

"Como há um potencial ilimitado para todos os fenômenos, há o espaço básico dos fenômenos (*chho-ying*). Como há uma lucidez pristina, livre de fatores de mancha, há uma qualidade como um espelho (*me-long*). Como samsara e nirvana são a exibição da igualdade e pureza, há igualdade (*nyam-nyid*). Como há a via desimpedida da consciência atemporal onisciente, há discernimento (*sor-tog*). Como tudo o que está a ser feito já está assegurado através da liberdade e pureza, há realização espontânea (*ja-drub*).

"Deste modo, o caminho da liberdade dentro do estado búdico que ocorre naturalmente (*rang-jung*) torna evidente a consciência – o epítome dos quatro kayas e cinco aspectos da consciência atemporal. A essência da consciência é vasta e universal e o panorama do espaço, não existente como qualquer objeto, e supremamente desobstruída. Dado que sua exibição, sem fundamento ou base subjacente, é livre de elaboração conceitual, é dharmakaya. Da perspectiva da natureza da consciência ser inerentemente lúcida, é sambhogakaya. A partir da perspectiva da consciência ser uma via desimpedida para a lucidez da consciência atemporal, é nirmanakaya. E a partir da perspectiva da consciência ser a base comum do samsara e nirvana, é svabhavikakaya.

"Uma vez que se chegou a uma conclusão definitiva sobre a base do ser, há a realização do contexto em que samsara e nirvana são de um só sabor no espaço básico da verdadeira natureza dos fenômenos – esta é a consciência atemporal como o espaço básico dos fenômenos (*chho-ying ye-shey*). A vacuidade não é um vácuo inerte, mas é pristinamente lúcida e livre de fatores de mancha, como um espelho polido no qual qualquer coisa pode surgir – esta é a percepção atemporal como um espelho (*me-long yeshey*). Conhecendo a maneira pela qual o samsara e o nirvana são iguais e puros na vacuidade suprema é a consciência atemporal como igualdade (*nyam-nyid ye-shey*). A energia dinâmica da consciência, como a via desimpedida para a expressão lúcida de uma consciência atemporal que compreende cada coisa individualmente, é a percepção

atemporal discernente (*sor-tog ye-shey*). Uma vez que a realização das atividades é naturalmente assegurada em um estado de pureza e liberdade através do domínio da consciência, há a consciência atemporal da realização espontânea (*ja-drub ye-shey*).

"Muitos não entendem esse modo de ser como ele é, e em vez disso fazem do seu caminho um estado passivo de consciência que não diferencia entre mente ordinária (*sem*) e consciência desperta (*rig-pa*). Externamente, as aparências sensoriais têm características de substância (*ngo-po*) e de neutralidade cármica (*lung-ma-tan*). Internamente, eles estão rigidamente ligados pelo conceito de que seus corpos têm substância e são carmicamente neutros e permanentes. Eles podem alcançar uma experiência estável entre estes dois pólos, por assim dizer, que é meramente um estado de consciência incessante, lúcido e consciente. Existe a pequena possibilidade de que isto criará a virtude que os propelerá para os dois reinos mais elevados. No entanto, eles não alcançarão um estado de liberação e onisciência. Esta é, portanto, uma abordagem defeituosa.

"O termo 'conhecimento sublime, que conhece a natureza das coisas tal como elas são', refere-se ao conhecimento da natureza fundamental tal como ela é – sabendo que todos os fenômenos abrangidos dentro do samsara e do nirvana são de um só sabor dentro do contexto da talidade (*de-zhin nyid*), a verdadeira natureza dos fenômenos. O termo "conhecimento sublime que conhece as coisas em sua variedade" refere-se ao fato de que, embora se permaneça dentro do contexto da essência da consciência, a via livre da consciência onisciente e cognitiva ocorre naturalmente. Embora esta via seja desimpedida, não se torna pressa pelos objetos dos sentidos. Isso é comparado a uma gota de mercúrio caindo no chão.

"A mente ordinária vê o samsara e o nirvana como existindo por direito próprio (*rang-gyud*) e percebe que as aparências sensoriais têm substância, o que constitui o não reconhecimento da maneira como o fundamento do ser permanece. A partir daí, os eventos mentais se originam e cessam, sendo apanhados pelos objetos dos sentidos. Isto é comparado a uma gota d'água que cai na terra seca.

"Quando a verdadeira face do aspecto do fundamento do estado búdico – um estado de pureza e domínio da base do ser – é obscurecida pelo não reconhecimento da consciência (*ma-rig-pa*) os kayas e a percepção atemporal – o brilho inato da base do ser – diminuem em um brilho interior cujo esplendor é dirigido para fora, desdobrando-se como a exibição dos cinco elementos através da luz de cinco cores. Isso ocorre da seguinte maneira.

"Quando a consciência atemporal como o espaço básico dos fenômenos é obscurecida pelo não reconhecimento da consciência desperta, a irradiação dirigida para o exterior se manifesta como luz azul escura. Isso é chamado de "elemento interno", "elemento maior" ou "essência sutil do espaço". Quando esta radiância é fixada como tendo substância e é concebida como verdadeiramente existente, manifesta-se como espaço. Isso é chamado de "elemento externo", "elemento menor" ou "manifestação que constitui o resíduo".

"Quando a consciência atemporal como um espelho é obscurecida pelo não-reconhecimento da consciência desperta, ela diminui em um brilho interior cuja radiação direcionada para o exterior se manifesta como luz branca. Esta é a essência

sutil da água, ou o elemento maior ou interior. Quando esta radiância é concebida como tendo substância e é fixada como verdadeiramente existente, ela se manifesta como o elemento água. Este é o resíduo, ou o elemento menor ou exterior.

"Quando a consciência atemporal como a igualdade é obscurecida pelo não-reconhecimento da consciência desperta, ela diminui em um brilho interior cuja radiação direcionada para o exterior se manifesta como luz amarela. Esta é a essência sutil da terra, ou o elemento maior ou interior. Quando esta radiância é concebida como tendo substância e é fixada como verdadeiramente existente, manifesta-se como o elemento terra. Este é o resíduo, ou o elemento menor ou exterior.

"Quando a consciência atemporal discernente é obscurecida pelo não-reconhecimento da consciência desperta, ela diminui em um brilho interior cuja radiação direcionada para o exterior se manifesta como luz vermelha. Esta é a essência sutil do fogo, ou o elemento maior ou interior. Quando esta radiância é concebida como tendo substância e é fixada como verdadeiramente existente, manifesta-se como o elemento fogo. Este é o resíduo, ou o elemento menor ou exterior.

"Quando a consciência atemporal como realização espontânea é obscurecida pelo não-reconhecimento da consciência desperta, ela diminui em um brilho interior cuja radiação dirigida para o exterior se manifesta como luz verde. Esta é a essência sutil do ar, ou o elemento maior ou interior. Quando esta radiância é concebida como tendo substância e é fixada como verdadeiramente existente, manifesta-se como o elemento ar. Este é o resíduo, ou o elemento menor ou exterior.

"O fato de que essas radiações luminosas residem no interior asseguram que as aparências sensoriais de várias cores e os cinco elementos se manifestam ininterruptamente.

O que se segue é uma discussão sobre o que surge como a energia dinâmica desse quádruplo fundamento da confusão. O obscurecimento da base do ser pelo não-reconhecimento da consciência desperta é indiscutivelmente o fundamento de toda experiência ordinária (*kunzhi*), um vácuo inerte, como o espaço vazio, no qual nenhum pensamento ocorre e nenhuma aparência sensorial se manifesta. É como um sono profundo ou uma perda de consciência. A absorção completa neste estado é a essência da ignorância – a grande matriz mutável do não-reconhecimento da consciência desperta. A partir desse estado, a própria parcela da energia sutil do carma (*lay kyil lung*) é despertada, sendo a essência da inveja. Seu funcionamento faz com que um aspecto da lucidez – a consciência que se move a partir da base de toda a experiência ordinária (*kun-zhii nam-shey*) – seja evocado da vacuidade; isso constitui a permanência na essência da aversão. Disto nasce a consciência emocionalmente aflita (*nyon-yid*), o início do conceito de um "eu" onde há apenas o aparecimento de um ego; isto constitui a permanência na essência do orgulho. Daí surge a mente conceitual (*yid*), que constitui o potencial para que as aparências sensoriais proliferem no interior deste vácuo inerte. Um aspecto da lucidez é assim suscitado, o que constitui a permanência na essência do desejo e apego. Todas essas cinco essências surgem como energia dinâmica para fora do brilho interior. Essas essências dos cinco venenos emocionais são como um fogo do qual os padrões de pensamento emocionalmente aflitos voam como faíscas.

"Além disso, esse vacuo com um aspecto lúcido – a congruência da base de toda experiência ordinária e a mente conceitual – fornece um campo para a objetificação, que é uma via desimpedida para a proliferação de aparências sensoriais. Com a sincronidade dos dois fatores de causa e condição – onde a causa é a base do ser, dotada do potencial para que as coisas surjam, e a condição é a agitação da energia sutil do carma – as miríades de manifestações de formas visuais proliferam de tal modo que elas dependem dessa base e estão conectadas a ela, não sendo nada além da base em si. O contexto no qual as aparências sensoriais proliferam como formas visuais é convencionalmente descrito como "consciência visual".

A este respeito, o termo "campo para a objetivação" (*yul*) refere-se ao campo em que as aparências sensoriais se manifestam; isso pode ser comparado a um oceano. A "percepção dos objetos" (*zung wa*) refere-se à manifestação de aparências sensoriais como formas visuais; isso pode ser comparado ao reflexo de estrelas e planetas. Além disso, como a função sutil de reificação da consciência baseada na mente conceitual (*yiid kyi nam-shey*) rotula essas formas, investe-as com significado e as considera como substância, surge a conceituação que perpetua três tipos de experiências – prazerosa, dolorosa e neutra. Isso é chamado de "mente ordinária que reifica através da visão" (*mig gi dzin-pa sem*).

Da mesma forma, o campo que é a via desimpedida para a proliferação de sons é o "campo para a objetivação". A proliferação de aparências sensoriais que se manifestam como sons é a "percepção dos objetos". A consciência baseada na mente conceitual, que perpetua essas percepções, é a "mente comum que reifica". Como antes, há uma conexão interdependente, com a causa e a condição se unindo.

"E isso pode ser aplicado de maneira semelhante à 'consciência olfativa', dentro da qual há a proliferação de aparências sensoriais que se manifestam como odores; a 'consciência gustativa', dentro da qual há a proliferação de aparências sensoriais que se manifestam como gostos; e à 'consciência tátil', dentro da qual há a proliferação de aparências sensoriais que se manifestam como sensações táteis. Embora as descrevamos em termos convencionais, a consciência não se manifesta através de orifícios distintos, como é demonstrado na manifestação das aparências sensoriais nos sonhos e no bardo.

"Algumas pessoas sustentam que as aparências sensoriais são a mente. Elas podem se perguntar se todas as aparências sensoriais externas são realmente conceituação e, portanto, suas próprias mentes, mas isso não é o caso. Isso é demonstrado pelo fato de que, enquanto as aparências sensoriais mudam desde o momento em que elas se manifestam, cessando e desaparecendo em uma sucessão de momentos posteriores aos anteriores, a mente ordinária não toma a essência de todo fenômeno passageiro e assim se torna inexistente como mente.

"E assim, da maneira usual que as coisas se manifestam para as oito vias da consciência, o samsara se prolifera em sua totalidade. Entretanto, mesmo por traçar esse processo de volta à consciência que se move a partir da base de toda a experiência comum, ainda continua-se preso no pináculo da existência condicionada.

"Em resumo, o mundo de todas as aparências e possibilidades, seja do samsara ou do nirvana, não é outro senão a base do próprio ser e é de um só sabor com essa mesma base. Para usar uma metáfora, embora miríades de reflexões dos planetas e estrelas

apareçam no oceano, na realidade elas são de um só sabor com a própria água. Entenda que as coisas são assim. Revelar todas as aparências sensoriais como manifestações da própria consciência (*rang-nang*) é o conselho do coração de Vajradhara.”

Dizendo isso, ele desapareceu.



Hungchhenkara

EM MAIS UMA OCASIÃO, quando conheci o grande rigdzin Hungchhenkara em uma visão, eu perguntei: "O que é essa gama de aparências sensoriais?"

Ele concedeu a seguinte resposta: "Ah, grande ser espiritual, as cinco consciências dos sentidos são como o espaço, no qual tudo pode acontecer, enquanto a conceituação é como as substâncias e encantamentos usados na magia. A exibição que aparece a partir da sincronicidade destes dois ocorre como uma ilusão mágica. A consciência que perpetua isso é como um espectador.

"Sendo assim, todas as substâncias oferecidas ou dadas são como substâncias usadas na magia. A abordagem yóguica à natureza ilusória das coisas usa mantras de purificação e mantras de incremento que refinam essas substâncias na vacuidade, que fazem com que as aparências imensuráveis dos prazeres dos sentidos proliferem e se tornem objetos dos seis sentidos, deleitando todos os que são receptores dessas oferendas e presentes. Além disso, pelo bem dos seres, que são como emanções fantasmagóricas, através da yoga da natureza ilusória, organizamos o ambiente aparente como uma cidade dos gandharvas. Conduzimos as atividades dos seres libertadores e orientadores como se mudássemos os conteúdos de um sonho, ganhando assim o domínio da yoga suprema da ilusão.

"Considere o fato de que, não importa quantos planetas e estrelas são refletidos em um lago, essas reflexões estão englobadas dentro da própria água; que não importa quantos universos existam, eles estão abrangidos dentro de um único espaço; e que não importa quão vastas e numerosas as aparências sensoriais do samsara e do nirvana possam ser, elas estão englobadas dentro da natureza única da mente (*sem-nyid*).

"A natureza da mente, denominada 'natureza búdica' (*desheg nying-po*), é a abertura (*khyal-wa*) não maculada por defeitos. Por exemplo, embora os budas possam preencher o espaço, há abertura em que não há nada nem ninguém para ser beneficiado por sua consciência atemporal e qualidades iluminadas. Embora possa haver seres comuns iguais aos limites do espaço, cada um com um fluxo mental individual, há abertura em que não há nada nem ninguém que possa ser prejudicado.

"O aspecto fundamental do dharmakaya, a natureza búdica, está livre de tudo o que está relacionado com a originação – nenhuma localização, objeto ou criador – e assim está livre da limitação (*t'ha*) da originação. Está além de haver qualquer momento em que ela cesse ou qualquer coisa que a faça cessar, e por isso é livre da limitação da cessação. Pela razão de que não cai no extremo da existência como algo que possua substância – uma vez que nem mesmo os olhos dos vitoriosos a veem – é livre da limitação da permanência. Uma vez que é inexistente, não sendo nada, mas ao mesmo tempo constitua o fundamento comum do samsara e do nirvana, está livre da limitação da inexistência absoluta. Uma vez que está além de todas as coisas relacionadas ao ir – nenhuma localização, objeto ou agente – está livre da limitação da ida. Desde que nada relacionado com a vinda – nenhuma localização, objeto ou agente – tenha alguma vez existido, está livre da limitação da vinda. Pela razão de que todos os fenômenos do samsara e do nirvana surgem distinta e individualmente dentro da extensão da base do ser, ou natureza búdica, como os planetas e estrelas refletidas em um lago, está livre da

limitação de ser idêntico a eles. Desde que os modos do samsara e do nirvana, sejam eles quais forem, são de um só sabor com esta mesma base do ser, ou natureza búdica – assim como os planetas e as estrelas refletidas no oceano não são outros senão o oceano – está livre da limitação de estar separado deles. Porque não se enquadra em nenhuma dessas oito limitações da elaboração conceitual (*tro-pa*), é a abertura não maculada por falhas.

"Além disso, é vazia por está além de superior ou inferior, da direção cardinal ou intermediária, de intervalo ou período de tempo. É vazia por ser totalmente penetrante e totalmente extensiva. Há uma vacuidade externa em que exteriormente todas as aparências sensoriais são tais que nunca existiram verdadeiramente como algo que possa ser caracterizado como tendo substância. Há uma vacuidade interior, em que internamente a mente de alguém está além de toda base ou fundamento. Há uma vacuidade intermediária, não-exclusiva – supremamente extensa e penetrante – em que não há diferenciação devido à percepção dualista. Esta é a vacuidade (*tong-pa-nyid*), que é uma porta para a liberação completa.

"O aspecto fundamental do dharmakaya, a natureza búdica, está livre de ser caracterizado de maneiras que possam ser expressas em palavras, está além da aproximação metafórica e é desprovido de qualquer coisa que possa realmente ser demonstrada; isto é a ausência de características (*tsan-ma med -pa*), que é outra entrada para a liberação completa.

"Em relação a essa natureza dos fenômenos, ou natureza búdica – isto 'alcançando um estado de bem-aventurança ao longo dos três tempos' – pensar na meta como ganhar liberdade em algum outro lugar ou reino, indo lá simplesmente para se aplicar à virtude física ou verbal, é pensar que o panorama penetrante e extensivo do espaço é um objeto ou agente que vem ou vai. Como um estado de mente extremamente desnorteado e deludido!

"O que, então, constitui o caminho (*lam*)? É simplesmente manter o próprio lugar no imediatismo da própria situação. O que constitui a realização (*tog-pa*)? É simplesmente entender corretamente a verdadeira natureza da pessoa como o modo de permanecer. O que constitui a liberdade (*drol-wa*)? É o estado naturalmente desperto da budeidade como a própria essência (*rang-ngo*). Aquele que se esforça, concebendo esse nível de liberdade e seu contexto como sendo outra coisa, é extremamente confuso. Uma vez que não há contexto na realidade última sobre a qual se basear a menor especulação sobre uma meta, há a ausência de especulação (*mon-pa med-pa*), que é outra porta para a liberação.

"Ah, meu jovem rapaz, senhor poderoso da consciência, você não será liberado apenas por minha explicação e por ter ouvido tais coisas. Examine e analise a natureza fundamental (*ngangtsul*) do que expus, para que a experiência direta seja evocada das profundezas de seu ser e estabilize sua compreensão e a consciência contínua. Ensine isto a esses afortunados que são recipientes dignos. Minha mente esclarecida será transferida para aqueles indivíduos espirituais que colocam isto em prática de forma unidirecional, e eles alcançarão a liberdade em pouco tempo. Não tenha dúvida sobre isso.

Dizendo isso, ele desapareceu.



Manjushri, O Leão do Discurso

EM MAIS UMA OCASIÃO, durante uma experiência meditativa de lucidez, conheci Manjushri, o Leão do Discurso, e fiz a seguinte pergunta: "Ah, professor, guia do mundo, cheguei a uma decisão sobre a natureza fundamental, assim como ela é – que todas as aparências sensoriais do universo não são nada além das próprias manifestações da consciência (*rang-nang*). Mas eu oro para que você me mostre se os distintos nomes e reinos puros de todos os Budas podem ser encontrados como objetos em seu próprio direito."

Depois de ter feito este pedido, o professor deu a seguinte resposta: "Ah, ouça, grande ser espiritual. As qualidades da preciosa presença espontânea (*lhun-drub*) constituem o brilho interno do aspecto fundamental do dharmakaya, a natureza búdica. Com isso como base, os reinos puros dos budas, as divindades masculinas e femininas e as imensuráveis mansões sobre as quais você fora instruído são perfeitas como atributos naturais da própria base do ser. Este é o princípio do conhecimento sublime (*shey-rab*). Ensinar que estes são objetos que podem ser encontrados existindo como algo diferente do que a base é o princípio dos meios hábeis (*t'hab*).

"A perfeição das qualidades dentro da própria base do ser é a realidade última (*don-dam*). A explicação de que elas existem como algo mais – como os objetos que compõem o universo – é a realidade relativa (*kun-dzob*).

"Novamente, o significado definitivo (*ngey-don*) é a exibição dos kayas e da consciência atemporal como a presença espontânea da base do ser em si. O significado provisório (*drangdon*) inclui todas as explicações dos reinos puros dos budas, os nomes das divindades masculinas e femininas, e assim por diante como outros objetos que não aquela base – isto é, como coisas que podem ser caracterizadas como tendo substância.

"O que se segue é uma demonstração da realidade última no nível relativo, de acordo com os modos da experiência samsárica. Consideremos a maneira pela qual todos os vitoriosos são abrangidos dentro do modelo dos cinco kayas. Todos os fenômenos abrangidos dentro do mundo das aparências e possibilidades, sejam do samsara ou do nirvana, estão presentes como atributos naturais não-elaborados dentro da vacuidade suprema da base do ser como espaço básico. Esta natureza suprema dos fenômenos é 'dharma' (*chho*).

Devido à gama inconcebível de diversos temperamentos e capacidades, há uma gama inconcebível de abordagens para o caminho espiritual, de experiências meditativas e de metas a serem alcançadas. A presença destes como atributos naturais é 'kaya' (*ku*).

"A exibição espontânea dos kayas e da consciência atemporal é perfeita como atributos naturais a serem desfrutados, isto é sambhogakaya (*long-ku*).

"Sem nenhuma intenção consciente de emitir emanações que se afastem da natureza fundamental, o nirmanakaya (*trulku*) de professores iluminados, artesãos, mestres reencarnados e matéria inanimada se manifesta de tal modo que não é outro senão o fundamento do próprio ser. Esses quatro modos distintos de emanação se manifestam

através de uma conexão interdependente quando há a sincronicidade de uma consciência que concebe um eu, que é como um vaso cheio de água, e as qualidades do espaço básico da natureza de Buda, que são como os planetas e as estrelas no céu.

"Na realidade, o universo não vai além da exibição dos três kayas. O termo 'dharmakaya' refere-se ao aspecto de sua essência como vacuidade, 'sambhogakaya' ao aspecto de sua natureza como presença espontânea, e 'nirmanakaya' ao aspecto de suas manifestações distintas.

"Além disso, 'svabhavika' (*ngo-wo-nyid*) implica que a base do próprio ser é a essência de todo o samsara e o nirvana, e que tudo é de um só sabor dentro dessa mesma essência. 'Kaya' (*ku*) denota a reunião e acumulação, por assim dizer, de todos os aspectos da consciência atemporal e das qualidades iluminadas.

"Sem nenhuma transição nos três tempos, a essência do ser é 'imutável' (*mi-gyur*), pois não se transforma em outra coisa, é invulnerável, pois não pode ser danificada por nada, é indestrutível, uma vez que não é destruída por si mesma ou qualquer outra coisa. É autêntica, pois permanece como a base comum de todo o samsara e nirvana. É incorruptível, pois não é afetada por boas ou más qualidades. É estável, uma vez que está livre da flutuação. Ela é, de todas as formas, desobstruída, já que é capaz de penetrar até o sutil obscurecimento cognitivo. É em todos os sentidos invencível, já que nenhum objeto ou condição é igual a ela.

"Assim, o modo como as coisas permanecem – o modo vajra supremo e indestrutível (*dor-je*) de permanecer – implica quatro garantias.¹ Exceto para pessoas espirituais com o carma apropriado e boa fortuna, é impossível para qualquer ser comum percebê-la; uma vez que é realizada e colocada em prática, é impossível não ganhar uma confiança permanente nela, uma vez que a confiança é adquirida, é impossível que a liberdade não aconteça, e é impossível para todos aqueles que encontraram a liberdade não despertarem para o estado búdico.

"A presença destes cinco kayas como atributos naturais do próprio ser é a realidade última, a explicação deles como distinta dessa base é denominada 'realidade relativa' e o 'caminho de meios hábeis.'

"O que se segue é a base na qual as deidades são descritas em termos das famílias, correspondendo à identificação dos seres com sua espécie.

Uma vez que o fundamento do próprio ser é tal que as distorções dos padrões habituais são removidas no espaço básico, o termo "remoção" (*sang*) é usado. Uma vez que este contexto da consciência atemporal e qualidades iluminadas se desdobram, o termo "desdobramento" (*gyay*) é usado.² Uma vez que a base é dotada dos sete atributos vajra indestrutíveis, há a família "vajra" (*dor-je*). Porque funciona como a fonte de todos os kayas e aspectos da consciência atemporal, há a família ratna, ou jóia (*rin-chhen*). Porque não é manchada por qualquer falha ou distorção, há a família 'lótus' (*pad-ma*).

¹ Não tão claramente destacado no texto quanto os outros quatro, o quinto kaya para o qual a etimologia é explicada aqui é o "vajrakaya imutável (*migyur dor-je ku*)".

² O termo tibetano para buddha é *sang-gyay*, que é explicado etimologicamente como a remoção (*sang*) de fatores negativos e o desdobramento (*gyay*) dos positivos.

Porque as atividades iluminadas são completamente realizadas, há a família "karma", ou "atividade" (*lay*). O termo "família" (*rig*) descreve as respectivas associações abarcadas por este modelo.

"O que se segue é uma demonstração quántupla dos reinos puros, o que corresponde à identificação dos seres humanos com seu território: Do ponto de vista da densidade das qualidades iluminadas (*yon-tan*) que estão espontaneamente presentes na base do ser como o espaço básico, existe o reino da Densa Variedade (Ghanavyuha). Uma vez que o fundamento do ser é dotado da alegria suprema que não foi trazida à existência por qualquer objeto, condição ou agente, existe o reino da Alegria Manifesta (Abhirati).

Uma vez que é dotado com a glória abundante da consciência atemporal e qualidades iluminadas, há o reino Dotado de Glória (Shrimat).

Uma vez que é dotado com a consciência atemporal de felicidade inesgotável e vacuidade, há o reino de Dotado de Bem-Aventura (Sukhavati).

E uma vez que há a total perfeição de todas as atividades de purificação e liberdade, há o reino da Atividade Totalmente Perfeita (Sukarmapura). O termo 'campo' (*zhing*) denota o espaço básico; o termo 'reino' (*kham*) denota aquele que não é outro senão a natureza fundamental do ser.³ Como as qualidades iluminadas da base do ser não podem ser medidas, o termo 'imensurável' (*zhal-yay*) é usado. Uma vez que eles preenchem completamente todo o samsara e o nirvana, o termo 'mansão' (*khang*) é usado.

³ O termo tibetano que é traduzido neste trabalho como "reino puro" é *zhingkham*, cuja etimologia é explicada aqui de acordo com seus componentes de "campo" (*zhing*) e "reino" (*kham*)

"Quando o brilho natural da base penetrante e extensa do ser como o espaço básico foi evidenciado pelo conhecimento sublime que é supremo e penetrante, há a Manifestação Distinta (Vairochana) de todos os aspectos da consciência atemporal e das qualidades iluminadas da base do ser – isto é, da natureza búdica como a natureza fundamental do ser (*kham*). Uma vez que a base é dotada de sete atributos vajra indestrutíveis e está livre de flutuação ao longo dos três tempos, há o Vajra Inabalável (Akshobhyavajra). Uma vez que é a fonte de todos os elementos do caminho e sua fruição e é dotado de uma abundância de qualidades iluminadas, há a Fonte de Preciosidade (Ratnasambhava). A Luz Ilimitada (Amitabha) refere-se à manifestação sem limites da base. Uma vez que tudo o que tem significado autêntico ocorre naturalmente, há a Realização do Significado (Amoghasiddhi).

"A vacuidade última vajra é o espaço em que todos os fenômenos do samsara e do nirvana se manifestam em formas específicas que vêm e vão, então há Vajradakini.

Ratnadakini refere-se a todos os aspectos da consciência atemporal e qualidades iluminadas que ocorrem naturalmente, semelhante a uma casa de tesouro de jóias preciosas. Padmadakini refere-se ao aspecto da liberdade de todo apego. Karmadakini refere-se aos aspectos de todas as atividades dos kayas espontaneamente presentes e da percepção atemporal ocorrendo naturalmente, não criado ou realizado através do esforço. Uma vez que as distorções emocionais e cognitivas (*dri-ma*) são removidas no espaço básico e o alcance da consciência atemporal e das qualidades iluminadas se

desdobram, há "Buda". E "dakini" refere-se ao modo como todas as aparências sensoriais do samsara e do nirvana se manifestam como formas específicas que vêm e vão dentro da extensão do espaço (*kha*) da vacuidade suprema.⁴

⁴ O termo tibetano para o sânscrito "dakini" é *kha-dro*, cuja etimologia é explicada aqui de acordo com seus componentes de "espaço" (*kha*) e "freqüenta[dora]" ou "andante" (*dro*).

"Infundir a bênção suprema do reconhecimento da consciência atemporal na escuridão do não reconhecimento constitui o estágio atual do recebimento das bênçãos (*jin-beb*).

"Com a realização do modo pelo qual as aparências sensoriais surgem como o adorno da consciência, o conjunto natural das experiências sensoriais é a oferenda (*chhod-pa*) em si.

"A mudança da perspectiva do fundamento de toda a experiência ordinária para a do dharmakaya conduz ao estado búdico como a base primordial do ser. Há um conhecimento sublime que compreende a maneira como este permanece, tal como é, e o conhecimento sublime que percebe as coisas em sua variedade e é a síntese da onisciência e da lucidez total. Estes dois aspectos do conhecimento sublime tornando-se evidente é a união dos segredos de todos os vitoriosos e seus herdeiros.

"O caminho dos meios hábeis constitui a gama das hostes de guardiões arrogantes dos ensinamentos, análogo aos primeiros vislumbres de realização; o dos bodhisattvas, análogo ao domínio do oitavo e mais alto nível de realização; e o dos budas e reinos puros, análogos ao estado búdico real. Esta via dos meios hábeis explica o fundamento de toda experiência comum – o não reconhecimento da consciência – como Maheshvara, e todos os padrões de pensamento que surgem dela como guardiões dos ensinamentos – os dharmapalas que são as oito classes de deuses e demônios. Essas expressões da suprema consciência atemporal ocorrendo naturalmente – que surgem como sua energia dinâmica, devido ao aspecto da base primordial do dharmakaya tornando-se evidente – são categorizadas e estruturadas no caminho dos meios hábeis. A prática de Sadhana torna o estado desperto final totalmente evidente. Todas as sadhanas e mandalas estão incluídas e perfeitas dentro disso.

"A mudança na perspectiva de todos os fenômenos dos três domínios do samsara para a exibição da natureza suprema única dos fenômenos torna a natureza fundamental plenamente evidente." Isso constitui o estágio do convite (*kyan-dren*).

"Mantendo-se no estado natural (*rang-sa*) em todo o seu imediatismo, livre de transição ou mudança ao longo dos três tempos, constitui o pedido para permanecer (*zhug-sol*).

"Para experimentar um grande senso de admiração ao encontrar a sua própria face verdadeira – o aspecto da base primordial do dharmakaya, a mais majestosa das visões – é prestar homenagem (*khyagtsal*) ao encontrar a visão.

"A exibição dos fenômenos dentro do contexto de sua verdadeira natureza constitui a oferenda suprema (*chhod-pa*).

"Para sentir uma sensação de admiração e convicção quando você percebe, tal como é, a forma como o samsara e o nirvana permanecem como a grande perfeição é o louvor final (*tod-pa*).

"A gama das formas iluminadas (*ku*) são aquelas das coisas que se manifestam nitidamente e individualmente em toda a sua variedade. A exibição do discurso iluminado (*sung*) é a sua presença espontânea (*lhun-drub*) e perfeição. A exibição da mente iluminada (*t'hug*) é o próprio espaço básico como pureza original (*ka-dag*), livre das limitações da elaboração conceitual. O que distingue a percepção como grande perfeição são essas qualidades iluminadas, que são devidas à realização da natureza fundamental, à exibição dos kayas e à consciência atemporal que mesmo não buscadas estão espontaneamente presentes – qualidades que constituem o domínio dos quatro tipos de atividade iluminada (*lay*). De maneira semelhante, compreendam que, com a ocorrência natural da forma, fala, mente, qualidades e atividades iluminadas, os quatro empoderamentos estão simultaneamente completos.

"Compreender e realizar a natureza fundamental de tal perfeição, tal como ela é, certamente a grande perfeição. Antes disto, vocês têm vagueado no samsara devido à falta de tal entendimento. Embora exista uma perfeição primordial, ela foi obscurecida pelo não reconhecimento da consciência. É como a água que flui livre e naturalmente, sendo confinada – congelada em gelo – ou como ouro e jóias que, não sendo reconhecidos pelo o que são, não podem aliviar a pobreza.

"Em última análise, a consciência atemporal e as qualidades da base do ser – natureza búdica – são perfeitas como a energia dinâmica dessa base. As explicações destas como mandalas distintas de fatores de suporte e apoio constituem os meios hábeis, que são demonstrados para levar aqueles a serem domados – aqueles que investem coisas com permanência – ao longo do caminho relativo do esforço para o espaço básico final, o que não implica nenhum esforço.

“Portanto, com três fatores-chave – clareza, pureza e vacuidade –, é-se conduzido ao espaço básico da meta insuperável”.

Dizendo isso, ele desapareceu.



Orgyan Tsokyey Dorje

EM MAIS UMA OCASIÃO, encontrei o glorioso Orgyan Tsokyey Dorje em uma visão e fiz a seguinte pergunta: "Ah, senhor soberano, guia primordial, por que são feitas visualizações e práticas de sadhanas concernentes a reinos puros, mansões incomensuráveis e treinamento com deidades?"

Ele concedeu a seguinte resposta: "Os universos que se estendem por todo o espaço constituem o rudra (demônio) externo de ver as coisas em termos de identidade. O antídoto para isso é refiná-las em reinos puros emanados formados de luz.

"No nível interno, a percepção de habitações e riquezas a serem desfrutadas, assim como o próprio corpo, constitui o rudra interior de ver as coisas em termos de identidade. O antídoto para isso é meditar em mansões e deidades incomensuráveis.

"Em todos os momentos e em todos os sentidos, há a consciência latente, coesa e ininterrupta que percebe um ego – um eu – que constitui o rudra secreto de ver as coisas em termos de identidade, isto é, o fio condutor comum que percorre todas as aparências sensoriais e estados mentais no samsara. O antídoto a isso é manter firmemente o orgulho da divindade.

"Se esses pontos-chave não forem compreendidos, algumas pessoas irão negligenciar a visualização clara e a exploração do orgulho vajra, e concentrar-se-ão apenas na repetição do mantra. Alguns sustentam que as divindades e os reinos puros existem por direito próprio, e assim, mesmo que eles se envolvam na prática de sadhana, eles não despertarão para o estado búdico. Desta forma, você deve compreender estes pontos chaves!"

Dizendo isso, ele desapareceu.



Ekajati

EM OUTRA OCASIÃO, quando encontrei, em uma visão, a rainha do espaço básico, Ekajati, fiz o seguinte pedido: "Ah, única avó de todo o samsara e nirvana, o que você chama de abordagem espiritual de deleitar-se no céu secreto da rainha do espaço básico, na suprema vacuidade do samsara e nirvana?"

Ela concedeu a seguinte resposta: "Ah, pequeno filho da mãe, eu lhe dei em sua totalidade a linhagem da transmissão mente-a-mente da intenção iluminada (*gong-gyud*), como se lhe fornecesse um corpo. Eu criei você, amamentando-o com a linhagem de transmissão através dos símbolos (*da-gyud*) como se o amamentasse com leite materno. Eu fomentei sua inteligência, transmitindo a você a linhagem da transmissão oral (*nyan-gyud*) como um conselho sincero. Ensine aqueles afortunados a serem domados que estão conectados a você pelo carma e pela aspiração. Todos os que estiverem conectados a você encontrarão significado nisso.

"Meu nome é dado a esta mais majestosa de todas as abordagens espirituais. Todos os sons audíveis são o meu nome, e por isso, esta exibição todo-abrangente do céu da mãe que goza do espaço, o segredo insuperável e definitivo, é referido por muitos nomes, Mas aqui vou falar de apenas sete.

"Uma vez que esse ensinamento envolve dois grandes tipos de segredo, ele é 'secreto' (*sang*). Uma vez que protege de uma das terríveis conseqüências de conceber um eu e imaginá-lo como tendo características, é 'mantra' (*ngag*). É o 'vajra' (*dor-je*) indestrutível da realidade última, pois as qualidades de todos os caminhos são destiladas à sua essência vital, é 'yana' ou 'abordagem espiritual' (*t'heg-pa*).

"Dado que ela permanece como o modo consumado de todos os fenômenos, ela tem o 'significado' último (*don*). Em sendo o mais importante a ser realizado, é o 'sagrado' (*dam*). É o 'refinamento' (*jang*) de todas as falhas e distorções. É o estado abrangente e consumado (*chhub*) de todas as qualidades dos kayas, a consciência atemporal, o caminho e a meta. É 'chitta', ou coração – ou seja, 'mente' (*sem*) – permanecendo como a única força vital dos três vajras, a base para o surgimento da exibição das miríades de coisas em sua igualdade e pureza.

"É a 'perfeição' (*dzog-pa*) dos três modos – samsara, nirvana, e o caminho. É 'grande' (*chhen-po*), uma vez que funciona como a base comum para todas as abordagens espirituais, incluindo todas elas dentro de um único propósito e trazendo-as para um único ponto de convergência.

"Desde que está além de todas as extremidades dos conceitos, é 'esfera' (*t'hig-le*). Como o samsara e o nirvana são de um só sabor na mente desperta, ela é 'única' (*nyag-chig*).

"Uma vez que a natureza fundamental da consciência, a natureza búdica, é imaculada e lúcida, livre de fatores poluentes, é 'lucidez total' (*od-sal*). Uma vez que é dotada com os sete atributos vajra indestrutíveis, é 'vajra' (*dor-je*). E como ela permanece como a

essência vital de todos os fenômenos do samsara e do nirvana, é a 'essência do coração' (*nying-po*).

"Visto que todos os fenômenos do samsara e do nirvana (*khor-day*) são incluídos no abraço (*ub*) da natureza búdica e são totalmente consumados (*chhub*) nela, é a 'consumação todo-abrangente do samsara e do nirvana.'

"Uma vez que está livre de todo o nascimento, morte, decadência e decrepitude, é 'jovem' (*zhon-nu*). Como não há violação de sua presença espontânea abrangente, é 'vaso' (*bum-pa*). Uma vez que é, por assim dizer, uma acumulação, ou reunião, de todas as qualidades iluminadas e aspectos de cognição atemporal, é 'corpo' (*ku*).

Dizendo isso, ela desapareceu.

Vou explicar detalhadamente sua explicação geral ilustrando a maneira como todas as qualidades dos caminhos das nove abordagens espirituais do desenvolvimento (*t'heg-pa rim-pa gu*) estão completas.

Na abordagem shravaka, percebe-se que nenhuma das manifestações da identidade pessoal – ou seja, nenhuma das bases para a concepção de um "eu" ou ego – tem qualquer natureza independente (*rang-zhin med-pa*). A abordagem do pratyekabuddha é a percepção de que todas as coisas, externas ou internas, são apenas as aparências ilusórias da conexão interdependente (*dez-drel*). Na abordagem do bodhisattva, a energia dinâmica da realização da vacuidade surge como a essência que é a compaixão (*nying-ie*), e assim todos os aspectos dos meios hábeis e conhecimento sublime são facilmente incluídos como uma questão de curso. As qualidades dessas três abordagens, que levam a um afastamento da origem do sofrimento, são completas na medida em que cada abordagem superior incorpora as inferiores.

A abordagem kriyatantra centra-se em deliciar a deidade através de práticas ascéticas e purificação ritual. Na abordagem upaya-tantra, a realização espiritual (*siddhi*) é realizada através da repetição de mantra e absorção meditativa (*tingnge-dzin*).

A abordagem do yogatantra é o yoga da calma (*zhi-nay*) e da percepção profunda (*lhag-t'hong*) – a visão da bênção do espaço básico, que não pode ser caracterizada, dentro da mandala suprema do espaço básico vajra. Todas as qualidades e funções dessas três abordagens, que evocam a conscientização através de práticas ascéticas, estão completas dentro do único espaço básico que é coemergente com a mente natural indescritível (*rang-sem*), a própria essência da realização espiritual.

Na abordagem do mahayoga, ou tantra pai, todos os fenômenos são puros desde o início no supremo dharmakaya como realidade última dotada dos sete atributos, ou como a inseparabilidade dos dois níveis da verdade profunda. Na abordagem do anuyoga, baseada em comentários explicativos, a mandala supremamente feliz da mente desperta é a criança nascida da união das duas mandalas – a realidade atemporal tal como ela é e a presença espontânea da consciência atemporal. Dentro desta mandala da mente desperta, o mundo das aparências e possibilidades é perfeito como um estado supremo de pureza e igualdade.

Na aproximação da grande perfeição natural – a lucidez absoluta, um único espaço básico que transcende o centro ou a circunferência – o fundamento do ser manifestando-

se como aparências sensoriais é a manifestação da preciosa presença espontânea, com tudo surgindo naturalmente de forma que não está sujeita a restrições ou extremos, e sem separação, assim como não há nenhuma entre o ouro e o seu brilho. Assim, o próprio significado da natureza búdica – dharmakaya sem transição ou mudança, a consciência supremamente livre de limitação, o fundamento do ser como espaço básico – é abrangido simultaneamente.

A apresentação dessas abordagens individualmente é simplesmente um ensinamento para que aqueles a serem domados possam ser conduzidos em estágios progressivos.



Shri Simha

MAIS TARDE, QUANDO NUMA VISÃO conheci Shri Simha, rei dos rigdzins, fiz a seguinte pergunta: "Ah, professor eminente, peço-lhe que me revele o caminho da Grande Perfeição!"

Depois de ter feito este pedido, ele concedeu a seguinte resposta: "A grande perfeição é a suprema base comum do samsara e do nirvana, o espaço básico supremo no qual os três modos de samsara, nirvana e o caminho são perfeitos.

"Conhecer esta natureza fundamental como ela realmente é, é a visão.

"Ganhar domínio nessa suprema e atemporal base primordial – ao despertar para ela, e abrir-se a ela, em todo o seu imediatismo – é a meditação livre de qualquer quadro fixo de referência. É como uma gota de água misturando-se com o oceano e tornando-se o oceano sem alterá-lo, ou o espaço dentro de um vaso misturando-se com o espaço exterior, estendendo-se livremente por todo o espaço sem alterá-lo. Embora não haja distinção entre interior e exterior em relação à mente ordinária versus a base do ser, o que equivale a tal divisão é causado pela percepção em termos de identidade (*dag-dzin*). Assim como a água, que existe em um estado naturalmente livre congela-se em gelo sob a influência de um vento frio, assim a base do ser existe em um estado naturalmente livre, com todo o espectro do samsara estabelecido unicamente pela influência da percepção em termos de identidade.

"Compreendendo essa natureza fundamental, você abandona os três tipos de atividade física – boas, más e neutras – e senta-se como um cadáver em um cemitério, sem que nada precise ser feito. Você também desiste dos três tipos de atividade verbal, permanecendo como um mudo, bem como os três tipos de atividade mental, repousando sem artifícios como o céu de outono livre das três condições poluentes.⁵ Isso é chamado de 'equilíbrio meditativo formal' (*nyam-par zhag-pa*). Também é chamado de 'deixar de lado qualquer coisa a ser feita' ou 'nada que precise ser feito' (*jarmed*), uma vez que todas as atividades foram abandonadas, e assim, reside-se 'além da consciência comum' (*lo-day*), visto que não há artifícios pela consciência ordinária. No contexto deste ponto-chave, você vai descobrir uma grande confiança interior.

⁵ Nuvens, nevoeiro e neblina.

"Além disso, em todos os momentos enquanto estiver andando, sentando, deslocando-se, movendo-se, repetindo mantras, falando em voz alta, pensando ou conduzindo-se de qualquer outra forma, sem perder a perspectiva da visão (*ta-wa*) você está ciente de que o mundo das aparências e possibilidades é como uma ilusão. Sem perder a confiança interior de sua meditação (*gom-pa*), você está ciente de sua natureza fundamental (*ngang*) tornando-se evidente. E sem que sua conduta (*kyod-pa*) se torne descuidada, você confia corretamente nos quatro tipos de conduta autêntica. Estes são os pontos-chave para confiar até o final de seus dias. Esta é a meditação que é naturalmente livre e além da consciência comum.

"O ponto-chave da conduta é renunciar às atividades físicas e verbais não virtuosas como se elas fossem veneno, não enfatizando demais a visão à custa da conduta,

pensando que, como tudo é vacuidade, você não será manchado por defeitos, não importa como você se comporte. Você deve ser calmo, moderado e cuidadoso, como alguém que foi levado perante o juiz supremo.

"Por outro lado, ao se apegar a três tipos de atos virtuosos incidentais – físicos, verbais e mentais – como se fossem profundos, você anula a visão e a meditação correta. Se você gasta esta vida humana meramente acumulando méritos dentro do samsara, é como se estivesse preso com correntes de ouro, sem enfatizar demais a conduta à custa da visão, você deve ser como um leão das neves que mora majestosamente nas geleiras, e a quem nenhum outro animal de presa pode oprimir.

"Em particular, se você seguir aqueles que dizem que, embora se perceba a vacuidade, é preciso cultivar a compaixão em outro lugar, você é semelhante a alguém que afirma que, embora se tenha água, é preciso buscar umidade em outro lugar, que, embora se tenha fogo, é preciso buscar calor em outro lugar, ou que, embora alguém seja ventilado pelo vento, seja preciso buscar a frieza em outro lugar. A experiência decisiva da certeza de que o samsara e o nirvana são a vacuidade suprema em si mesma é a insuperável mente-compaixão despertada como a exibição do samsara e do nirvana em sua igualdade e pureza.

"Há aqueles que, uma vez que eles foram diretamente introduzidos e estão cientes dos pontos-chave e da natureza fundamental da visão e da meditação, tal como são, chegam à decisão de que esta introdução por si só é suficiente. Entretanto, fixados na necessidade de fazer coisas no samsara, eles desperdiçam suas vidas humanas envolvendo-se em vários tipos de comportamento baseados no apego e aversão. Toda a sua visão e meditação é sobrecarregada pelos planos e ações do samsara.

"As experiências meditativas ocorrem no momento em que sua mente comum – o continuum de sua consciência – se torna diferente do que era antes. As experiências prazerosas de bem-aventurança irão impulsioná-lo para o renascimento como um deus do reino do desejo, experiências vívidas de lucidez irão impulsioná-lo para um renascimento no reino da forma. As experiências de vazio – em branco, estados não-conceituais implodidos, como o do sono profundo, sem lembrança ou consciência – o impulsionarão para o renascimento em um dos quatro estados do reino sem forma. Sem o menor pressentimento da visão do vazio, você pode decidir intelectualmente que a mente está vazia apenas na medida em que nunca existiu como algo substancial, e assim descansar unidirecionalmente nesse contexto da vacuidade. Esta visão irá impulsioná-lo para o auge da existência condicionada, isto é, o renascimento como um deus em um estado desprovido de percepção.

"Além disso, você pode encontrar perturbações (*long*). As perturbações externas consistem em várias fantasmagorias que afetam os sentidos, tais como os presságios negativos que são as maquinações dos deuses e demônios. As perturbações internas incluem várias doenças e dores corporais. As perturbações secretas são mudanças de humor oscilatórias. Se você está ciente de suas falhas ocultas, e de que elas são todas experiências imensamente falsas, e chegar a uma decisão sobre isso, elas desaparecerão naturalmente. Se você as reforçar dentro do contexto da esperança e do medo, investindo-as com existência verdadeira, elas podem se tornar circunstâncias potencialmente fatais, como episódios psicóticos, ataques e convulsões. Estar obcecado

com o que se manifesta como deuses ou demônios fará com que um grande meditador se degenera em alguém muito comum ".

Dizendo isso, ele desapareceu.



Zurchhung Sheyrab Dragpa

EM MAIS UMA OCASIÃO, em uma visão naturalmente manifesta do reino puro supremo de Akanishtha (Ogmin) como a área mortuária de Meri Barwa (Vulcão em Erupção), conheci Zurchhung Sheyrab Dragpa. Eu disse: "Ah, respeitado guru, conceda-me, eu rezo, a essência mais íntima de sua mente iluminada, uma instrução de significado condensado em poucas palavras".

Depois de ter feito este pedido, ele concedeu a seguinte resposta: "Ah, escuta ser espiritual. As acumulações, aspirações e tendências cármicas positivas reforçadas por eons imensuráveis se uniram simultaneamente em você. Se você deseja alcançar o estado onisciente da budeidade, faça o seguinte: Satisfaça o seu guru com devoção inabalável em todos os momentos com uma conduta perfeita. Treine sem interrupção no amor afetuoso e na visão pura junto a seus companheiros espirituais. Esforce-se pelo o estado de liberação e onisciência através da intensa compaixão pelos seres. E permaneçam no estado em que nada precisa ser feito, sempre pensando na natureza impermanente de todas as coisas compostas e deixando ir assim a necessidade de fazer qualquer coisa no samsara. Esta é a insuperável essência mais íntima de todos os ensinamentos sagrados do Buda.

"O que segue são três pontos-chave: Não desperdiçar suas instruções espirituais é o serviço ao guru sagrado; honrar seu samaya sem hipocrisia é a 'pedra espiritual' das divindades e guardiões; e misturar esta vida humana com os ensinamentos do Buda é saber que não haverá nada inacabado no momento de sua morte.

"Guarda o teu samaya e preceitos como farias com a tua própria vida – este é outro ponto crucial, que garante que um grande meditador não degenerará em alguém muito comum. Manter o contentamento com respeito aos prazeres dos sentidos – este é o conselho para não ser enganado por objetos ignóbeis dos sentidos. Entenda que o samsara não tem uma essência verdadeira – este é um conselho para cortar através das fixações do apego e da aversão. Saiba que assim como no caso dos relógios de incenso que queimam continuamente, não há fim para as coisas que poderiam ser feitas no samsara – este é o conselho do coração (*man-ngag*) que os leva a um fim.

"No início, você desenvolve a compreensão confiando no treinamento. Mais tarde, você desenvolve uma compreensão mais profunda por provocar a experiência pessoal através do exame e investigação. Mas a situação é tal que a mera compreensão e entendimento deste tipo não trará a liberdade. Por analogia, mesmo que você tenha comida, você não será saciado se você não comê-la.

"Assim como a escuridão não pode ocorrer uma vez que o amanhecer tenha a dissipado, quando você desistir de todo tipo de atividade, você ganhará estabilidade em sua situação imediata através da força de sua meditação. No ponto onde não há nenhuma restrição da varredura panorâmica da consciência desperta, você descobrirá uma confiança interior natural em sua situação imediata. Mas mesmo neste momento, você ainda não terá despertado para o estado búdico.

"Quando os fenômenos se resolverem dentro de sua verdadeira natureza, você experimentará a expansividade infinita dentro do contexto do espaço básico dos fenômenos, supremo e todo-abrangente, além da menor distorção da mente ordinária e dos fenômenos que ela percebe no samsara. Então você terá alcançado o nível da liberdade. Nesse estado de experiência, além disso, até os mais sutis obscurecimentos cognitivos (*shey-drib*) são removidos, não deixando nenhum rastro, e o domínio é obtido através da suprema consciência atemporal, tanto da natureza real das coisas como ela são como das coisas em sua multiplicidade. Então, você despertará para o estado búdico no dharmakaya, que é como o espaço – a exibição da congruência dos três kayas.

"Ah, filho de herança espiritual, a mente ordinária (*sem*) pode ser caracterizada como o não-reconhecimento da consciência (*ma-rigpa*) – isto é, da base do ser – com a conceituação que está sujeita à originação e cessação sendo a energia dinâmica desse não-reconhecimento. A consciência desperta (*rig-pa*) pode ser caracterizada como o fundamento de se tornar evidente como energia dinâmica suprema, atemporalmente presente.

"O aspecto fundamental da consciência desperta é conhecer a maneira pela qual a base do ser permanece." O aspecto do caminho da consciência primordial é o conhecimento prístino e lúcido, livre de fatores de macula, tornando a natureza dos fenômenos totalmente evidente. Quando estes dois aspectos ocorrem simultaneamente, esta é a grande perfeição – a consciência que é vasta e universal.

"O termo 'mente conceitual' (*yid*) refere-se à consciência que torna evidente todas as aparências sensoriais, que proliferam através do funcionamento intrincado da conceituação. O termo 'consciência baseada na mente conceitual' (*yid kyi nam-shey*) refere-se à via desimpedida através da qual as aparências proliferam como os seis tipos de objetos sensoriais.

"O aspecto fundamental do conhecimento sublime (*shey-rab*) é conhecer a natureza fundamental do samsara e do nirvana tal como são, como sendo a suprema vacuidade. O aspecto do caminho do conhecimento sublime é a introdução direta à via desimpedida da cognição nua e irrestrita. Esses dois aspectos que ocorrem simultaneamente são chamados de 'conhecimento sublime e penetrante'.

"O termo 'consciência' (*nam-par shey-pa*) refere-se à via desimpedida para que os objetos dos sentidos aparentes proliferem nas suas percepções. O termo 'energia sutil do carma' (*lay kyi lung*) refere-se a conceituação que investe essas aparências sensoriais com realidade. Todo o espectro do samsara é completamente estabelecido a partir da sincronidade desses aspectos mais sutis e mais grosseiros da consciência baseada na mente conceitual.

"A consciência atemporal (*ye-shey*) que conhece a verdadeira natureza das coisas, tal como elas são (*ji-ta-wa khyen-pai ye-shey*), conhece a natureza fundamental dos fenômenos – a natureza búdica – tal como ela é. A consciência atemporal que discerne as coisas em sua multiplicidade é a via desimpedida da consciência cognitiva e todo-sabedora que funciona quando a maneira no qual a talidade permanece – a verdadeira natureza dos fenômenos – é realmente evidenciada. A congruência destes é denominada 'a consciência atemporal originalmente pura como igualdade.'

"Devido ao não-reconhecimento da consciência – isto é, da base do ser – resulta-se um estado carmicamente neutro. Miríades de aspectos da energia sutil do carma movem-se dentro do espaço que é o fundamento de toda experiência ordinária (*kun-zhi*), como miríades de imagens de sonho que se manifestam dentro de um estado de sono. Esta é a base, ou fonte, de todo o samsara.

"Todas as manifestações dos fenômenos são irrestritas dentro de um estado de clareza amplamente aberto, a suprema pureza e igualdade do samsara e do nirvana, a verdadeira natureza dos fenômenos livres das limitações da elaboração conceitual. Isso é o totalmente positivo dharmakaya (*chhö-ku*).

"Ah, filho de herança espiritual, todos os reflexos da lua e outros objetos na água são a exibição da água e não vão além da água. Todo o universo animado e inanimado é a exibição do espaço e não vão além do próprio espaço. A totalidade do samsara e do nirvana é a exibição da natureza única dos fenômenos e não vai além dessa natureza.

"Assim, quando o aspecto fundamental do dharmakaya, supremamente profundo e lícido, se tornou evidente, sua essência (*ngowo*) é o dharmakaya como igualdade e pureza do samsara e do nirvana, sua natureza (*rang-zhin*) é o sambhogakaya como consciência atemporal e qualidades iluminadas, e sua responsividade (*t'hug-je*) é o nirmanakaya, naturalmente lícido e livre do envoltório dos obscurecimentos. A exibição destes constitui a realidade final.

O termo "fundamento de toda experiência ordinária" (*kun-zhi*) refere-se ao não-reconhecimento da essência originalmente pura da base do ser. O termo 'realidade relativa' (*kun-dzob*) refere-se às aparências sensoriais como energia dinâmica e eventos mentais como a exibição que vêm do brilho deste não-reconhecimento.

"Tendo chegado a uma compreensão de todas as ramificações da natureza fundamental – a sua exibição, abrangendo qualidade, onnipresença e extensão – você alcança a experiência decisiva da verdadeira natureza dos fenômenos imediatamente presentes, um estado supremo e inexprimível que não é nada em si mesmo, um estado irrestrito de repouso na natureza fundamental além da consciência ordinária. Mantenha este ponto-chave como sendo o mais excelente – para praticar com esforço intenso e inabalável até alcançar a suprema consciência atemporal, que é onisciência total.

Dizendo isso, ele se expandiu para o espaço básico da verdadeira natureza dos fenômenos.

Este texto foi escrito em resposta a solicitações repetidas de Padma Lungtog Gyatso e Khyenrab Gyatso, dois professores encarnados que estão conectados a mim por muitos renascimentos através do carma compartilhado e aspirações. Eu, T'hrag-t'hung Dudjom Dorje Drolod Tzal, codifiquei isso no tesouro da expansão da exibição da ilusão mágica. As dakinis profetizaram que sessenta e oito indivíduos espirituais sublimes atuariam como guardiões deste ensinamento. Na primeira ocasião em que as circunstâncias auspiciosas se uniram, esses ensinamentos foram escritos com permissão do grande Orgyan. Meu próprio filho santo, o excelente estudioso Sonam Tandzin (Dodrub Rinpoche), editou o manuscrito meticulosamente.

Posfácio

*Sua Santidade Dudjom Rinpoche,
Jigdral Yeshe Dorje*

ESTE TEXTO, CONHECIDO PELO título curto *Refinamento da Própria Percepção (Nang-jang)*, é um ensinamento de desenvolvimento que demonstra que a originalmente pura grande perfeição é a maneira suprema na qual as coisas permanecem, chegando ao "cortando através da solidez" (*t'reg-chohod*). É evidente que foi editado um pouco no passado por Dodrub Rinpoche, o filho mais velho do senhor [Dudjom Lingpa] ele mesmo. Mais tarde, no entanto, o texto tornou-se abundante com erros, de modo que, no momento, existem muitos manuscritos corrompidos. É por esta razão que, através das aspirações e atividades do glorioso governante T'haiji Tsewang Rigdzin Nampar Gyalwa, esta edição foi preparada como um tesouro inesgotável da dádiva dos ensinamentos do Buda, as relíquias do dharmakaya.

Quando os blocos para imprimir o texto foram instalados na sala do santuário do palácio Samdrub P'hodrang na propriedade da família do pai de um dos Dalai Lamas, editei esta última edição do texto com grande atenção e rigor. Eu, Jigdral Yeshe Dorje, que me presumo a considerar a mim mesmo um dançarino na ilusão e um renascimento do grande heruka e rigdzin, preparei esta edição crítica. Pode ser de enorme serviço aos ensinamentos da Grande Perfeição de total lucidez, e pode ser uma causa para inúmeros seres afortunados – aqueles a serem domados – encontrar liberdade real no imediatismo do espaço básico interno, a base primordial do ser. Boa sorte!

།།ཇོགས་ཚེན་ཁྲིགས་ཚོད་སྒྲུང་སྒྲུང་གི་བསྐྱུས་དོན་ས་བཅད་བཞུགས།།

Análise Estrutural e Sumário

*Para Refinamento da Própria Percepção (Nang-jang),
um Texto sobre a Abordagem da Grande Perfeição
de Cortando Através da Solidez*

NAMO GURUYE: HOMENAGEM AO GURU!

Este texto, *Estado Búdico Sem Meditação*, contém conselhos sobre a abordagem da Grande Perfeição de cortando através da solidez (*t'hreg-cho*), a fim de realizar a pureza original (*ka-dag*). Para explicar os estágios de instrução, são utilizados três grandes títulos: apresentando os elementos iniciais do ensino; revelando o significado do texto principal como objetivo do compromisso; e relacionando a conclusão que leva o texto a um fim.

PRIMEIRA PARTE: APRESENTAÇÃO DOS ELEMENTOS INICIAIS DO ENSINO

Esta parte tem três seções: relacionando o título; mostrando reverência; e fornecendo o cenário.

I. Relacionando a maré

Estado Búdico Sem Meditação...

II. Mostrando reverência

*Com fé inabalável, presto homenagem à sublime cidadela da exibição mágica da consciência atemporal (ye-shey)... * [p. 3]*

III. Fornecendo o cenário

Estes dias, quando os cinco tipos de degeneração... [p.3]

* As partes em itálico aparecem no texto principal.

SEGUNDA PARTE: REVELANDO O SIGNIFICADO DO TEXTO PRINCIPAL COMO OBJETIVO DO COMPROMISSO

Esta parte principal tem quatro seções: chegando a uma decisão através da visão; aplicação prática através da meditação; enriquecimento através da conduta; e como a fruição torna-se evidente.

I. Alcançar uma decisão através da visão.

Esta primeira seção principal tem quatro seções: chegando à conclusão definitiva de que todos os fenômenos são a inexprimível vacuidade; discernir a implicação da base do ser como o espaço básico como sendo o de uma única consciência atemporal que ocorre naturalmente; abraçando o samsara e o nirvana dentro de um paradigma de abertura, ininterrupto e livre de restrições ou extremos; e chegando a uma experiência decisiva

dentro de um estado supremo de presença espontânea, sempre sem esforço e naturalmente lúcido.

A. Atingir a conclusão definitiva de que todos os fenômenos são a inexprimível vacuidade.

Esta subseção tem duas divisões: chegar a uma conclusão definitiva sobre a inexistência da identidade pessoal e chegar a uma conclusão definitiva sobre a inexistência da identidade dos fenômenos.

1. Alcançar uma conclusão definitiva sobre a inexistência de identidade pessoal.

Esta divisão tem três subdivisões, que envolvem chegar a conclusões definitivas sobre a fonte de onde essa suposta identidade surge inicialmente; o local em que habita no ínterim; e o destino para o qual ela finalmente vai.

a. Exame da fonte inicial

Começemos por definir a "identidade pessoal" ... [p. 9]

b. Exame do local provisório

Ao procurar o lugar onde essa identidade poderia habitar... [p. 11]

c. Exame do destino final

Da mesma forma, você deve tomar a decisão de que todos os destinos finais... [p. 13]

2. Alcançar uma conclusão definitiva sobre a inexistência da identidade dos fenômenos.

Esta divisão tem quatro subdivisões: procurando a base da designação dos nomes; abolindo a concepção das coisas como permanentes com existência verdadeira e substancialidade; contestando as falhas ocultas do benefício e dano; e desmoronando a falsa caverna da esperança e do medo.

a. Procurando a base da designação dos nomes.

Esta subdivisão tem duas categorias: procurar por objetos finais aos quais os nomes de todos os fenômenos são aplicados, chegando assim à conclusão definitiva de que eles estão vazios; e mostrando como o aspecto manifesto das aparências sensoriais surge do vacuidade como a exibição da conexão interdependente.

1) Buscando por objetos finais aos quais os nomes de todos os fenômenos são aplicados, chegando assim à conclusão definitiva de que eles são vazios.

Para começar, se você procurar algo com significado final que subjaz à aplicação de todos os nomes... [p. 13]

2) Mostrando como o aspecto manifesto das aparências sensoriais surge da vacuidade como a exibição da conexão interdependente.

Em outra ocasião, quando encontrei Orgyan Tsokyey Dorje – a encarnação da ilusão mágica da consciência intemporal... [p. 25]

B. Abolir conceber as coisas como permanentes com existência verdadeira e substancialidade.

Esta subdivisão tem três categorias: demonstrando que o espaço que é omnipresente e incomposto é dotado de sete atributos; mostrando como os fenômenos compostos estão vazios de uma verdadeira existência e substancialidade imutáveis; e mostrando como remover dúvidas quanto à necessidade de compreender que os fenômenos são vazios.

1) Demonstrando que o espaço omnipresente e não-composto é dotado de sete atributos
Em outra ocasião, Rigdzin Duddul Dorje me disse ... [p. 33]

2) Mostrando como os fenômenos compostos estão vazios de uma verdadeira existência e substancialidade imutáveis

Esta categoria tem três tópicos: mostrar como os fenômenos estão vazios; examinando o ir e vir das imagens dos sonhos, do nascimento e da morte, a fim de dar origem à certeza quanto a isso; e chegando ao nível de decidir que os objetos que parecem existir são apenas aparências sensoriais.

A) Mostrando como os fenômenos estão realmente vazios

"Uma vez que todas as substâncias materiais podem ser danificadas por armas..."
[p.33]

B) Examinar o ir e vir das imagens dos sonhos, do nascimento e da morte, a fim de dar origem à certeza quanto a isso

Tendo chegado a uma conclusão tão definitiva, compreendi todas as aparências sensoriais... [p. 41]

c) Chegar ao nível de decidir que objetos que parecem existir são meramente aparências sensoriais

A isto respondi, "Meu guru..." [p.47]

3) Mostrando reverência para remover a dúvida sobre a necessidade de compreender que os fenômenos são vazios

Esta categoria tem três tópicos: mostrar as deficiências do apego ao corpo, a principal base para dar origem a conceitos de substancialidade; dissipando ideias erradas a respeito de tal conclusão definitiva; e enfocando o ponto-chave, em conexão com uma análise detalhada do conhecimento sublime e dos meios de realização.

a) Mostrar as deficiências do apego ao corpo, a base principal para dar origem a conceitos de substancialidade

"É uma enorme falha não entender que o que se manifesta enquanto o corpo está vazio..." [p. 49]

b) A dissipação de ideias erradas relativas a uma tal conclusão definitiva

"Além disso, mesmo sabendo que as coisas estão vazias desta maneira ..." [p. 51]

c) Enfocar o ponto-chave, em conexão com uma análise detalhada do conhecimento

sublime e dos meios de realização

"Assim, o termo 'discernir o sublime conhecimento (so-sor tog-pai shey-rab)' refere-se ao conhecimento adquirido através da análise ..." [p. 53]

c. Contestando as falhas ocultas de benefício e dano

Esta subdivisão tem três categorias: identificar as causas que levam à ideia de atribuir características de benefício e dano; examinar a natureza dos objetos que são percebidos como benéficos ou prejudiciais; e demonstrar o significado de tal realização.

1) Identificar as causas que levaram à ideia de atribuir características de benefício e dano

Em mais uma ocasião, quando eu conheci o grande siddha Saraha em uma visão... [p. 59]

2) Examinar a natureza dos objetos que são percebidos como benéficos ou prejudiciais

Esta categoria tem dois tópicos: examinar ações virtuosas e prejudiciais que se manifestam como benéficas ou prejudiciais em vidas futuras e examinar deuses e demônios que se manifestam como benéficos ou prejudiciais nesta vida.

a) Examinar ações virtuosas e prejudiciais que se manifestam como benéficas ou prejudiciais em vidas futuras

Este tópico tem dois pontos: o modo real de exame e as razões pelas quais o exame é necessário.

i) O modo real de exame

"Onde permanecem todas as virtudes físicas e verbais benéficas? ..." [p. 59]

ii) As razões pelas quais o exame é necessário

"Se você não chegou a uma conclusão tão definitiva a respeito das ações virtuosas..." [p. 61]

b) Examinar deuses e demônios que se manifestam como benéficos ou prejudiciais nesta vida

Este tópico tem dois pontos: o modo real de exame e uma demonstração de que as percepções baseadas na confusão são impressões falsas de experiências fugazes.

i) O modo real de exame

"Além disso, ao examinar o que são chamados de 'deuses úteis e protetores' ..." [p. 63]

ii) Uma demonstração de que as percepções baseadas na confusão são impressões falsas de experiências fugazes

"Os seres humanos, sob a influência da confusão, consideram as partes superior e inferior de seus corpos ..." [p. 65]

3) Demonstrar o significado de tal realização

"O ponto-chave aqui – entender este modo de ser – constitui o meio para dissipar ..." [p. 65]

[p. 65]

d. Desmoronando a falsa caverna da esperança e do medo

Esta subdivisão tem três categorias: desmoronando a falsa caverna de investir o estado búdico e seus respectivos reinos puros com existência verdadeira e como objetos de esperança; derrubando a falsa caverna de investir os estados do samsara e seus respectivos prazeres e dores com existência verdadeira e como objetos de medo; e descrevendo em termos significativos a nobreza de tal realização.

1) Desmoronando a falsa caverna de investir o estado búdico e seus respectivos reinos puros com existência verdadeira e como objetos de esperança

Esta categoria tem três tópicos: negar a fixação na concepção do estado búdico e de seus respectivos reinos puros como algo absoluto; para tal, examinar os cinco sentidos e seus respectivos objetos e refutar o exagero de atribuir existência verdadeira a estes; e identificar o estado búdico em seu sentido ultimo e definitivo.

a) Negar a fixação na concepção do estado búdico e de seus respectivos reinos puros como algo absoluto

"Em outra ocasião, encontrei o grande e glorioso Vajrapani em uma visão pura (dang-nang) de total lucidez (od-sal)..." [p. 71]

b) Com esse fim, examinar os cinco sentidos e seus respectivos objetos e refutar o exagero de atribuir existência verdadeira a estes

"No entanto, rotulamo-lo, a visão de que um tathagata é algo constante que pode ser encontrado como possuindo existência verdadeira..." [p.73]

c) Identificar o estado búdico em seu sentido ultimo e definitivo

"No sentido definitivo, o fundamento totalmente positivo de seu próprio ser - Kuntuzangpo ..." [p. 75]

2) Desmoronando a falsa caverna de investir os estados do samsara e seus respectivos prazeres e dores com existência verdadeira e como objetos de medo

"Além disso, é ilógico pensar que outros estados separados do ser existem ou já existiram dentro do samsara ..." [p.77]

3) Descrever em termos significativos a louvor de tal realização

"Se você chegar a uma conclusão definitiva a respeito das aparências sensoriais que surgem da confusão, percebendo que elas não têm existência verdadeira e que estão vazias ..." [p. 77]

B. Discernir a implicação da base do ser como espaço básico como sendo a de uma única consciência atemporal que ocorre naturalmente

Esta subseção tem três divisões: a maneira real de discernir essa implicação; como os dois modos de liberdade e confusão se manifestam a partir desta base; e uma sinopse dos pontos-chave desta subseção.

1. A maneira real de discernir essa implicação

Desta forma, depois de muito tempo cheguei a uma conclusão definitiva... [p. 83]

2. Como os dois modos de liberdade e confusão se manifestam a partir desta base

Esta divisão tem duas subdivisões: uma breve apresentação e uma extensa explicação.

a. Uma breve apresentação

Sete anos depois, tendo uma visão pura em um sonho... [p. 89]

b. Uma extensa explicação

Esta subdivisão tem duas categorias: da perspectiva da liberdade, ou nirvana, como as qualidades iluminadas estão presentes como atributos que ocorrem naturalmente; e como a exibição de percepções baseadas na confusão no samsara evoluem acidentalmente.

1) Do ponto de vista da liberdade, ou nirvana, como as qualidades iluminadas estão presentes como atributos que ocorrem naturalmente

Esta categoria tem quatro tópicos: como os quatro kayas e cinco aspectos da consciência atemporal estão completos como atributos naturais dentro da base do ser; como os quatro kayas e cinco aspectos da consciência atemporal surgem como a condição natural do caminho; explicando o ponto em que se extravia ao forjar o caminho com um estado passivo de consciência que não percebe tal modo de ser; e identificar o conhecimento sublime em oposição à mente ordinária e eventos mentais, a fim de compreender o processo de diferenciação entre a realização e a sua falta.

a) Como os quatro kayas e os cinco aspectos da consciência atemporal estão completos como atributos naturais na base do ser

"O fundamento do próprio ser, o guia primordial Kuntuzangpo..." [p.89]

b) Como os quatro kayas e cinco aspectos da consciência atemporal surgem como a condição natural do caminho

"Desta maneira, o caminho da liberdade dentro do estado búdico natural (rang-jung) torna evidente a consciência desperta..." [p. 91]

c) Explicar o ponto em que alguém se extravia ao forjar seu caminho com um estado passivo de consciência que não percebe tal modo de ser

"Muitos não entendem esse modo de ser tal como é ..." [p. 93]

d) Identificar o conhecimento sublime em oposição à mente ordinária e aos eventos mentais, a fim de compreender o processo de diferenciação entre a realização e a sua falta

"O termo 'sublime conhecimento que conhece a natureza das coisas tal como é' refere-se ao conhecimento ..." [p.93]

2) Como a exibição de percepções baseadas na confusão no samsara evolui acidentalmente

Esta categoria tem três tópicos: como as aparências dos cinco elementos evoluem

externamente; como os oito modos de consciência, e os objetos manifestos que eles envolvem, evoluem internamente; e uma sinopse dos pontos-chave destes tópicos.

a) Como as aparências dos cinco elementos evoluem externamente

"Quando a verdadeira face do aspecto da base do estado búdico – um estado de pureza e domínio da base do ser – é obscurecida pelo não-reconhecimento da consciência (marig-pa) ..." [p. 95]

b) Como os oito modos de consciência, e os objetos manifestos que eles envolvem, evoluem internamente

"O que se segue é uma discussão do que surge como a energia dinâmica desta base quintupla da confusão ..." [p.97]

c) Uma sinopse dos pontos-chave destes tópicos

"Algumas pessoas sustentam que às aparências sensoriais são a mente ..." [p.103]

3. Uma sinopse dos pontos-chave desta subseção

"Em resumo, o mundo de todas as aparências e possibilidades, seja do samsara ou do nirvana..." [p. 103]

C. Abraçando o samsara e o nirvana dentro de um paradigma de abertura, ininterrupto e livre de restrições ou extremos

Esta subseção tem duas divisões: da perspectiva das aparências sensoriais, demonstrando sua abertura como meras aparências, como ilusões; e da perspectiva da vacuidade, demonstrando sua abertura em não ter nenhuma natureza independente.

1. Do ponto de vista das aparências sensoriais, demonstrando sua abertura como meras aparências, como ilusões

Em mais uma ocasião, quando eu conheci o grande rigdzin Hungchhenkara em uma visão... [p. 107]

2. Do ponto de vista da vacuidade, demonstrando sua abertura em não ter nenhuma natureza independente

Esta divisão tem duas subdivisões: demonstrar concisamente como tudo é abraçado pela natureza única dos fenômenos e explicando isso extensivamente, demonstrando claramente as numerosas ramificações da abertura.

a. Demonstrando concisamente como tudo é abraçado pela natureza única dos fenômenos

"Considere o fato de que não importa quantos planetas e estrelas se refletem em um lago..." [p. 109]

b. Explicando isso amplamente demonstrando claramente às numerosas ramificações da abertura

Esta subdivisão tem três categorias: demonstrando que a abertura é a essência do ser, além de ser caracterizar por benefício ou dano; demonstrando que a abertura é a

natureza do ser, livre das elaborações dos oito limites; e demonstrando que a abertura é o epítome das três portas para a libertação.

1) Demonstrar que a abertura é a essência do ser, além das características de benefício ou dano

"A natureza da mente, denominada de 'natureza búdica' (de-sheg nying-po) ..." [p.109]

2) Demonstrar que a abertura é a natureza do ser, livre das elaborações dos oito limites

"O aspecto fundamental do dharmakaya, a natureza búdica, está livre de tudo relacionado à origem, qualquer localização, objeto ou criador ..." [p. 109]

3) Demonstrar que a abertura é o epítome das três portas para a libertação

"Além disso, é vazio porque está além da direção superior, inferior, cardinal ou intercardinal, intervalo ou período de tempo ..." [p. 111]

d. Chegando a uma experiência decisiva dentro de um estado supremo de presença espontânea em que as qualidades iluminadas são para sempre sem esforço e naturalmente lúcidas

Esta subseção tem três divisões: Demonstrando, em geral, por meio de meios hábeis provisórios e conhecimento sublime definitivo; explicando em detalhes as categorias dessas qualidades espontaneamente presentes; e mostrando como tipos específicos de qualidades são perfeitos em tal forma de realização.

1. Demonstrar, em geral, por meio de meios hábeis provisórios e conhecimento sublime definitivo

Em mais uma ocasião, durante uma experiência meditativa de total lucidez, encontrei Manjushri, o Leão do Discurso... [p. 117]

2. Explicar em detalhes as categorias destas qualidades espontaneamente presentes

Esta divisão tem cinco subdivisões: como os cinco kayas estão espontaneamente presentes; como as cinco famílias estão espontaneamente presentes; como os cinco reinos puros estão espontaneamente presentes; como os cinco budas estão espontaneamente presentes; e como as cinco dakinis estão espontaneamente presentes.

a. Como os cinco kayas estão espontaneamente presentes

"O que se segue é uma demonstração da realidade última no nível relativo, de acordo com os modos da experiência samsárica ..." [p. 119]

b. Como as cinco famílias estão espontaneamente presentes

"O que se segue é a base sobre a qual as deidades são descritas em termos das famílias, correspondentes à identificação dos seres com suas espécies ..." [p. 123]

c. Como os cinco reinos puros estão espontaneamente presentes

"o que se segue é uma demonstração quántupla dos reinos puros, o que corresponde à identificação dos seres humanos com o seu território ..." [p. 123]

d. Como os cinco budas estão espontaneamente presentes

"Quando o brilho natural da base vasta e universal do ser como espaço básico for ..."

evidenciada pelo sublime conhecimento que é supremo e penetrante ..." [p. 127]

e. Como as cinco dakinis estão espontaneamente presentes

"A vacuidade vajra suprema é o espaço..." [p. 127]

3. Mostrar como tipos específicos de qualidades são perfeitos em tal forma de realização

Esta divisão tem três subdivisões: como os componentes dos rituais são perfeitos a partir da perspectiva da realidade última; como a perfeição dessa abordagem é expressa nos termos exaltados por ela; e como as qualidades das nove abordagens de desenvolvimento estão completas, com a maior incorporando as mais baixas.

a. Como os componentes dos rituais são perfeitos a partir da perspectiva da realidade última

Esta subdivisão tem duas categorias: a maneira real em que esses componentes são perfeitos e o valor de ensinar o estágio de desenvolvimento como uma via para meios hábeis no nível relativo.

1) A forma real como estes componentes são perfeitos

"O aspecto fundamental do dharmakaya, a natureza búdica..." [p.129]

2) O valor de ensinar o estágio de desenvolvimento como uma via para meios hábeis no nível relativo

Em mais uma ocasião, eu encontrei o glorioso Orgyan Tsokyey Dorje em uma visão ... [p. 139]

B. Como a perfeição dessa abordagem é expressa nos termos exaltados por ela

Em mais uma ocasião, quando eu conheci a rainha do espaço básico, Ekajati ... [p. 145]

C. Como as qualidades das nove abordagens de desenvolvimento são completas, com a maior incorporando a menor

Vou explicar mais detalhadamente sua explanação geral ilustrando o modo como todas as qualidades dos caminhos das nove abordagens espirituais do desenvolvimento (t'heg-pa rim-pa gu) ... [p. 149]

II. Aplicação prática através da meditação

Esta segunda seção principal tem duas subseções: demonstrando em geral como a meditação é sem qualquer quadro de referência fixo; e explicando em detalhes os estágios da meditação formal e as experiências do pós-meditação.

a. Demonstrando em geral como a meditação é sem qualquer quadro de referência fixo

"Mais tarde, quando numa visão eu conheci Shri Simha o rei dos rigdzins..." [p.157]

b. Explicar em detalhes as etapas da meditação formal e as experiências do pós-meditação

"Compreendendo essa natureza fundamental, você desiste dos três tipos de atividade física: boas, ruins e neutras..." [p. 159]

III. Enriquecimento através da conduta

Esta terceira maior seção tem três subseções: treinamento para que não se cometam erros de julgamento à custa de qualquer visão ou conduta; definindo pontos de potencial desvio do caminho; e demonstrando outros modos de conduta autêntica.

a. Treinamento para que não se cometam erros de julgamento à custa de qualquer visão ou conduta

“O ponto-chave da conduta é renunciar às atividades físicas e verbais não virtuosas como se elas fossem veneno...” [p. 161]

b. Definindo pontos de potencial desvio do caminho

Esta subseção tem duas divisões: identificar pontos de potencial desvio em relação a experiências meditativas efêmeras; e definindo pontos de potencial desvio em relação a perturbações.

1. Identificar pontos de potencial desvio em relação a experiências meditativas efêmeras

“As experiências meditativas (nyam) ocorrem quando sua mente ordinária – o continuum de sua consciência – é diferente do que era antes... [p.163]

2. Definição dos pontos de potencial desvio em relação a perturbações

“Bem, você pode encontrar perturbações (long). As perturbações externas consistem em várias fantasmagorias que afetam os sentidos, tais como presságios negativos e presságios...” [p.163]

c. Demonstrar outros modos de conduta autêntica

“ Em mais uma ocasião, numa visão naturalmente manifestada do reino puro supremo de Akanishtha...” [p. 169]

IV. Como a fruição torna-se evidente

Esta quarta seção principal tem duas subseções: o estágio real da liberdade contínua como a fruição; e o conselho do coração que cria distinções claras, infalivelmente apontando os pontos-chave.

A. O estágio real da liberdade contínua como a fruição

“A princípio, você desenvolve a compreensão confiando no treinamento...” [p.171]

B. O conselho do coração que cria distinções claras, infalivelmente apontando os pontos-chave

Esta subseção tem quatro divisões: fazendo uma clara distinção entre a mente ordinária e a consciência desperta; fazendo uma clara distinção entre a mente conceitual e o conhecimento sublime; fazendo uma clara distinção entre a consciência e a consciência atemporal; e fazendo uma clara distinção entre o fundamento de toda experiência ordinária e o dharmakaya.

1. Fazendo uma clara distinção entre a mente ordinária e a consciência desperta

"Ah, filho de herança espiritual, a mente ordinária (sem) pode ser caracterizada como o não-reconhecimento da consciência desperta (marig-pa) – isto é, da base do ser - com a conceituação ..." [p. 173]

2. Fazendo uma clara distinção entre a mente conceitual e conhecimento sublime
"O termo 'mente conceitual' (yid) refere-se à consciência que torna evidente todas as aparências sensoriais, que proliferam através do intrincado funcionamento da conceituação ..." [-. 173]

3. Fazendo uma distinção clara entre consciência e consciência atemporal
"O termo 'consciência' (nam-par shey-pa) refere-se à via desimpedida para que os objetos dos sentidos aparentes proliferem como os seis tipos de objetos sensoriais ..." [p.175]

4. Fazer uma distinção clara entre o fundamento de toda experiência ordinária e o dharmakaya

Esta divisão tem duas subdivisões: a clara distinção real e uma sinopse dos pontos-chave.

a. A clara distinção real

"Devido ao não-reconhecimento da consciência – ou seja, da base do ser – um estado carmicamente neutro resulta ..." [p.175]

b. Uma sinopse dos pontos-chave

"Tendo chegado a uma compreensão de todas as ramificações da natureza fundamental – a sua exibição, abrangendo qualidade, onnipresença ..." [p.177]

PARTE TRÊS: RELACIONANDO A CONCLUSÃO QUE LEVA O TEXTO A UM FIM

Este texto foi escrito em resposta a pedidos repetidos...
Com isso o texto é levado a sua conclusão.

Isto foi escrito por Jigdral Yeshe Dorje em resposta a um pedido do mestre T'hubtan Gyaltsan para um guia de estudo que seria fácil de entender, quando ele estava servindo como um diretor de instrução.

Glossário

O GLOSSÁRIO QUE apareceu na primeira edição foi ampliado e revisado para incluir traduções alternativas de termos da Grande Perfeição por vários autores e tradutores, bem como termos atuais usados pelo Comitê de Tradução Padma.

Enquanto alguns dos verbetes têm uma aplicação mais ampla no pensamento budista mais geral, a ênfase aqui é sobre o uso da Grande Perfeição. É frequentemente dito que a Grande Perfeição fala suas próprias palavras e tem seu próprio vocabulário e significados únicos. A evolução e o uso de traduções da Grande Perfeição em inglês têm várias características óbvias. Em primeiro lugar, a busca contínua pela padronização dos termos em inglês ainda está em fase de formação. Em segundo lugar, os leitores são, portanto, confrontados com uma ampla variedade de traduções para termos que são bastante padronizados em tibetano, mas raramente são dadas ferramentas para suprir essa variedade. Em terceiro lugar, a inclusão de traduções alternativas é útil para realçar o significado maior dos termos da Grande Perfeição, que são melhor transmitidos pela interpretação do que pela tradução literal. Uma ressalva que nunca deve ser esquecida é que nenhum livro ou seu aparato acadêmico é um substituto para o estudo, a contemplação e a meditação no contexto da relação professor-aluno.

CHAVE PARA AS FONTES CITADAS

BM: *Buddha Mind*, trans. by Tulku Thondup
CDN: *The Cycle of Day and Night*, by Namkhai Norbu,
trans. by John Reynolds
CS: *The Circle of the Sun*, by Tsele Natsok Rangdrol,
trans. by Erik Perna Kunsang
DZ: *Dzogchen*, by Namkhai Norbu, trans. by John Shane
DZP: *Dzogchen and Padmasambhava*, by Sogyal Rinpoche
FG: *The Flight of the Garuda*, by Lama Shabkar, trans. by
Erik Perna Kunsang
FRC: *From Reductionism to Creativity*, by Herbert V. Guenther
GL: *The Golden Letters*, trans. by John Myrdhin Reynolds
H1V: *The Holy Teachings of Vimalakirti*, trans. by Robert
Thurman
KB: *Kindly Bent to Ease Us*, by Longchenpa, trans. by
Herbert V. Guenther

LM: *Lamp of Mahamudra*, by Tsele Natsok Rangdrol,
trans. by Erik Pema Kunsang

LS: *The Life of Shabkar* by Shabkar Tsogdruk Rangdrol,
trans. by Matthieu Ricard et al.

MD: *Magic Dance*, by Thinley Norbu

ME: *Meditation on Emptiness*, by Jeffrey Hopkins

MK: *Mother of Knowledge*, by Nam-mkha'i snying-po,
trans. by Tarthang Tulku

MW: *Myriad Worlds*, by Jamgon Kongtrul, trans. by
the International Translation Committee

NGP: *Natural Great Perfection*, by Nyoshul Khenpo,
trans. by Surya Das

NJ: Thinley Norbu Rinpoche's oral teaching of the *Nang-iyang*,
trans. by Sangye Khandro

NS: *The Nyingma School of Tibetan Buddhism*, Vol. II,
by Gyurme Dorje and Matthew Kapstein

PC: *Perfect Conduct*, by Ngari Panchen, trans. by Khenpo
Gyurme Dorje and Sangye Khandro

PE: *Primordial Experience*, by Manjusrimitra, trans.
by Namkhai Norbu and Kennard Lipman

RP: *Rainbow Painting*, by Tulku Urgyen Rinpoche,
trans. by Erik Pema Kunsang

RW: *The Rain of Wisdom*, trans. by the Nilandi Translation
Committee

SGK: *The Small Golden Key*, by Thinley Norbu

SL: *Self-Liberation Through Seeing With Naked Awareness*,
by Karma Lingpa, trans. by John Myrdhin Reynolds

VH: *Vajra Heart*, by Tulku Urgyen, trans. by Erik Pema Kunsang

WPT: *The Words of My Perfect Teacher*, by Patrul Rinpoche,
trans. by the Padmakara Translation Group

WS: *White Sail*, by Thinley Norbu

Abhirati (Skt.; Tib. Ngonpar Gawa): literalmente, "Alegria Manifesta"; o reino puro associado ao Buda Akshobhya e a direção leste.

Akanishtha (Skt. Akanishtha; Tib. Ogmin): literalmente, "Sob Nada"; o pináculo do reino puro, um epíteto para o reino puro de Ghanavyuha, o do buda Vairochana

Akshobhavajra (Skt. Aksobhavajra, Tib. Mikyod Dorje): literalmente, "Vajra Inabalável"; dentre os budas das cinco famílias, o buda associado à direção leste; o nome indica a base do ser dotada dos sete atributos vajra (*dor-ie*) e inabalável (*mi-kyod*) ao longo dos três tempos

Amitabha (Skt. Amitabha; Tib. Nangwa T'hayay): literalmente, "Luz Ilimitada"; entre os budas das cinco famílias é o buda associado à direção oeste; o nome denota o aspecto manifesto ilimitado da base do ser

Amoghasiddhi (Skt.; Tib. Donyod Drubpa): literalmente, "Realização do Significado"; entre os budas das cinco famílias é o buda associado à direção do norte; o nome indica o fato de que tudo que tem um significado autêntico ocorre naturalmente

anuyoga (Skt.; Tib.): O quinto dos seis níveis do tantra na escola Nyingma; uma abordagem em que todos os fenômenos são realizados como perfeitos em sua suprema pureza e igualdade

atiyoga (Skt.; Tib.): O sexto dos seis níveis do tantra na escola de Nyingma, também conhecido como a abordagem da Grande Perfusão (ver Dzogchen), dentro do qual são integrados os significados das oito abordagens mais baixas (veja *t'heg- pa rim-pa gu*). A grande perfeição é a natureza da realidade – a base do ser e seu aspecto manifesto – espontaneamente presente e ocorrendo naturalmente [a ioga da essência mais íntima (MW)]

Avalokiteshvara (Skt. Avalokitesvara, Tib. Kyanrayzig Wangkhyug): literalmente, "Senhor Poderoso que Lança seu Olhar sobre o Mundo"; o bodhisattva que incorpora a compaixão de todos os budas e bodhisattvas; também conhecido como "Supremamente Compassivo" (Skt. Mahakarunika, Tib. T'hugje Chhenpo)

bag-chhag (Tib.; Skt. *vasana*): padrões habituais; padrões estabelecidos por ações físicas, verbais ou mentais que transitam de vida em vida [tendências habituais (CS); propensões inconscientes (GL); tendências enraizadas, sedimentadas (KB); instinto (MW); propensões habituais (NJ); traços kármicos (SL)]

bardo (Tib.; Skt. *antarabhava*): literalmente, "estado intermediário"; quatro, ou às vezes seis, os estados do bardo são enumerados nos ensinamentos Budistas Tibetanos; comumente, o termo indica o intervalo entre a morte e o renascimento

bodhisattva (Skt.; Tib. *jang-chhub sem-pa*): literalmente, alguém com "uma mente corajosa inclinada à iluminação"; aquele que segue ou realizou o caminho mahayana, o que leva à realização da inexistência da identidade pessoal e da identidade dos fenômenos

chhö (*ver* dharma)

chhö-ku (*ver* dharmakaya)

chhö kyî dag (Tib.): identidade dos fenômenos

chhö-nyid (Tib.; Skt. *dharmata*): a verdadeira natureza dos fenômenos [natureza última (BM); a natureza dos fenômenos e da mente (FG); pleno significado (KB); conteúdo último do que é (PE); natureza essencial não-elaborada (WS)]

chhö-nyid zad-pai ying (Tib.): o espaço básico em que os fenômenos se resolvem dentro de sua verdadeira natureza

chhö-ying ye-shey (Tib.): consciência atemporal como o espaço básico dos fenômenos; um dos cinco aspectos da consciência atemporal (*ver ye-shey nga*); a realização de que samsara e nirvana são de um só sabor no espaço básico da verdadeira natureza dos fenômenos [sabedoria primordial da esfera última (BM); sabedoria da extensão absoluta (LS); consciência da Expansão do Dharma (MK); sabedoria primordial do dharmadhatu (esfera da verdade) (NJ, PC); cognição pristina da extensão da realidade (NS); Sabedoria do Dharmadhatu (SGK); sabedoria do espaço absoluto (WPT)]

chhod-pa (Tib.): fazer oferendas, um componente da prática de sadhana; a exibição dos fenômenos dentro do contexto de sua verdadeira natureza é a oferenda suprema

chig-pu (Tib.): literalmente, "unidade"; um dos quatro pontos-chave do samaya da Grande Perfeição; discernindo que todo o samsara e o nirvana são uma única consciência atemporal que ocorre naturalmente, [única, sem igual (GL); completa (MD)]

cidade dos gandharvas (Tib. *dri-zai drong-khyer*): uma miragem que ocorre no pôr do sol sob certas condições atmosféricas, quando o céu parece cheio de formas etéreas de palácios e grandes cidades

Cortando Através dos Maras (Tib. Dudkyi Chodyul): uma escola do Budismo Tibetano, mais comumente referida como "Chod" (literalmente, "cortando através"), fundada pela mestra tibetana Machig Labdron no século XII como uma extensão dos ensinamentos Zhijed (*ver* escola de Pacificação)

da-gyud (Tib.): A linhagem de transmissão através dos símbolos

dag (Tib.): identidade

dag-dzin (Tib.): conceito ou percepção de identidade

dag-med tog-pai shey-rab (Tib.): conhecimento sublime que constitui a realização da inexistência última da identidade pessoal e da identidade dos fenômenos

dag-nang (Tib.): visão pura [percepção pura (DZP, PC, WPT); presença pura (KB); visão sagrada (RW); fenômenos puros (WS)]

dakini (Skt. *dakini*; Tib. *kha-dro-ma*): literalmente, "que se move no espaço"; dançarina do céu; a encarnação feminina da consciência atemporal; no sentido último, o termo indica a vacuidade como o espaço em que todos os fenômenos se manifestam

dal-wa (Tib.): extenso; extensão; congruência

dang (Tib.): radiância

dang-sal (Tib.): pristinamente lúcido

de-sheg nying-po (Tib.; Skt. *sugatagarbha*): literalmente, "o potencial para atingir um estado de felicidade"; muitas vezes traduzido como a "natureza de buda"; a natureza da mente como o potencial que possibilita a qualquer ser despertar para o estado búdico.

de-zhin-nyid (Tib.; Skt. *tathata*): talidade

dharma (Skt.; Tib. *chho*): amplamente, qualquer fenômeno ou evento na experiência de uma pessoa; no contexto do dharmakaya, o termo implica o fato de que todos os fenômenos estão presentes como atributos naturais não-elaborados dentro da vacuidade suprema da base do ser como espaço básico [conceitos e significados (KB)]

dharmakaya (Skt. *dharmakaya*; Tib. *chho-kyi ku*): literalmente, "corpo da verdade"; uma dimensão do ser iluminado, realização direta da verdadeira natureza dos fenômenos [corpo ultimo (BM); dimensão da realidade do despertar (MW); corpo da realidade (NS); contato primordial com o campo total dos eventos e significados (PE); forma sem forma completamente pura (WS)]

dharmapala (Skt. *dharmapala*; Tib. *chho-kyong*): uma deidade protetora que protege os ensinamentos e praticantes budistas contra obstáculos

ding (Tib.): confiança interior

don-dam (Tib.): realidade ultima; o modo último de ser como "significativo" (*don*), que é "sagrado" (*dam*) na medida em que é o primeiro a ser realizado

don-dam jang-chhub kyi sem (Tib.): literalmente, "a atitude do despertar último; o segundo dos sete termos que se referem aos ensinamentos da Grande Perfeição, como explicado à Dudjom Lingpa por Ekajati (ver *jang-chhub [kyi] sem*)

dor-je (Tib.; Skt. *vajra*): um termo referente a sete atributos do espaço: invulnerabilidade, indestrutibilidade, autenticidade, incorruptibilidade, estabilidade, desobstrução e invencibilidade; uma das cinco famílias do dharma, denotando a base do ser dotada desses atributos

Dorje Drolod (Tib.): uma manifestação irada de Padmakara, particularmente associada à revelação de ensinamentos do tesouro escondido na tradição Nyingma

drang-don (Tib.): significado provisório

dri-ma (Tib.): distorções

drib-pa (Tib.): obscurecimento, cujo nível mais fundamental é a falta de consciência do base do ser como a essência da vacuidade

drol-wa (Tib.): liberdade; o equivalente ao nirvana

Duddul Dorje (Tib.): um professor famoso e revelador de ensinamentos do tesouro escondido na escola Nyingma, que viveu de 1615 a 1672; Dudjom Lingpa foi uma encarnação posterior na sucessão de renascimentos que incluiu Duddul Dorje

dzin-pa (Tib.): o pólo subjetivo da experiência; a percepção de um sujeito [sujeito, o que apreende (GL); conceitos de reificação (PT)]

Dzogchhen (Tib.): a abordagem da Grande Perfeição da prática budista, assim chamada porque os modos de samsara, nirvana e o caminho espiritual são "perfeitos" (dzog) dentro dessa abordagem, que é "grande" (chhen) porque funciona como o ponto comum de todas as abordagens espirituais; o terceiro dos sete termos que se referem aos ensinamentos da Grande Perfeição como explicado à Dudjom Lingpa por Ekajati [estado já auto-aperfeiçoado (DZP); integridade absoluta (KB); plenitude total (PE)]

Ekajati (Skt. Ekajati, Tib. Ekadzati ou Ngagsrungma): deidade protetora feminina irada; a principal protetora dos ensinamentos da Grande Perfeição

Escola de pacificação (Tib. Zhijed): uma escola do Budismo Tibetano baseada nos ensinamentos do mestre indiano conhecido pelos tibetanos como P'hadampa Sang-gyay, que viajou e ensinou no Tibete no final do século XII e início do século XIII; o foco é a pacificação do sofrimento através da realização da vacuidade, e as principais fontes escriturais são os sutras da Perfeição do Conhecimento Sublime (Prajnaparamita)

gandharva (Skt.; Tib. *dri-za*): literalmente, aquele que "se alimenta de cheiros"; uma classe de deuses no reino do desejo

gang zag gi dag (Tib.): identidade pessoal

geg-trad (Tib.): banindo obstáculos, um componente da prática de sadhana; o conhecimento sublime discernente bane a mente dualista para dentro da vacuidade, em que nada existe como algum objeto

Ghanavyuha (Skt. Ghanavyuha; Tib. Tugpo Kodpa): literalmente, "Densa Variedade"; o reino puro associado ao buda Vairochana e a direção central

gom-pa (Tib.): meditação; enquanto o termo pode referir-se a qualquer meio sistemático de desenvolver atenção e insight unidirecional, no contexto da Grande Perfeição, implica manter a consciência contínua da base primordial do ser

gong-gyud (Tib.): a linhagem da transmissão mente à mente da intenção iluminada

gyu-ma (Tib.): Ilusório; uma ilusão mágica; uma metáfora tradicional para a natureza ilusória dos fenômenos

gyud (Tib.): fluxo mental; o fluxo ou o "fio" da consciência consciente de momento a momento que é mal interpretado como um "eu" separado ou entidade do ego

Hungchhenkara (Tib.): um dos oito grandes rigdzins da Índia budista que ensinaram Padmakara; Hungchhenkara foi responsável por transmitir-lhe a linhagem da deidade Yangdag Heruka

jang-chhub (kyi) sem (Tib.; Skt. *bodhicitta*): literalmente, "mente desperta"; denota o "refinamento" (*jang*) de todas as falhas e distorções; o estado consumado (*chhub*) de todas as qualidades dos kayas, a consciência atemporal, o caminho e a meta; e "mente" (*sem*) como o fundamento para o surgimento de tudo em igual pureza [o coração da essência iluminada (DZP); impulso/intento em direção à transparência e a consumação de todo o domínio cognitivo (FRC); potencial interno de pureza límpida e perspicácia]

consumada (KB); mente da iluminação (NGP); estado (primordial) de presença pura e total (PE); Estado Primordial do indivíduo (SL)]

jar-med (Tib.): literalmente, "nada precisa ser feito"; um termo usado por Shri Simha para indicar que, quando descansando em sua natureza fundamental, desiste-se de todas as atividades

ji-nyed-pa zig-pai ye-shey (Tib.): Consciência atemporal da multiplicidade das coisas

ji-ta-wa khyen-pai ye-shey (Tib.): consciência atemporal que conhece a verdadeira natureza das coisas

jin-beb (Tib.): derramar as bênçãos, um componente da prática de sadhana; infundir a suprema bênção do reconhecimento da consciência atemporal na escuridão do não-reconhecimento, constitui o estágio real de derramar as bênçãos

ka-dag (Tib.): pureza original [pureza primordial (BM, DZP, MW, NGP, NS, SL, VH, WPT); puro desde o início (DZ, DZP); translúcido (FRC); absolutamente puro (KB)]

kaya (Skt. *kaya*; Tib. *ku*): literalmente, "corpo"; Uma dimensão do ser iluminado, funcionando como uma base para as qualidades iluminadas e os aspectos da consciência atemporal [gestalt (FRC); estrato fundacional (KB); aspecto/forma das qualidades inconcebíveis dos Budas (WS)]

kha-dro (*ver dakini*)

kham (Tib.): a natureza fundamental do ser

khor-day ub-chhub (Tib.): literalmente, "a consumação todo-abrangente do samsara e nirvana", uma vez que todos os fenômenos do samsara e do nirvana (*khor-day*) são incluídos dentro do abraço (*ub*) da natureza de buda e são totalmente consumados (*chhub*) nela; o sexto dos sete termos que se referem aos ensinamentos da Grande Perfeição, como explicado à Dudjom Lingpa por Ekajati

khyab-pa (Tib.): onipresença

khyag-tsal (Tib.): o ato de prestar homenagem, um componente da prática de sadhana; experimentar um grande senso de admiração ao encontrar a sua verdadeiro face – o aspecto primordial da base do dharmakaya – é prestar homenagem ao encontrar a visão

khyal-wa (Tib.): abertura; um dos quatro pontos-chave do samaya da abordagem t'hreg-chhod da Grande Perfeição; a experiência do samsara e nirvana como livre de extremos tendenciosos [onipresente (GL); contínuo (KB); livre (MD); abertura (PT); todo-penetrante (RP)]

kriyatantra (Skt. *kriyatantra*; Tib. *ja-wai gyud*): o primeiro dos seis níveis do tantra na escola Nyingma; uma abordagem empregando práticas ascéticas e pureza ritual

ku (*ver kaya*)

kun-dzob (Tib.): realidade relativa; o nível em que todos os fenômenos (*kun*) se manifestam de maneira "falsa" (*dzob*), como se realmente existissem [realidade superficial (MW)]

kun-zhi (Tib.; Skt. *alaya*): a base de toda experiência comum; um estado carmicamente neutro resultante do não-reconhecimento da consciência e funcionando como a base (*zhi*) de todo (*kun*) o samsara [fundamento de tudo (CS); estrato de todas as coisas (KB); base de tudo (NJ); estruturação fundamental de toda experiência (PE); a base do samsara e do nirvana, que não está desobstruída (WS)]

kun-zhii nam-shey (Tib.; Skt. *alayavijnana*): a consciência como o fundamento de toda experiência ordinária; consciência rudimentar causada pela energia sutil do carma sendo despertada devido ao não-reconhecimento da consciência desperta [consciência do fundamento-de-tudo (CS); consciência armazenadora (GL); perceptividade ligada ao estrato/camadas (KB); consciência fundamental (MW); consciência da base todo-penetrante (NJ, PC); consciência da base de tudo (NS)]

Kuntuzangpo (Tib.; Skt. Samantabhadra): literalmente, "totalmente positivo"; o dharmakaya buda que incorpora a natureza primordial da mente; no sentido definitivo, o fundamento totalmente positivo do próprio ser é o significado do estado búdico

kyab-dro (Tib.): ir para o refúgio, um componente da prática de sadhana; ganhando verdadeira independência no conhecimento de que a consciência une todos os princípios espirituais é o refúgio último

kyan-dren (Tib.): o estágio do convite como um componente da prática de sadhana; o deslocamento da perspectiva dos fenômenos do samsara para a exibição da natureza única dos fenômenos, tornando a natureza fundamental plenamente evidente, é o último estágio do convite

kyod-pa (Tib.): conduta, no sentido de como a visão e a meditação de uma pessoa estendem-se e influenciam as atividades diárias [comportamento, ação (GL)]

lam (Tib.): caminho; o processo que leva do estado não iluminado de um ser comum ao estado desperto de um Buda

lay (Tib. ; Skt. *karma*): atividade, ação; uma das cinco famílias de Buda, denotando a realização espontânea de todas as atividades dentro da base do ser [ação evolutiva (MW); ações e seus efeitos (WPT)]

lay kyi lung (Tib.): a energia sutil do carma; refere-se a conceitualização que investe as aparências sensoriais com realidade

lha (Tib.): deus, no sentido de um ser renascido dentro dos reinos relativamente mais superiores do samsara; em outros contextos, o termo refere-se a uma deidade de meditação incorporando uma qualidade particular da consciência atemporal

lhag-t'hong (Tib.; Skt. *vipashyana*): insight profundo

lhun-drub (Tib.): presença espontânea; um dos quatro pontos-chave do samaya da Grande Perfeição; refere-se ao fato de que os fenômenos se manifestam naturalmente e que as qualidades do estado búdico são atemporalmente perfeitas sem a necessidade de serem cultivadas [perfeição espontânea (RP); espontaneamente auto-aperfeiçoado (SL)]

lo-day (Tib.): literalmente, "além da consciência comum"; um termo usado por Shri Simha para indicar que, quando alguém se baseia em sua natureza fundamental, não há artifício pela mente comum

long (Tib.): perturbações que ocorrem como alucinações devido a forças externas, em um nível interno como doença e dor física, ou em um nível secreto como instabilidade emocional e mental

long-dhe (Tib.): a Categoria de Expansão; a segunda das três categorias de ensinamentos em atiyoga, ou Grande Perfeição

long-ku (*ver* sambhogakaya)

Longchenpa Drimed Odzer (Tib.): O maior estudioso da escola Nyingma, que viveu de 1308 a 1364

lu-gu-gyud (Tib.): interligação; continuum

lung (Tib.): energia sutil

lung-ma-tan (Tib.): carmicamente neutro

ma-rig-pa (Tib.; Skt. *avidya*): não-reconhecimento da consciência desperta; falta de consciência da base do ser como a essência da vacuidade [não-iluminação (BM); intensidade (cognitiva) de baixo nível (FRC); perda da consciência pura (KB); desconhecimento, ignorância (MW); não-reconhecimento (NJ)]

mahayoga (Skt. *mahayoga*; Tib.): O quarto dos seis níveis do tantra na escola Nyingma; o enfoque em que todos os fenômenos são vistos como a inseparabilidade dos dois níveis da verdade, puro desde o início no supremo dharmakaya

Maheshvara (Skt. Mahesvara, Tib. Wangkhyug Chhenpo): um epíteto de Shiva, considerado (especialmente na escola Nyingma do Budismo Tibetano) como protetor dos ensinamentos budistas

man-ngag (Tib.): instrução essencial; conselho do coração [instrução (CS); instrução experimental (DZP); instruções básicas (LS, WPT); instruções orais essenciais (NJ); instruções orais secretas (SL); ensinamentos que tocam o ponto principal (WS)]

man-ngag-dhe (Tib.): a Categoria da Transmissão Direta; a terceira de três categorias de ensinamentos em atiyoga, ou Grande Perfeição

mandala (Skt. *mandala*; Tib. *kyil-khor*): literalmente, em tibetano, "centro e circunferência"; a configuração simbólica que retrata um reino puro com as divindades

que habitam neles, expressando a totalidade do estado iluminado do ser [existência inconcebível e energia de sabedoria (WS)]

Manjushri, O Leão da Fala (Skt. Manjusri Vadisimha; Tib. Jampal Mrawai Seng-ge): um bodhisattva que incorpora a sabedoria e o conhecimento sublime de todos os budas e bodhisattvas

mara (Skt. *mara*; Tib. *dud*): forças que ligam alguém ao samsara e obstruem a busca da virtude; quatro são geralmente enumerados – as emoções aflitivas, os agregados da mente-corpo, a mortalidade e o fascínio com experiências meditativas positivas que impedem o progresso no caminho para o esclarecimento

me-long (ta-bui) ye-shey (Tib.): Consciência atemporal semelhante a um espelho; um dos cinco aspectos da consciência atemporal (*ver ye-shey nga*); refere-se ao fato de que a vacuidade não é um vácuo inerte, mas é prístinamente lúcida e livre de fatores de macula, como um espelho polido no qual qualquer coisa pode surgir [sabedoria primordial (BM); Consciência semelhante a um espelho (MK); sabedoria como um espelho (RW, WPT); Sabedoria do Espelho (SGK)]

med-pa (Tib.): inefabilidade; literalmente, "inexistência"; um dos quatro pontos-chave do samaya da Grande Perfeição; a conclusão definitiva de que a verdadeira natureza de todos os fenômenos é a vacuidade inexprimível, sem existência verdadeira ou de natureza independente

mi-gyur dor-jei ku (Tib.) literalmente, "vajrakaya imutável"; o quinto kaya, explicado a Dudjom Lingpa por Manjushri [o corpo da realidade indestrutível (NS)]

mig gi dzin-pa sem (Tib.): mente ordinária que reifica através da visão

mig gi zung-wa yul (Tib.): campo para a percepção de objetos visuais

mon-pa med-pa (Tib.): a ausência de especulação; uma das três "portas para a liberação" (*t'har-pai go*); refere-se ao fato de que na realidade última não existe nenhum contexto em que basear qualquer especulação sobre o objetivo da iluminação [ausência de aspiração (NJ); falta de aspiração (NS)]

nam(-par) shey(-pa) (Tib.; Skt. *viñana*): consciência; a via desimpedida para a manifestação de objetos sensoriais [consciência (CS, NJ, PC); percepção (KB); modos de consciência ou percepção (PE)]

nam(-par) tog(-pa) (Tib.): conceitualização

nang-wa (Tib.): aparências sensoriais; percepção; manifestação [aparências (CS, NJ, PC); exibição (CS); vir-à-presença (FRC); presença, (auto-)apresentação, reflexivo-temático (KB); como as coisas aparecem, presença (PE); percepções (WPT)]

nay-lug (Tib.): O modo de permanecer na verdadeira natureza dos fenômenos

ngag (Tib.; Skt. *mantra*): uma fórmula, geralmente em sânscrito, repetida em voz alta, cuja função é proteger a mente de visões errôneas

ngang(-tsul) (Tib.): natureza fundamental

ngey-don (Tib.): significado definitivo

ngö-med (Tib.): insubstancialidade

ngö-po (Tib.): substância, substancialidade

ngo-wo (Tib.): essência (do ser); vacuidade como o aspecto dharmakaya da verdadeira natureza da mente [essência (BM, DZP, GL, PC, VH); (todo-aberta) facticidade (do Ser) (KB, FRC); natureza (MW); O que se resume ao fundamental de fato (PE)]

ngo-wo-nyid (Tib.): a essência em si; denota a base do ser como a essência de todo o samsara e nirvana

ngo-wo-nyid (kyi) ku (Tib.; Skt. *svabhavikakaya*): literalmente, "o corpo da essência em si"; o quarto kaya, a totalidade dos três kayas como inseparáveis [estrato fundacional da facticidade pura (KB); a dimensão essencial do despertar (MW); personificação da natureza essencial (NJ)]

nirmanakaya (Skt. *nirmanakaya*; Tib. *trul(-pai) ku*): literalmente, "corpo de emanção, a manifestação física impermanente do ser iluminado em resposta às necessidades dos seres comuns [corpo manifesto (BM); dimensão manifesta do despertar (MW), corpo encarnado (NGP); forma de emanção miraculosa e desobstruída (WS)]

nirvana (Skt. *nirvana*; Tib. *nyang-day*): literalmente, "transcendência do sofrimento"; o estado desperto da budeidade

nyam(-kyi nang-wa) (Tib.): experiência meditativa (efêmera) [experiências (CS); experiência mística (GL); Experiências aparentes (NJ); sinal experiencial do desenvolvimento da prática (PE)]

nyam-nyid ye-shey (Tib.): consciência atemporal como igualdade; um dos cinco aspectos da consciência atemporal (*ver yeshey nga*); a consciência do samsara e nirvana como a exibição de igual pureza na suprema vacuidade [sabedoria primordial da equanimidade (BM); sabedoria da igualdade (LS); Consciência da Igualdade Fundamental (MK); Sabedoria primordial da natureza da igualdade (NJ); cognição pristina da igualdade (NS); Sabedoria Todo-igualadora (SGK); Sabedoria da igualdade (WPT)]

nyam-par zhag-pa (Tib.): equilíbrio meditativo (formal); um termo usado por Shri Simha para denotar o repouso sem artifício em sua natureza fundamental

nyan-gyud (Tib.): a linhagem da transmissão oral

nying-je (Tib.): compaixão

nying-po (Tib.; Skt. *garbha*): essência do coração; especificamente, a consciência permanecendo como a essência destilada de todos os fenômenos [o coração de (BM);

Dinâmica evolutiva, impulso em direção a si mesmo, a energia total do sistema (FRC); embrião (GL); núcleo (NS); pulsação da energia, núcleo (PE); coração/essência (VH)]

Nyingma (Tib.): a escola mais antiga do Budismo Tibetano; que data do século VIII, quando Padmakara visitou o Tibete

nyon-yid (Tib.): consciência emocionalmente aflita; a percepção de um "eu", fazendo com que a mente reaja com base na emotividade [ato do ego emocionalmente fortificado (KB), mente contaminada (MW), eventos mentais baseados na paixão (NJ), consciência do intelecto dotada de emoções conflitantes (NS)]

od-sal (Tib.; Skt. *prabhasvara*): lucidez total; denota a natureza fundamental da consciência, a natureza de Buda, como prístina e lúcida, livre de fatores de macula [clareza, absorção luminosa (BM); clara luz (GL, MW, SL, WPT); translucência absoluta, a fonte vibrante da experiência (KB); luminosidade (LS, SGK, VH)]

od-sal dor-je nying-po (Tib.): literalmente, "a essência do coração vajra da total lucidez"; o quinto dos sete termos que se refere à Grande Perfeição como explicado a Dudjom Lingpa por Ekajati [doutrina da essência adamantina da Clara Luz (GL); essência vajra da clara luz (NJ, PC)]

Orgyan Tsokyey Dorje (Tib.): Literalmente, "Vajra Nascido do Lago de Oddiyana"; Epíteto de um aspecto de Padmakara

pad-ma (Tib.; Skt. *padma*): lótus; uma das cinco famílias de Buda, denotando o base do ser sem manchas por falhas

Padmakara (Skt. Padmakara; Tib.): o mestre da tradição Budista Indiana, que foi o principal responsável por levar os ensinamentos vajrayana para o Tibete no século VIII; também conhecido como Padmasambhava ou Guru Rinpoche

pratyekabuddha (Skt.; Tib. *rang-gyal* or *rang sang-gyay*): literalmente, "buda auto-realizado"; aquele que segue ou realizou o caminho hinayana, o que provoca à realização da inexistência da identidade pessoal e da realização parcial de que os fenômenos são interdependentes e não têm natureza independente.

rang-dang (Tib.): clarão natural

rang-gyud (Tib.): por direito próprio

rang-jung (Tib.): ocorrência natural

rang-nang (Tib.): Manifestações da consciência própria; manifestação natural; projeções da própria mente

rang-ngo (Tib.) : essência própria

rang-sa (Tib.): estado natural; contexto próprio

rang-sem (Tib.): mente natural

rang-tsan-pa (Tib.): existência independente

rang-wang gyur-wa (Tib.): (obter) domínio; obter a verdadeira independência (no sentido do domínio da própria situação)

rang-zhin (Tib.; Skt. *svabhava*): natureza (do ser); a lucidez da mente que representa a realização e a manifestação do sambhogakaya [natureza (BM, DZP, GL, PT, SL, VH); realidade (do Ser) (FRC, KB); natural (NJ, PC); expressão natural (NS, WPT); realidade, essência (PE)]

rang-zhin med-pa (Tib.): ausência de natureza independente

Ratnasambhava (Skt.; Tib. Rinchhen Jungdan): literalmente, "Fonte de Preciosidade"; entre os budas das cinco famílias é o buda associado à direção sul; o nome denota a base do ser como a fonte de todos os elementos do caminho e sua fruição, e dotado de uma abundância de qualidades positivas

rig (Tib.): literalmente, "família"; um esquema para descrever as deidades em termos que correspondem à fixação dos seres em suas espécies; cinco dessas famílias são geralmente enumeradas (*ver dor-je; lay; pad-ma; rin-chhen; sang-gyay*)

rig-pa (Tib.; Skt. *vidya*): (o reconhecimento da) consciência desperta, em que a base do ser torna-se evidente, com a verdadeira natureza da mente presente como a energia dinâmica dessa consciência; seu "aspecto fundamental" é a consciência da natureza fundamental da base do ser; seu "aspecto do caminho" é a experiência contínua da consciência imaculada e lúcida [cognição (CS); excitação cognitiva, integridade em intensidade extática, intensificação cognitiva (FRC); consciência imediata, estado de contemplação (GL); consciência pura (KB, NJ, PC); cognitividade pura, não-representativamente cognitiva (KB); sabedoria inata ou vigilância, presença pura, ser primordial (NGP); conscientização (NS, WPT); flash de consciência, flash de conhecimento que dá a consciência suas qualidades (iluminação) (PE)]

rigdzin (Tib. *rig-dzin*; Skt. *vidyadhara*): aquele que "detem" a realização da consciência desperta

rin-chhen (Tib.; Skt. *ratna*): jóia; também, uma das cinco famílias do Buda, denotando a base do ser funcionando como a fonte de todos os kayas e aspectos da consciência atemporal

rol-pa (Tib.): exibição [jogo (BM, FRC, NJ, PC); manifestação (GL); jovialidade (KB); excitação (PE)]

rudra (Skt. *rudra*; Tib.): influências prejudiciais devido à ignorância e negatividade, personificado como uma figura demoníaca

sadhana (Skt. *sadhana*; Tib. *drub-pa*): técnicas formais que promovem o desenvolvimento espiritual e a realização

samaya (Skt.; Tib. *dam-tsig*): os princípios aos quais um praticante se compromete pessoalmente à prática vajrayana

sambhogakaya (Skt. *sambhogakaya*; Tib. *long-kyod dzog-pai ku*): literalmente, "corpo do gozo perfeito"; a manifestação da forma pura do ser iluminado é perceptível apenas aos seres de realização avançada [dimensão da fruição do despertar (MW); corpo do desfrute perfeito (NS); contato primordial com a riqueza total e todas as suas satisfações (PE); qualidades imensuráveis da forma perfeita, inconcebível, sem exaltação de desejo (WS)]

samsara (Skt. *samsara*; Tib. *khor-wa*): existência cíclica; o estado não iluminado de um ser comum

sang-gyay (Tib.; Skt. *buddha*): (estado) de buda; também, uma das cinco famílias do buda, denotando a base do ser pelo qual as distorções dos padrões habituais são eliminadas no espaço básico e o contexto da consciência atemporal e qualidades positivas se desenrolam

sang-ngag dor-je t'heg-pa (Tib.): literalmente, "a abordagem do mantra secreto do vajrayana"; o primeiro de sete termos que se refere aos ensinamentos da Grande Perfeição, como explicado a Dudjom Lingpa por Ekajati

sang-wa (Tib.): segredo, sigilo; há dois aspectos: "ocultação" (Tib. *bay-pai sang-wa*), na medida em que os ensinamentos vajrayana são mantidos muito privados e transmitidos somente sob certas condições; e "auto-secretos" (Tib. *gab-pa; sang-wa*), na medida em que tais ensinamentos não podem ser compreendidos sem preparação e instrução pessoal

Saraha (Skt.; Tib.): um grande mestre vajrayana e siddha do budismo indiano; Dudjom Lingpa era uma emanção de Saraha

sem (Tib.): mente no sentido comum, caracterizada pelo não-reconhecimento da consciência desperta, com pensamentos sujeitos à originação e à cessação como a energia dinâmica desse não-reconhecimento [ato cognitivo (CS); atividade mental (FRC); mente (GL, KB, NJ, PC, PE); pensamentos, processo de pensamento (GL); intentividade, cognitividade operacional (KB); a mente racional finita, dualista/discursiva, mente conceitual (NGP); experiência, potencial para experiência (PE)]

sem-dhe (Tib.): a Categoria da Mente; a primeira das três categorias de ensinamentos em atiyoga, ou Grande Perfeição

sem-kyed (Tib.): fazendo surgir a mente do despertar, ou bodhichitta; decidir que samsara e nirvana são a fantasmagoria de uma única consciência é a maneira mais sagrada de fazer surgir a mente do despertar (*ver jang-chhub kyi sem*)

sem-nyid (Tib.): mente em si, ou a natureza da mente, em contraste com os conteúdos da mente como pensamentos, percepções, emoções e assim por diante [Mente (BM);

experiência pura, experiência como tal (FRC); Mente como tal (KB, LS); mente-essência (LM); natureza da mente (NJ, PC)]

shey-drib (Tib.): obscurecimentos cognitivos; obscurecimentos quanto à verdadeira natureza dos fenômenos

shey-pa (Tib.): conhecimento

shey-rab (Tib.; Skt. prajna): o sublime conhecimento como o aspecto do desenvolvimento espiritual que corresponde ao nível da realidade última; sua fase inicial, ou "aspecto da base", é uma compreensão do estado fundamental do samsara e do nirvana como a supremo vacuidade; seu "aspecto do caminho" é a experiência contínua desse entendimento, introduzindo alguém diretamente para a via desimpedida da consciência aberta e relaxada [sabedoria (BM, DZP, MW, WPT); consciência discriminativa (no contexto dos três treinamentos) (DZP); perspicácia analítica e crítica (FRC); conhecimento (LM); discernimento apreciativo (MW); gnose, sabedoria transcendental (NGP); conhecimento (NJ, PC); sabedoria discernente (SL); conhecimento ou inteligência; em particular, o conhecimento que realiza a ausência do ego (VH); sabedoria perspicaz (WPT)]

shi-ched (Tib.): literalmente, "carrasco executor"; a personificação do investimento errôneo do próprio corpo com existência verdadeira, uma vez que esta má compreensão fornece a ligação entre a morte e o próximo nascimento no samsara

shravaka (Skt. *sravaka*; Tib. *nyan-t'ho*): literalmente, "quem ouve ou escuta"; um praticante do caminho hinayana que percebe a inexistência da identidade pessoal, mas ainda se fixa aos fenômenos como tendo uma natureza independente; o caminho do shravaka leva à realização de um arhat, aquele que "conquistou o inimigo interior" das emoções aflitivas e não acumula mais o carma ou experimenta o sofrimento como resultado

Shri Simha (Skt. Sri Simha; Tib.): o mestre da linhagem da Grande Perfeção que codificou os ensinamentos da Categoria de Transmissão Direta em quatro ciclos de ensinamentos externos, internos, secretos e os mais secretos e insuperáveis

Shrimat (Skt. Srimat; Tib. Paldang Danpa): literalmente, "Dotado de Glória"; o reino puro associado ao buda Ratnasambhava e a direção sul

siddha (Skt. *siddha*; Tib. *drub-t'hob*): aquele que obteve o siddhi, ou realização espiritual; um termo para um santo realizado do caminho vajrayana

siddhi (Skt.; Tib. *ngö-drub*): conquista obtida através da prática espiritual; são distinguidos dois tipos: poderes e realizações relativamente comuns, como a clarividência e a telepatia, e o sublime siddhi da iluminação em si

so-sor tog-pai shey-rab (Tib.): a qualidade discernente do conhecimento sublime; conhecimento adquirido através de investigação analítica levando à conclusão definitiva de que todos os fenômenos são a vacuidade

(so-)sor-tog(-pai) ye-shey (Tib.): o discernimento da consciência atemporal; um dos cinco aspectos da consciência atemporal (*ver ye-shey nga*); a via desimpedida para a expressão da lucidez da mente que entende cada coisa individualmente [sabedoria primordial discriminativa (BM); Consciência de Investigação Todo-abrangente (MK); sabedoria pristina de discernimento (MW); o discernimento da consciência-sabedoria (RW); sabedoria discernente (SGK); sabedoria perspicaz (WPT)]

srog-chod (Tib.): literalmente, "cortador da força vital"; uma personificação do investimento errôneo do próprio corpo com existência verdadeira, uma vez que alguém é levado a buscar a felicidade por causa do corpo, separando a linha vital da libertação pela fixação no apego e aversão

srung-khor (Tib.): círculo de proteção, um componente da prática de sadhana; tornar evidente o sublime conhecimento que realiza que as coisas não têm nenhuma identidade, constitui o círculo de proteção real

Sukarmapuma (Skt. Sukarmapuma; Tib. Layrab Dzogpa): literalmente, "Atividade Totalmente Perfeita"; o reino puro associado ao buda Amoghasiddhi e a direção norte

Sukhavati (Skt. Sukhavati; Tib. Dewachan): literalmente, "(Reino) Bem-aventurado"; o reino puro associado ao buda Amitabha e à direção oeste

sung (Tib.): fala iluminada

ta-wa (Tib.): visão; refere-se à "visão de mundo" ou fundamentos filosóficos de uma determinada abordagem espiritual; Na abordagem da Grande Perfeição, a visão é a compreensão do ponto de encontro supremo do samsara e do nirvana – espaço básico, no qual os três modos de samsara, nirvana e o caminho espiritual são perfeitos e completos

tan la wab-pa (Tib.): para chegar a uma conclusão definitiva

tathagata (Skt. *tathagata*, Tib. *de-zhin sheg-pa*): literalmente, "(aquele) que foi para a talidade"; um epíteto para um Buda, muitas vezes Buda Shakyamuni

ten-drel (Tib.): conexão interdependente

t'ha (Tib.): limitação

t'hab (Tib.; Skt. *upaya*): meios hábeis como o aspecto do desenvolvimento espiritual que corresponde ao nível da realidade relativa, associado ao ganho de mérito

t'heg-pa (Tib.; Skt. *yana*): uma abordagem espiritual que integra os princípios do desenvolvimento espiritual em um sistema prático de aplicação

t'heg-pa rim-pa gu (Tib.): as nove abordagens espirituais de desenvolvimento elaboradas nos ensinamentos da escola Nyingma; os três caminhos do shravaka, pratyekabuddha e bodhisattva, e os seis níveis de tantra – kriyatantra, upatantra, yogatantra, mahayoga, anuyoga e atiyoga; as oito abordagens mais baixas são incluídas dentro do nono yana de atiyoga, ou Grande Perfeição

t'hig-le (Tib.; Skt. *bindu*): a esfera (do ser); implica o "além de todos os ângulos e cantos dos conceitos" [esfera, círculo (CS); essência criativa (DZP); essência (WPT)]

t'hig-le nyag-chig (Tib.): literalmente, "bindu único, ou esfera (de ser)", único no sentido de que samsara e nirvana são de um só sabor na bodhicitta; o quarto de sete termos que se refere às doutrinas da Grande Perfeição, como explicado a Dudjom Lingpa por Ekajati [círculo único (CS)]

t'hod-gal (Tib.): literalmente, "superando o pináculo"; uma das duas fases da prática e do ensino da Grande Perfeição (*ver também t'reg-chohod*) [Abordagem Direta (BM, DZP); travessia direta (CS, DZP); saltar sobre (DZP); salto final (FRC); transcendência (NGP); atravessar sobre (NJ, PC)]

t'hreg-chohod (Tib.): literalmente, "cortando através da solidez", uma das duas fases da prática e do ensino da Grande de Perfeição (*ver também t'hod-gal*); *O Estado Búdico Sem Meditação* é um manual de ensino do *t'reg-chohod* [cortando através (BM, NGP, NJ, PC, VH); descoberta/avanço, cortando através de todos os apegos (DZP); sem entraves (FRC); Vendo Através (NGP)]

t'hug (Tib.): mente iluminada; a experiência direta do espaço básico como pureza original, livre de limitações conceituais

t'hug-je (Tib.): reatividade (do ser); a união da vacuidade como a essência da mente e da lucidez como sua natureza [compaixão (BM, DZP, NJ, PC, VH, WPT); energia (DZP, MW, SL); ressonância (do ser) (FRC); capacidade de resposta (KB); capacidade (RP)]

ting-nge-dzin (Tib.; Skt. *samadhi*): absorção meditativa; meditação em que a mente repousa naturalmente [contemplação (BM, MW, PE, SL); concentração meditativa (DZP, VH); estabilização meditativa (ME, NJ, PC)]

tod-pa (Tib.): O ato de louvar, um componente da prática de sadhana; sentir uma sensação de admiração e convicção quando se percebe a forma como o samsara e o nirvana permanecem como a grande perfeição é o louvor definitivo

tog-pa (Tib.): realização

tong(-pa)-nyid (Tib.; Skt. *sunyata*): vacuidade, ausência de qualquer natureza independente; uma das três "portas para a libertação" (Tib. *t'har-pai go*); refere-se à falta de existência verdadeira de qualquer coisa externa ou interna, e a ausência de diferenciação devido à percepção dualista [vaziez (HTV); natureza da vacuidade (NJ, PC)]

trö-pa (Tib.): elaboração (conceitual)

trul-ku (*ver nirmanakaya*)

tsan-ma med-pa (Tib.): ausência de características; uma das três "portas para a libertação" (Tib. *t'har-pai go*); refere-se ao fato de que a natureza de Buda é livre de

caracterização, comparação ou demonstração [ausência de características (NJ, PC); ausência de atributos (NS); ausência de sinais (HIV)]

tsog-drug (Tib.): os seis modos da consciência

tzal (Tib.): a energia dinâmica da base do ser, contabilizando todas as qualidades do estado desperto; quando é mal compreendida devido ao não-reconhecimento da consciência, dá origem a todos os aspectos da experiência ordinária [poder, habilidade (BM); criatividade (FRC, MW, PE, SL); (NJ, PC); potência, a manifestação externa da energia (SL)]

ub-chhub (Tib.): consumação todo-abrangente (*see khorday ub-chhub*)

ug-len (Tib.): literalmente, "ladrão de respiração"; uma personificação do investimento errôneo do corpo de alguém com existência verdadeira, na medida em que essa má compreensão rouba um dos sopros da felicidade duradoura

upayatantra (Skt. *upayatantra*; Tib. *u-pa-yai gyud*): o segundo dos seis níveis de tantra na escola Nyingma; a abordagem da obtenção da realização, especialmente através da repetição do mantra e absorção meditativa

Vairochana (Skt. Vairocana; Tib. Nampar Nangdzad): literalmente, "Manifestação Distinta"; entre os budas das cinco famílias, é o buda associado à direção central; o nome denota as qualidades positivas da natureza da mente tornando-se totalmente evidentes

vajra (*ver dor-je*)

Vajradhara (Skt.; Tib. Dorje Chhang): literalmente, "Portador do Vajra"; o dharmakaya buda que incorpora a natureza última da mente; a forma manifestada por Shakyamuni ao ensinar o tantra

Vajrapani (Skt. Vajrapani; Tib. Khyagna Dorje): literalmente, "Vajra em Mão"; o bodhisattva que incorpora o poder espiritual de todos os budas e bodhisattvas

vajrayana (Skt. *vajrayana*; Tib. *dor-je t'heg-pa*): o caminho da prática Budista baseado nos princípios expostos nos tantras

wang gyur-wa (Tib. .): (obter) domínio no yana (*see t'heg-pa*)

ye-shey (Tib.; Skt. *jnana*): consciência atemporal; consciência (shey) que é assim desde o início (ye), sempre tendo sido a verdadeira natureza não-dual da mente [sabedoria primordial (BM, NJ, PC); sabedoria (DZP, RW); consciência existencial (FRC); cognição pristina (KB); consciência sempre fresca (PE); sabedoria primordial (SL, WPT); estado desperto (VH)]

ye-shey nga (Tib.): os cinco aspectos da consciência atemporal – consciência atemporal como o espaço básico dos fenômenos (*chho-ying ye-shey*); consciência atemporal semelhante ao espelho (*me-long ta-bui yeshey*); consciência atemporal como igualdade

(*nyam-nyid ye-shey*); consciência atemporal como discernimento (*so-sor tog-pai ye-shey*); e consciência atemporal como realização espontânea (*ja-wa drub-pai ye-shey*)

yi (Tib.): mente conceitual; consciência que percebe todas as aparências sensoriais – os cinco sentidos físicos e o domínio das construções mentais

yi (kyi nam)-shey (Tib.): consciência baseada na mente conceitual; a via desimpedida para os seis tipos de objetos sensoriais, que integra essa informação em uma imagem coerente do mundo fenomenal.

yogatantra (Skt.; Tib. *nal-jor gyi gyud*): o terceiro dos seis níveis de tantra na escola Nyingma; a abordagem do calmo permanecer e insight profundo empreendido para perceber o espaço básico, desprovido de características

yon-tan (Tib.): qualidades iluminadas ou positivas

yul (Tib.): objeto (sensorial); campo para objetivação; campo; ambiente objetivo [domínio cognitivo (FRC); objeto (NJ, PC)]

yul-med (Tib.): não-existente como um objeto

za-dre (Tib.): literalmente, "demônio consumidor"; uma personificação do investimento errôneo do corpo de alguém com existência verdadeira, na medida em que o esforço feito para o corpo corrói ou mina o fruto da onisciência que resulta da realização espiritual

zhal-yay-khang (Tib.): mansão imensurável (de uma divindade); refere-se ao fato de que as qualidades da base do ser não podem ser medidas e preenchem completamente samsara e nirvana

zhi (Tib.): a base (do ser); a natureza fundamentalmente não-elaborada do ser; os ensinamentos da Grande Perfeição afirmam que esta base já está dotada de todas as qualidades do ser iluminado, perfeita e completa, sem ter que ser procurada ou criada deliberadamente; o processo do caminho espiritual é o de tornar a base evidente como a fruição, em vez de alterá-la fundamentalmente de qualquer forma [base (BM)]; Ser (FRC); fundamento-base (NJ, PC); base, fundação (SL)]

zhi-nay (Tib.; Skt. *samatha*): calmo permanecer

zhi-nyid (Tib.): a base (do próprio ser); a própria base

zhi-ying (Tib.): a base do ser como espaço básico

zhing-kham (Tib.): reino puro; denota o "campo" (zhing) do espaço básico como a natureza fundamental do ser (kham) a partir do qual não há nenhuma flutuação

zhon-nu bum-ku (Tib.): literalmente, "corpo-vaso jovem"; a natureza fundamental da consciência é "jovem" (*zhonnu*), uma vez que está livre de todo nascimento, morte e decadência; como um "vaso" (*bum*), uma vez que não há violação de sua presença espontânea abrangente; e referido como "corpo", ou "kaya" (*ku*), uma vez que suporta

uma acumulação de todas as qualidades do estado búdico; o sétimo dos sete termos que se referem aos ensinamentos da Grande Perfeição como explicado a Dudjom Lingpa por Ekajati

zhug-sol (Tib.): o pedido de permanência, um componente da prática de sadhana; manter o estado natural em todo o seu imediatismo, livre de transição ou mudança, é o pedido último para permanecer

zung-dzin (Tib.): a estrutura dualista do objeto e do sujeito; percepção dualista

zung-wa (Tib.): a percepção dos objetos; a manifestação de aparências sensoriais como formas visuais [objeto (GL)]

Zurchung Sbeyrab Dragpa (Tib.): professor famoso da escola Nyingma do budismo tibetano que viveu de 1014 a 1074